

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Atineia Novais

**CONFRONTO RÚSSIA E UCRÂNIA NO *JORNAL NACIONAL*:
a proeminência do ocidente em uma cobertura de guerra telejornalística**

Mariana
2023

Atineia Novais

**CONFRONTO RÚSSIA E UCRÂNIA NO *JORNAL NACIONAL*:
a proeminência do ocidente em uma cobertura de guerra telejornalística**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

Mariana
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N935c Novais, Atineia.

Confronto Rússia e Ucrânia no Jornal Nacional [manuscrito]: a proeminência do ocidente em uma cobertura de guerra telejornalística. / Atineia Novais. Atineia Novais. - 2023.

126 f.: il.: color., tab..

Orientador: Prof. Dr. Frederico Tavares.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Comunicação de massa e guerra. 2. Jornalismo - Aspectos políticos. 3. Ocidente. 4. Rússia. 5. Ucrânia. I. Novais, Atineia. II. Tavares, Frederico. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 659.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Atineia Novais

**CONFRONTO RÚSSIA E UCRÂNIA NO JORNAL NACIONAL:
a proeminência do Ocidente em uma cobertura telejornalística de guerra**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 29 de agosto de 2023.

Membros da banca

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (Orientador) - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Hila Bernadete Silva Rodrigues - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando - Universidade Federal de Ouro Preto

Frederico de Mello Brandão Tavares, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/02/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico de Mello Brandao Tavares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/02/2024, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0664178** e o código CRC **1B4CBB A5**.

À minha querida mãe,
Clementina Signo de Novais, ...

... que, apesar tudo o que passou na vida, e que
eu soube só depois, nunca desistiu e sempre
me incentivou a seguir um caminho diferente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e ao Convênio Programa PEC-G por me proporcionarem a oportunidade de fazer um curso superior na área de Comunicação em uma instituição federal, por me acolherem tão bem como estudante estrangeira, pelos auxílios financeiros que foram cruciais para a minha permanência e por sempre buscarem soluções comprometidas com o respeito ao próximo, o que muito me incentivou a seguir e a não desistir.

Meus agradecimentos à rede de acompanhamento e acolhimento da UFOP, em especial a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) e ao Núcleo de Assuntos Comunitários e Estudantis (NACE), por estarem sempre presentes nos momentos mais críticos da minha caminhada.

À minha mãe, Clementina Novais, pelo incentivo incondicional para seguir com os estudos apesar da dificuldade financeira e da saudade presente constantemente desde o momento que saí de casa e embarquei na jornada acadêmica no Brasil.

Ao meu país, São Tomé e Príncipe, por realizar parcerias com instituições de ensino superior no exterior, que oferecem vagas de estudo a estudantes Santomenses em Universidades Federais do Brasil e, por viés dessas iniciativas, melhorar um pouco a questão de desigualdade social local, dentre outros índices de desenvolvimento.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Jornalismo (DEJOR), em especial meu querido orientador, Frederico Tavares, por todas as contribuições preciosas e construtivas, pela paciência, pelo apoio, atenção e pela presença durante todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa de conclusão de curso.

Sou grata ao professor Fred por tudo, principalmente por me orientar nos momentos difíceis e de estar sempre disposto a buscar soluções que não prejudicassem todo um processo. Obrigada, professor, por não soltar minha mão.

Não poderia deixar de mencionar a professora Hila Rodrigues e agradecer por participar da banca do meu TCC e ter indicado referências que contribuíram com a evolução da minha pesquisa. Agradeço, ademais, ao professor Ricardo Orlando por aceitar o convite a participar da banca de defesa, assim como por sua contribuição para minha formação profissional ao longo da Graduação.

Agradeço ao Fernando Pires, meu querido amigo. Agradeço o companheirismo e por tornar a rotina do dia a dia mais alegre, pelos "rolês" e pelos difíceis e construtivos debates.

Agradeço a todos os colegas que dividiram a república “Taqueupa” comigo. Passamos por vários e bons bocados de desafios relacionados às nossas trajetórias acadêmica e pessoal, que só foram possíveis de ultrapassar porque, no final, sempre preservamos o mínimo do respeito ao próximo e os laços de amizade.

“Entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas”.

Aimé Césaire

RESUMO

Esta monografia tem como propósito analisar a cobertura televisiva do conflito entre Rússia e Ucrânia, realizada em 2022 pelo *Jornal Nacional (JN)*, que se destaca como o principal telejornal da *Rede Globo*. O enfoque central recai sobre a maneira pela qual o referido veículo elabora narrativas que tendem a favorecer uma perspectiva sobre valores ocidentais. O conflito em questão é amplamente reconhecido como um dos mais complexos e significativos do século XXI, exercendo um impacto no cenário geopolítico internacional. O escopo da pesquisa abarca a busca por uma compreensão abrangente dos múltiplos aspectos subjacentes ao conflito, ultrapassando a análise superficial da invasão russa à Ucrânia. O estudo reconhece a relevância crítica desempenhada por ambas as partes na construção das narrativas desde os estágios iniciais do embate. Essas narrativas englobam considerações de cunho geopolítico até demandas por autonomia, questões territoriais e o choque entre diferentes sistemas de valores e culturas. O cerne da investigação concentra-se na abordagem adotada pelo *Jornal Nacional* ao relatar o conflito; com o intuito de identificar de que maneira esse telejornal molda e promove valores alinhados com a perspectiva do Ocidente, influenciando a percepção dos telespectadores. Para atingir esse objetivo, a análise visa obter uma compreensão acerca da forma como os meios de comunicação contribuem para a construção e a hierarquização de narrativas privilegiadas no contexto geopolítico. No que tange à metodologia empregada, o estudo abraça uma observação sobre as fontes do jornal, como pilar central das matérias jornalísticas, aliada à elaboração de tabelas que são utilizadas para examinar as reportagens e promover um recorte. A finalidade reside em discernir a exposição midiática de figuras-chave para o jornal e seus respectivos posicionamentos. Conclui-se que a cobertura midiática do *JN* desempenha um papel narrativo que valoriza determinadas perspectivas moldadas pela ideologia hegemônica ocidental no complexo contexto político internacional, antagonizando Ucrânia e Rússia, colocando essa última como polo oposto aos interesses ocidentais, assemelhados a valores globais.

Palavras-chave: Cobertura de Guerra; Rússia; Ucrânia; *Jornal Nacional*; Ocidente.

RÉSUMÉ

Cette monographie vise à analyser la couverture télévisée du conflit actuel entre la Russie et l'Ukraine, réalisée par le *Jornal Nacional* (JN), qui se distingue en tant que principal journal télévisé de la chaîne *Rede Globo*. L'accent est principalement mis sur la manière dont ce média élabore des récits qui ont tendance à favoriser la perspective des valeurs occidentales. Le conflit en question est largement reconnu comme l'un des plus complexes et significatifs du XXI^e siècle, exerçant un profond impact sur la scène géopolitique internationale. La portée de la recherche englobe la quête d'une compréhension globale des multiples aspects sous-jacents au conflit, allant au-delà de l'analyse superficielle de l'invasion russe en Ukraine. L'étude reconnaît l'importance critique jouée par les deux parties dans la construction des récits dès les premières étapes du conflit. Ces récits englobent des considérations géopolitiques ainsi que des demandes d'autonomie, des questions territoriales et le choc entre différents systèmes de valeurs et cultures. Le cœur de l'enquête se concentre sur l'approche adoptée par le Journal National pour aborder le conflit, dans le but d'identifier comment ce journal télévisé façonne et promeut des valeurs alignées sur la perspective occidentale, influençant la perception des téléspectateurs. Pour atteindre cet objectif, l'analyse vise à mieux comprendre comment les médias contribuent à la construction et à la hiérarchisation des récits privilégiés dans le contexte géopolitique. En ce qui concerne la méthodologie employée, l'étude repose sur une observation des sources du journal en tant que pilier central, alliée à l'élaboration de tableaux qui servent à examiner les reportages et créer une sélection. L'objectif est de discerner l'exposition médiatique des acteurs clés pour le journal et leurs positions respectives. Il est conclu que la couverture médiatique de JN joue un rôle narratif qui valorise certaines perspectives façonnées par l'idéologie hégémonique occidentale dans le contexte géopolitique contemporain complexe, contrariant l'Ukraine et la Russie, plaçant cette dernière comme un pôle opposé aux intérêts occidentaux, ressemblant aux valeurs mondiales.

Mots-clés: Couverture de la guerre; Russie; Ukraine; *Jornal Nacional*; Occident.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Mapa da divisão territorial de Ucrânia e Rússia.	29
Figura 02. Bandeiras enfileiradas na área em frente ao prédio das Nações Unidas.	36
Figura 03. Mapa de ogivas nucleares.	39
Figura 04. Mapa da divisão armamentista, a esquerda o poder de fogo da OTAN, a direita o poder de fogo da Rússia.	43
Figura 05. Mapa da divisão dos EUA e Rússia.	45
Figura 06. Na tela, à esquerda, o presidente dos EUA, Joe Biden, e à direita, o presidente da Rússia, Vladimir Putin.	46
Figura 07. Na tela, à esquerda, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, o presidente dos EUA, Joe Biden, à direita.	50
Figura 09. Retrato de Roberto Marinho (1904-2003).	62
Figura 10. Na tela, à esquerda, a presidente da União Europeia (UE), Ursula von der Leyen, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, à direita, no centro, o presidente da França, Emmanuel Macron.	69
Figura 11. Imagem utilizada na escalada de manchete do Jornal Nacional. Na tela, presidente da Rússia, Vladimir Putin.	78
Figura 12. Militares supostamente russos atacando a Ucrânia.	79
Figura 13. Armamentos militares supostamente posicionados na fronteira da Ucrânia.	80
Figura 14. Na tela presidente dos EUA, Joe Biden.	80
Figura 15. Na tela, à esquerda, jornalista, William Bonner, e à direita, jornalista, Renata Vasconcelos.	81
Figura 16. Armamentos militares supostamente posicionados na fronteira da Ucrânia.	82
Figura 17. Moscou.	84
Figura 18. Moeda dos EUA, Dólar.	85
Figura 19. Moeda euro.	86
Figura 20. Bandeira de países membros da Aliança Militar do Ocidente (OTAN).	87
Figura 21. Soldado armado.	87
Figura 22. Jato de guerra.	89
Figura 23. Ogivas nucleares modernas.	90
Figura 24. Iate.	92
Figura 25. Em evidência presidente, Vladimir Putin. Ao fundo empresário, Igor Sechin.	92
Figura 26. Congresso americano.	93

Figura 27. Jornalista, William Bonner.....	96
Figura 28. Moeda russa, Rublo.....	98
Figura 29. Mapa de relações geopolíticas dos EUA.....	100
Figura 30. Mapa de relações geopolíticas da Rússia.....	101
Figura 31. Pão francês.....	102
Figura 32. Mapa ilustrativo da base militar da OTAN.....	104
Figura 33. Mapa ilustrativo da base militar da OTAN.....	105
Figura 34. Ponto de extração de combustíveis fósseis.....	106
Figura 35. Usina de carvão, local não identificado. .	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – A ocidentalização diante do cenário global de crise	28
1.1. Entrelaços de uma guerra: contextualização Rússia e Ucrânia.....	28
1.2. OTAN, discursos de supremacia e divergências antigas com a Rússia.....	36
1.3. Tensão no campo global: Guerra Rússia e Ucrâniana	39
1.4. Conjuntura global e transformações paralelas	52
1.4.1. Neutralidade na crise do leste europeu.....	54
CAPÍTULO II – JN e a promoção sociopolítica do Ocidente.....	57
2.1. Grande mídia: Coberturas seletivas de guerra	58
2.2. Produção de conteúdos televisivos ideológicos.....	61
2.3. A construção de narrativas televisivas.....	63
2.3.1. Linha Editorial do JN e o Valor Ocidental.....	65
2.3.2. Da ideologia ao processo de hierarquização de vozes	66
2.4. O útil para as narrativas: hegemonias construídas	69
CAPÍTULO III – Análise da cobertura do JN na guerra entre Rússia e Ucrânia.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

A guerra entre Rússia e Ucrânia já é um dos conflitos mais complexos do século XXI, com impacto geopolítico que transcende o mundo ocidental; em certa medida, o confronto impactou nas relações socioeconômicas no mundo.

No decorrer deste trabalho, buscaremos compreender este conflito em diferentes aspectos, que vão além da invasão da Rússia à Ucrânia, reconhecendo que ambos os lados têm funções fundamentais numa onda de narrativas que vem sendo levantadas desde o primeiro dia da guerra, referente à crise bélica iniciada em 2022, no que tange narrativas que envolvem interesses geopolíticos, lutas por autonomia e disputas territoriais, valores e culturas.

Nas transformações geopolíticas decorrentes do confronto, percebemos o quanto a televisão brasileira tem uma “cultura de aceitação” de visões do mundo ocidentais. No contexto jornalístico nacional, percebe-se o papel do *Jornal Nacional (JN)* como um ator responsável por criar narrativas em prol da defesa dos valores ocidentais, o que coincide com seus próprios interesses ideológicos históricos, tal qual já apontado por inúmeras pesquisas (CARVALHO, 2022).

Os meios de comunicação como o *JN* desempenham um papel crucial na formação da opinião pública no seio social e na construção de perspectivas sobre eventos internacionais de grande magnitude. Em coberturas midiáticas de um confronto, como o caso da Rússia e Ucrânia, estes meios de comunicação podem influenciar a percepção do público, assim como moldar a compreensão dos acontecimentos e até mesmo influenciar as políticas adotadas pelos governos internos e externos (MORAES, 2013).

Nesta monografia, a partir de uma da *cobertura jornalística sobre o conflito Rússia e Ucrânia* pelo *JN*, investigaremos como estão construídas as abordagens que o telejornal produz para favorecer a defesa dos valores ocidentais. Buscaremos identificar quais valores ocidentais a *Rede Globo* vem preservando, defendendo e apresentando para seus telespectadores. O *JN* é um importante ator do cenário político brasileiro, influenciando decisivamente em diversos momentos históricos (LEME, 2020).

Ao pesquisar as coberturas midiáticas hegemônicas feitas sobre acontecimentos de grande amplitude é significativo questionar algumas correntes estruturadas pela ação da mídia, que dá o protagonismo recorrentemente aos mesmos rostos e corpos, com os mesmos

ideais; o que contribui para a manutenção do “outro dominado”¹, pelas mesmas classes dominantes economicamente. Além disso, analisar a cobertura desse conflito específico é essencial para entendermos como a mídia brasileira contribui para construção e hierarquização de vozes² privilegiadas no contexto geopolítico e histórico.

Portanto, o ponto de partida deste trabalho é tensionar a onda do discurso contemporâneo advinda do Ocidente, escandalizado pela guerra entre Rússia e Ucrânia, distribuída pela mídia ideológica e construída pelo *JN*. Um acontecimento desta magnitude mostra-nos como a política e o jornalismo estão intrinsecamente relacionados, contribuindo para a transformação da sociedade (LEME, 2020) e da ordem econômica mundial.

Parte-se, para este estudo, de uma compreensão da guerra entre Rússia e Ucrânia como um evento social de impacto internacional de um produto midiático, o telejornal *JN*, como um programa televisivo que reproduz as narrativas e ideologias, e que faz parte dos conglomerados de comunicação no Brasil, marcadamente comandados por famílias que concentram em suas mãos as concessões públicas de emissoras de rádio e televisão (LEME, 2020).

No processo de entendimento de ambos os pontos, observamos um laço entre a grande mídia brasileira com estruturas ideológicas ocidentais. Tal laço incide sobre a forma como a cobertura telejornalística de guerra, produzida e disseminada pelo *JN*, representa o mundo ocidental aos seus telespectadores, o que conseqüentemente direciona um enredo criado propositalmente para contribuir com apologias e reproduzir discursos da hegemonia de países dominantes (CARVALHO, 2022).

Considerando que a comunicação permeia todos os fenômenos sociais, a mídia desempenha um papel crucial e em constante evolução no cenário contemporâneo. Portanto, a análise de produtos midiáticos e a promoção de estudos nesse campo são igualmente relevantes como ações sociais.

Se é postulado nosso que as práticas discursivas constituídas em torno da mídia estão no coração da cultura ocidental contemporânea e que a sociedade se conduz por uma intensa midiaticização dos processos sociais, não corroboramos a ideia de que a mídia engolfa totalmente a experiência social.

¹ O outro dominado aqui referido é aquele que, na maior partes das vezes, como em um grande acontecimento (a guerra entre Rússia e Ucrânia, por exemplo), observa-se na manutenção de uma ideologia de segregação. Sempre que o acontecimento servir para enaltecer falas de autoridades que pertencem aos mesmos rostos e mesmos corpos entendemos que há uma hierarquia racial e social, e que é nestas entrelinhas que ocorre a manutenção do “outro dominado” e dos privilégios.

² No contexto da pesquisa, entende-se: primeiro a voz do Ocidente, depois a voz do outro (resto do mundo) e, junto a voz do *Jornal Nacional*. Entendemos que as três vozes em questão constroem um viés Ocidental de supremacia.

A mídia não diz sozinha da comunicação e tampouco da vida social (ANTUNES; VAZ, 2006, p.1)

A partir dos questionamentos dos autores, que dizem que não corroboramos com a idéia que a mídia engolfa totalmente a experiência social (ANTUNES; VAZ, 2006), analisamos os discursos ideológicos construídos pela mídia, que adota a pretensa postura de neutralidade e imparcialidade perante os fatos. No entanto, compreendemos o jornalismo como um discurso que contribui para a construção da realidade (LEME, 2020).

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a forma como ideologias hegemônicas ocidentais são promovidas e difundidas por meio das reportagens televisivas do *JN*. Essa pesquisa se justifica pela relevância do conflito geopolítico em tela e contribui para o debate sobre a influência da mídia jornalística brasileira hegemônica como um agente que desempenha um papel significativo na cobertura de grandes crises internacionais e na defesa das ideologias ocidentais.

O trabalho encontra-se dividido em quatro partes: primeiro, segundo, terceiro capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, examinamos as relações entre Rússia, Ucrânia e seus aliados durante a guerra, e como esses eventos emergem nas reportagens de guerra do *JN*. Essa análise inicial é essencial para compreendermos as complexidades do período anterior ao conflito, sem dissociar o confronto do produto midiático que estamos investigando, o *JN*.

Vamos expor uma panorâmica da cobertura dos primeiros três dias do conflito entre Rússia e Ucrânia, na crise estourada em 2022, quando todas as situações apontavam para a incerteza. Como pode-se perceber, o *JN* assume a missão de cobrir a guerra, dedicando grande parte do programa às reportagens que traziam informações provenientes dos Estados Unidos e da Europa.

No dia 24 de fevereiro de 2022, durante o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, o *JN* apresentou coberturas telejornalísticas que incluíam destaques dos momentos tensos que ocorreram antes e durante o conflito entre os dois países. Tais produções fornecem materiais importantes para compreendermos pontos de vista adotados pela emissora *Globo* na criação desses conteúdos.

No dia 25 de fevereiro de 2022, a internet estava agitada devido à viralização de um vídeo nas redes sociais onde um veículo blindado alterava sua trajetória para passar por cima de um carro que seguia em sentido contrário. As imagens foram fortes, o vídeo ganhou grande

repercussão e se tornou manchete no *JN*, com a chamada afirmando que “um tanque russo tinha cometido uma covardia brutal”.

Observando os dois primeiros dias de cobertura da guerra entre Rússia e Ucrânia pode-se perguntar sobre a cobertura subsequente ao acontecimento.

No dia 21 de março de 2022, o *JN* se retratou publicamente pela disseminação do conteúdo. Após um atraso de 24 dias, o telejornal reconheceu que cometeu um erro ao divulgar o vídeo do incidente envolvendo o blindado que atropelou um carro na Ucrânia. Durante o pedido de desculpas, o *JN* afirmou:

No início da invasão da Ucrânia pela Rússia, no dia 25 de fevereiro, o Jornal Nacional publicou imagens muito emblemáticas do horror que uma guerra produz: um tanque que mudou repentinamente de rota e esmagou um carro que transitava em sentido contrário. Na escalada de manchetes daquela edição, na descrição dessa cena, nós dissemos que um tanque russo tinha cometido uma covardia brutal. E essa afirmação não tinha base suficientemente sólida para ser feita. Foi um erro. Passados 24 dias desde que aquelas imagens chocantes viralizaram, todo o esforço exaustivo da imprensa para esclarecer os fatos resultou numa certeza: apesar de as cenas serem autênticas, não é possível afirmar se o tanque estava sendo conduzido por russos ou por ucranianos nem o que teria provocado aquela ação. Não há unanimidade, mas a grande maioria da imprensa profissional internacional considerou inconclusivas as informações que conseguiu reunir desde aquele dia. Por isso, e em respeito ao trabalho correto e difícil dos nossos colegas da Globo nessa cobertura jornalística da guerra, é preciso fazer esse esclarecimento, ainda que tardio, com o nosso pedido sincero de desculpas. O Jornal Nacional vai estar ainda mais atento em suas apurações. O nosso único compromisso é a busca da verdade (JORNAL NACIONAL, 21.03.2022).

O pedido de desculpas foi uma ação visando a preservação da credibilidade do jornal, que estava sendo questionada. O âncora William Bonner concluiu o pedido de desculpas afirmando: “o *Jornal Nacional* estará ainda mais atento em suas apurações, nosso único compromisso é buscar a verdade.” Isso significa que, embora tenham divulgado conteúdo cuja origem dos fatos não era conhecida, o jornal reitera para seu público que seus conteúdos são verídicos e que essa é sua principal preocupação.

A reportagem não está mais disponível na íntegra do jornal do dia 25 de fevereiro, disponível no *Globoplay*, plataforma de vídeos sob demanda da emissora, uma vez que foi editada e retirada essa reportagem do corpo do telejornal, deixando apenas a manchete e o pedido de desculpas. Este dia exemplifica a preocupação central deste estudo, que é compreender como o *JN* constrói a cobertura telejornalística da guerra entre Rússia e Ucrânia, levando em consideração um alinhamento ideológico ocidental. Nos dois dias mencionados até aqui, o *JN* contou com apresentação de William Bonner e Renata Vasconcellos.

O sábado 26 de fevereiro de 2022 foi oficialmente o terceiro dia de guerra. E nesta data, segundo o telejornal, os bombardeios já estavam atingindo áreas residenciais, fazendo vítimas civis. Os países aliados da Ucrânia e a Organização das Nações Unidas (ONU) já estavam se reunindo para intermediar o conflito, na tentativa de evitar que o confronto se estendesse por muito tempo e que tomasse uma proporção ainda maior.

Ainda segundo o *JN*, os Estados Unidos oferecem ajuda para o presidente ucraniano deixar o país e Volodymyr Olexandrovytch Zelensky, por sua vez, recusa dizendo como resposta ao governo estadunidense: “Preciso de munição e não de carona” – uma resposta que repercutiu durante dias na imprensa tradicional e nas redes sociais.

Em meio a todos esses acontecimentos, ainda no dia 26, na mesma edição do *JN*, há a informação de que o Kremlin, instituição que atualmente é sede do governo russo, “proíbe a imprensa russa de chamar a invasão da Ucrânia de guerra e que prefere a expressão operação militar especial em Donbass” e o *JN* diz: “uma mentira, já que a ofensiva atinge um país inteiro”... Neste terceiro dia, a bancada do *JN* foi composta pelos jornalistas Hélder Mendes de Mesquita e Duarte e Ana Luíza Guimarães.

Em 1994, o apoio ao candidato Fernando Henrique Cardoso (PSDB) pela Rede Globo não era explícito, como na eleição anterior. A programação era ostensivamente voltada para a publicidade do real, conforme afirma Antonio Albino Canelas Rubim (1999, p.59), e vinculava a realidade a um cenário otimista de estabilidade. Nesse processo, o Jornal Nacional manteve o protagonismo, noticiando sistematicamente os êxitos do Plano Real, associando tais feitos à imagem de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Em contrapartida, o telejornal insistia em denegrir a imagem do candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT), buscando promover uma imagem de despreparo do candidato (LEME, 2020, p.16).

A *Rede Globo*, assim como apoiou a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de acordo com Leme (2020), também adota uma postura similar ao cobrir os conflitos entre Rússia e Ucrânia, construindo uma perspectiva sobre a guerra, conforme se problematiza nesta pesquisa e que será objeto de análise. Que postura é essa? Que perspectiva?

O segundo capítulo trabalha a configuração retroativa e atual da estrutura ideológica do objeto de estudo, *JN*, e suas estratégias para divulgar vozes e faces ocidentais e, por conseguinte, favorecer uma visão de política, sobretudo a dos privilegiados. Enlaçadas a essas questões estão formas de exaltação que provém de um passado colonial, opressor e de subordinação. Indaga-se, assim, a mídia hegemônica, seu poder e sua influência no processo de perpetuação, invisibilização e alimentação de preconceitos.

Na sequência, o terceiro capítulo traz a análise da pesquisa. Para a elaboração do momento analítico, que foi realizado a partir de um levantamento de todas as edições do *JN* sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia no período de 24 de fevereiro até 31 de dezembro de 2022, um total de 311 dias, foi necessário assistir repetidamente todas as edições completas do *JN*, desde o início até o fim. Por dias a fio, acompanhamos, revimos e “maratonamos” cada episódio do programa, de segunda a sábado, analisando minuciosamente os detalhes de cada trecho³ das reportagens veiculadas que tivessem alguma conexão com o conflito, seja direta ou indireta.

Após apurar todas as edições que foram disseminadas no horário nobre da *Rede Globo* sobre a guerra, foi feito um levantamento de mais de 470 reportagens veiculadas sobre assuntos ligados direta ou indiretamente com o conflito entre Rússia e Ucrânia. E a partir das reportagens apuradas construímos uma tabela que caracterizamos como “tabela mãe” desta pesquisa.

A tabela foi produzida independentemente das edições do *JN* terem ou não reportagem sobre a guerra porque, antes de iniciarmos as análises, um dos objetivos deste trabalho está na busca por entender também os altos e baixos, o fluxo, da cobertura da guerra dentro do próprio veículo.

A “tabela mãe” está dividida em quatro eixos principais do confronto entre Rússia e Ucrânia. O primeiro eixo aborda o início da invasão russa na Ucrânia, sendo justificado como uma operação militar especial para desmilitarizar e desnazificar o país. O segundo eixo trata das trocas de acusações entre Rússia e Ucrânia em relação aos mais de 400 cadáveres encontrados nas ruas e valas comuns, bem como a Ucrânia reconquistando alguns territórios que estavam sob domínio russo desde o início da invasão. No terceiro eixo, destaca-se a contraofensiva do governo ucraniano, que busca reconquistar centenas de cidades em Kharkiv, enquanto o governo russo mobilizou mais de 300 mil reservistas para o front. O quarto e último eixo aborda a destruição da ponte que liga a cidade da Crimeia à Rússia, e a reação do governo russo com uma série de ataques. Além disso, a OTAN admite a possibilidade da entrada da Ucrânia no bloco, e o presidente ucraniano, Zelensky, realiza sua primeira viagem a Washington para se encontrar com o chefe de governo dos EUA, Joe Biden.

³ Nomeia-se como “trechos” a forma como as reportagens estavam organizadas no *Globoplay*, plataforma de *streaming* da *Rede Globo*. Dentro da plataforma da *Rede Globo*, pode-se assistir o *Jornal Nacional* de maneira direta ou optar por assistir apenas os trechos que te interessam.

Os eixos foram organizados de forma cronológica, para compreendermos as diferentes fases do confronto e as temáticas abordadas. Portanto, é importante entender como alguns assuntos se desenvolveram ao longo do conflito. Após coleta de dados, entramos na fase de análise, na qual examinamos o material reunido em busca de diferentes recortes que nos ajudam a entender o comportamento dos objetos teóricos.

A partir da “tabela mãe”, criamos outra tabela chamada "Aparições do Zelensky". Para isso, foi necessário revisitar novamente todos os trechos selecionados na “tabela mãe” e fazer uma nova seleção de conteúdos, desta vez focando na ação direta do presidente ucraniano. O objetivo foi investigar os trechos em que o presidente Zelensky recebeu destaque no *JN* e analisar a quantidade de atenção que ele recebeu nas coberturas, tentando observar a construção de um protagonismo em relação à sua figura⁴.

Após essas considerações, elaboramos uma tabela contendo mais de 60 trechos de reportagens específicas sobre ações ou eventos que envolviam diretamente ou indiretamente a figura do presidente. De forma geral, a tabela apresenta ações em que o presidente ucraniano, Zelensky, aparece com mais êxito, ou seja, trechos em que o presidente está mais exposto e ligado a um ocorrido que sobressaiu na mídia.

Decidimos construir esta tabela com o propósito de compreender a forma como o *JN* molda as narrativas em torno de Zelensky, presidente da Ucrânia, e qual é a frequência com que o veículo abordado apresenta conteúdo que trabalhe este assunto. Ao fazê-lo, consideramos também aspectos quantitativos, como o número de reportagens produzidas pelo *JN* sobre o presidente Zelensky. Essa informação foi crucial para nosso estudo, pois nos ajudou a perceber subtextos da produção do telejornal e compreender narrativas construídas em torno da figura do presidente ucraniano, bem como entender como essa exposição midiática contribuiu para sua ascensão, coincidindo com um contexto internacional de construção de sua figura pública. Os dados quantitativos que obtivemos foram fundamentais para observarmos aspectos qualitativos relacionados à presença do presidente ucraniano no *JN* e em suma, identificar o fluxo, a densidade e a evolução do destaque dado ao presidente Zelensky dentro da programação do *JN*.

É importante pontuar que não foi possível fazer uma tabela só sobre o presidente da Rússia, Vladimir Putin, tal como fizemos com o presidente da Ucrânia, porque constatamos que quando o presidente russo aparece nas coberturas de guerra do *JN*, a linha editorial do *JN* apresenta alguma fonte oficial, civil, militar e internacional dentre outras vozes aliadas ao

⁴ Coincide com essa problematização o anúncio de que Zelensky foi eleito “Pessoa do Ano” pela revista estadunidense TIME, em dezembro de 2022.

presidente da Ucrânia para contrapor o que está sendo dito pelo presidente Putin, inclusive o aparecimento do próprio Zelensky.

Esses fatores dificultaram e inviabilizaram a criação de uma tabela, mesmo que seja apenas dos momentos mais relevantes do presidente da Rússia. Ainda que reconheçamos a complexidade em separar completamente a relação existente entre as partes envolvidas na guerra, especialmente quando os trechos de reportagem são produzidos por um veículo de comunicação que, desde sua primeira edição, carrega um histórico (LIMA, 2012; MORAES, 2013).

É essencial mensurar que, em mais de 300 edições do telejornal com as quais entramos em contato para elaboração desta pesquisa, em momento algum percebemos uma edição do *JN* em que os repórteres do veículo contrapusessem de alguma maneira as informações vindas da Ucrânia e do Ocidente. Não constatamos nenhuma fonte que falasse contra a Ucrânia e aliados ocidentais. O que foi indicando como o conteúdo sobre a guerra feita pelo veículo não é impensado.

Ainda na busca de mais clareza sobre os dados levantados na tabela principal, constatamos a necessidade de classificar e organizar as reportagens de acordo com a duração em minutos. Para essa finalidade, criamos tabelas para cada minuto e segundo, seguindo um processo metodológico que nos permitiu observar que o *JN* produziu e divulgou, ao longo de 300 edições, 47 trechos com duração de aproximadamente 20 a 40 segundos sobre o conflito entre os países vizinhos. Além disso, o telejornal apresentou 18 reportagens com 1 minuto de duração.

O *JN* veiculou aproximadamente 158 matérias de 2 minutos e 152 reportagens de 3 minutos. Além disso, foram transmitidas 57 reportagens com 4 minutos de duração e 30 matérias com 5 minutos. Mantendo a mesma abordagem em relação aos dados qualitativos, foram divulgadas 13 coberturas televisivas sobre a guerra com duração de 6 minutos, 4 reportagens de 7 minutos e uma matéria de 8 minutos, todas produzidas pelo *JN*.

Cada etapa mencionada acima desempenhou papel de âncora que permitiu uma seleção com clareza do *corpus* final a ser analisado neste trabalho e que orienta a execução do terceiro capítulo. As reportagens escolhidas para a análise, de maneira distinta das demais, abordam explicitamente a problemática central desta pesquisa, em diálogo com a hipótese fundamentada do trabalho: compreender como as coberturas do *JN* defendem e estão vinculadas à visão dominante do mundo ocidental.

Com base nesse percurso contínuo, a partir da “tabela mãe”, reportagens do telejornal que abordam, de forma temporalmente alargada, temáticas relacionadas à guerra e nas quais o *JN* assume posição privilegiada, de narrador que explica o conflito, explicitamente, passaram a ganhar destaque em nossa observação. O que nos levou à produção do QUADRO I, configurando o *corpus* de base da pesquisa.

QUADRO I – *Corpus* inicial: *JN* como intérprete do conflito

Dia / Mês /Ano	Manchetes das reportagens sobre a guerra Rússia e Ucrânia	Duração
24 fev 2022	<p>Entenda o papel de cada um dos atores principais do teatro de guerra na Ucrânia.</p> <p>Saiba quem é quem na crise que monopolizou as atenções do mundo.</p> <p>O presidente da Ucrânia informou que 137 cidadãos ucranianos, entre eles militares e civis, morreram no primeiro dia de uma invasão maciça à Ucrânia.</p>	4 min
	<p>Distância entre discurso e ações foi a marca de Putin na estratégia para guerra.</p> <p>Os Estados Unidos, por sua vez, faziam recorrentes alertas ao mundo sobre as reais intenções do presidente russo.</p>	7 min
	<p>China não classifica ataque russo à Ucrânia como invasão.</p> <p>Ministério das Relações Exteriores da China afirmou que o governo não vai se precipitar.</p>	26 seg
	<p>No interior do Paraná, existe uma das maiores comunidades de ucranianos no Brasil.</p> <p>Em Prudentópolis, dos 52 mil habitantes, 39 mil são descendentes de ucranianos.</p>	2 min
25 fev 2022	<p>Ataque russo à Ucrânia representa uma nova etapa da ordem mundial.</p> <p>Analistas políticos relatam que China e Rússia têm um papel importante nesse novo cenário, onde o mundo está muito mais conectado.</p>	4 min
26 fev 2022	<p>Fantástico mostra o avanço militar russo na Ucrânia e a mobilização para receber refugiados.</p> <p>No Fantástico você acompanha uma cobertura especial sobre o ataque russo à Ucrânia, a mobilização para receber os refugiados e a</p>	1 min

	<p>história de Vladimir Putin. É este domingo (27), um pouco mais cedo, às 20h15, depois do Domingão com Huck.</p>	
	<p>Rússia pode sofrer sanção bancária internacional.</p> <p>Desde que o sistema Swift foi criado, nenhum país do peso da Rússia foi excluído do sistema bancário internacional.</p>	4 min
1 mar 2022	<p>Saiba quais são os desafios dos países que prometeram mandar armamento para a Ucrânia.</p> <p>Pelo menos 16 países já se comprometeram a enviar auxílio militar para a Ucrânia enfrentar a invasão russa. O desafio é fazer as armas e equipamentos chegarem aos soldados ucranianos.</p>	5 min
	<p>Entenda por que americanos não estão em alerta com a ameaça nuclear de Vladimir Putin.</p> <p>Jornal Nacional ouviu estudiosos sobre as ameaças do presidente russo aos países que declararam apoio à Ucrânia e sobre a declaração de que colocou as forças nucleares russas em alerta máximo.</p>	5 min
5 mar 2022	<p>Veja no Fantástico: como a guerra está ameaçando o sonho de brasileiras que esperam o nascimento de seus bebês.</p> <p>O Fantástico vai mostrar como a guerra está ameaçando o sonho de brasileiras que esperam o nascimento de seus bebês. Elas contrataram o serviço de uma clínica de barrigas de aluguel na Ucrânia. E agora não sabem se vão conseguir buscar os filhos.</p>	2 min
	<p>Saiba quem são os oligarcas russos.</p> <p>Russos ligados ao governo fizeram fortuna no país depois da queda da União Soviética.</p>	5 min
9 mar 2022	<p>Conflito na Ucrânia provoca mudanças na globalização.</p> <p>Inserção do Brasil no mercado global trouxe ganhos e perdas para o país - segundo especialistas em relações internacionais: diminuiu a pobreza, mas acirrou a desigualdade social.</p>	4 min
14 mar 2022	<p>Entenda como são reguladas ações dos países envolvidos em guerra.</p> <p>O parâmetro é o Direito Internacional, e uma das principais ferramentas são as convenções de Genebra. Além disso, mais de 100 países assinaram um acordo internacional que proíbe o uso de bombas de fragmentação.</p>	4 min
15 mar 2022	<p>Entenda como sanções podem influenciar em uma guerra.</p> <p>Nem sempre a medida pode levar à solução do conflito, mas tem influência nos rumos que ele toma.</p>	3 min
	<p>Guerra na Ucrânia reaproxima antigos inimigos.</p>	3 min

	As commodities, mercadorias pouco industrializadas, como trigo e ouro, têm comércio intenso no planeta e sofrem impactos como guerras e pandemia.	
	<p>Conflito na Ucrânia está mexendo no preço de produtos essenciais no mundo todo.</p> <p>As commodities, mercadorias pouco industrializadas, como trigo e ouro, têm comércio intenso no planeta. E sofrem impactos como guerras e pandemia.</p>	3 min
19 mar 2022	<p>Entenda por que a Rússia exige que a Ucrânia nunca faça parte da OTAN.</p> <p>Exigência é uma das principais condições russas para acabar com a guerra.</p>	3 min
21 mar 2022	<p>CORREÇÃO: Blindado atropela carro na Ucrânia.</p> <p>No início da invasão da Ucrânia pela Rússia, no dia 25 de fevereiro, o Jornal Nacional publicou imagens que mostravam os horrores de uma guerra.</p>	2 min
25 mar 2022	<p>Mais de 3,5 milhões de ucranianos hoje são refugiados de guerra.</p> <p>Bombardeios russos reduziram a escombros cidades importantes como Mariupol.</p>	3 min
	<p>Ouçá o relato emocionado de ucraniano que fugiu de cidade devastada .</p> <p>Fotógrafo Gabriel Chaim, que está em Kiev, também tem informações sobre os combates próximos à capital.</p>	2 min
27 mai 2022	<p>Guerra na Ucrânia tem impacto direto sobre mercado mundial de combustíveis .</p> <p>Falta de investimentos na extração do petróleo durante a pandemia também é apontada como causa do aumento do preço de combustíveis.</p>	3 min
3 jun 2022	<p>Guerra na Ucrânia completa 100 dias.</p> <p>Autoridades russas e ucranianas indicam que há perspectiva da guerra acabar no curto prazo.</p>	3 min
1 jul 2022	<p>Guerra na Ucrânia tem impactos na integração energética do planeta e no meio ambiente.</p> <p>Conflito produz também efeitos planetários na economia, com a inflação de combustíveis.</p>	3 min
30 ago 2022	Mikhail Gorbachev, último presidente da União Soviética, morre aos 91 anos.	7 min

	Um dos mais importantes personagens do século 20, Gorbachev implantou o processo de abertura política na potência comunista. Ele também negociou com os Estados Unidos o fim da competição por armamento nuclear e, por isso, recebeu o Prêmio Nobel da Paz.	
26 out 2022	Rússia simula como responderia a um ataque nuclear por parte da Ucrânia . Países têm trocado acusações sobre possível uso de "bomba suja".	2 min
23 dez 2022	Entenda o papel da Noruega na crise energética da Europa. Por causa da guerra na Ucrânia, continente enfrenta problemas de abastecimento e governantes temem consequências com chegada do inverno rigoroso.	3 min

Fonte: Elaboração própria

O terceiro capítulo, em suma, analisa de forma detalhada as reportagens selecionadas no *corpus* final do estudo, levando em consideração as reflexões produzidas no primeiro e segundo capítulo, bem como a problematização construída a partir do trato com a empiria. Ao longo da análise, é estudada a presença das vozes do Ocidente nas coberturas telejornalísticas de guerras veiculadas nas edições recortadas do *Jornal Nacional* a partir de um recorte empírico dentro do *corpus* inicial (QUADRO I).

Nesse recorte, iremos identificar e analisar o conteúdo das falas das fontes entrevistadas pelo *JN* nas matérias sobre a guerra Rússia e Ucrânia, observando a construção de uma “preservação” dos discursos de supremacia do Ocidente nas coberturas telejornalísticas de guerra do *JN*. Problematiza-se sobre qual narrativa o telejornal busca transmitir e enfatizar aos seus telespectadores. Foram selecionadas coberturas para o *corpus* que apresentam fontes especialistas junto com outras vozes, conceito fundamental nesta pesquisa que foca no processo de hierarquização de culturas sociopolíticas nas coberturas de guerra executadas pelo *JN*. O intuito é buscar entender a partir das falas dos especialistas quais visões do mundo estão sendo projetadas.

A escolha desse recorte específico se deve à nossa compreensão de que a investigação de um tema tão amplo como a guerra demandaria um aprofundamento impossível em todos os seus elementos. Posto isso, não serão analisadas as coberturas do QUADRO II, abaixo, porque não apresentam fontes especialistas diversas e, para atingirmos os objetivos deste estudo, buscaremos na cobertura de guerra feita pelo *JN* as vozes de governos envolvidos na guerra junto com fontes especialistas de multi áreas sociais.

QUADRO II – Reportagens não analisadas do *corpus* inicial

Reportagens / Data - Mês - Ano	Fontes
<p>Entenda o papel de cada um dos atores principais do teatro de guerra na Ucrânia Saiba quem é quem na crise que monopolizou as atenções do mundo.</p> <p>O presidente da Ucrânia informou que 137 cidadãos ucranianos, entre eles militares e civis, morreram no primeiro dia de uma invasão maciça à Ucrânia. Duração: 4 min</p> <hr/> <p>24 fev 2022</p>	<p>Jornal Nacional Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky</p>
<p>China não classifica ataque russo à Ucrânia como invasão</p> <p>Ministério das Relações Exteriores da China afirmou que o governo não vai se precipitar Duração: 26 seg</p> <hr/> <p>24 fev 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p>
<p>No interior do Paraná, existe uma das maiores comunidades de ucranianos no Brasil</p> <p>Em Prudentópolis, dos 52 mil habitantes, 39 mil são descendentes de ucranianos. Duração: 2 min</p> <hr/> <p>24 fev 2022</p>	<p>Jornal Nacional Descendente de ucranianos, Oksana Jadvizak Serralheiro Odair Mazur Filha de brasileira e pai ucraniano, dona Meroslawa, (84 anos)</p>
<p>Fantástico mostra o avanço militar russo na Ucrânia e a mobilização para receber refugiados</p> <p>No Fantástico você acompanha uma cobertura especial sobre o ataque russo à Ucrânia, a mobilização para receber os refugiados e a história de Vladimir Putin. É este domingo (27), um pouco mais cedo, às 20h15, depois do Domingão com Huck. Duração: 1 min</p> <hr/> <p>26 fev 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p>
<p>Veja no Fantástico: como a guerra está ameaçando o sonho de brasileiras que esperam o nascimento de seus bebês</p> <p>O Fantástico vai mostrar como a guerra está ameaçando</p>	<p>Jornal Nacional</p>

<p>o sonho de brasileiras que esperam o nascimento de seus bebês. Elas contrataram o serviço de uma clínica de barrigas de aluguel na Ucrânia. E agora não sabem se vão conseguir buscar os filhos.</p> <p>Duração: 2 min</p> <hr/> <p>5 mar 2022</p>	
<p>CORREÇÃO: Blindado atropela carro na Ucrânia</p> <p>No início da invasão da Ucrânia pela Rússia, no dia 25 de fevereiro, o Jornal Nacional publicou imagens que mostravam os horrores de uma guerra.</p> <p>Duração: 2 min</p> <hr/> <p>21 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p>
<p>Mais de 3,5 milhões de ucranianos hoje são refugiados de guerra</p> <p>Bombardeios russos reduziram a escombros cidades importantes como Mariupol.</p> <p>Duração: 3 min</p> <hr/> <p>25 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional Governo Ucraniano Ex DJ e agora soldado Daniel Detcom Larissa Myronenko Avó e a mãe da pequena Amelia</p>
<p>Ouçá o relato emocionado de ucraniano que fugiu de cidade devastada</p> <p>Fotógrafo Gabriel Chaim, que está em Kiev, também tem informações sobre os combates próximos à capital.</p> <p>Duração: 2 min</p> <hr/> <p>25 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional Fotógrafo Gabriel Chaim Produtor local, do fotógrafo Gabriel Chaim, Nikita</p>
<p>Guerra na Ucrânia completa 100 dias</p> <p>Autoridades russas e ucranianas indicam que há perspectiva de guerra acabar no curto prazo</p> <p>Duração: 3 min</p> <hr/> <p>3 jun 2022</p>	<p>Jornal Nacional OTAN Porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov Prefeito de Kiev Vitali Klitschko Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky Coordenador da ONU para a crise na Ucrânia, Amin Awad</p>
<p>Mikhail Gorbachev, último presidente da União Soviética, morre aos 91 anos</p> <p>Um dos mais importantes personagens do século 20, Gorbachev implantou o processo de abertura política na potência comunista. Ele também negociou com os Estados Unidos o fim da competição por armamento nuclear e, por isso, recebeu o Prêmio Nobel da Paz.</p> <p>Duração: 7 min</p>	<p>Jornal Nacional Mikhail Gorbachev Presidente russo Vladimir Putin Porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen Primeiro-ministro Britânico, Boris Johnson Presidente do conselho da fundação do</p>

30 ago 2022	ex-presidente americano, Ronald Reagan; Presidente dos Estados Unidos, Joe Biden Secretário-geral da ONU, António Guterres
-------------	--

Fonte: Elaboração própria

Porém, frisamos que o enfoque do QUADRO II, por si só, detém potencial para gerar outras pesquisas. Reforçamos ainda que não seria possível analisar todos os pontos de uma guerra em andamento até o término desta pesquisa, agosto de 2023, por conta das limitações do estudo e também das complexidades que advêm com a guerra.

Para a confecção do recorte final, além de seguir com a assistência das reportagens, baixamos em PDF, no site do *GI do Jornal Nacional*, todas as coberturas jornalísticas que compõem o QUADRO I para uma leitura minuciosa. Isto nos possibilitou fazer uma seleção das reportagens analisadas no capítulo três com mais clareza e precisão, permitindo-nos construir um recorte a partir de reportagens nas quais o *JN* aparece como voz explícita, interpretando o acontecimento. Após percorrer estes caminhos, então, chegamos no QUADRO III, presente na análise, onde reunimos as reportagens investigadas pela pesquisa: “Distância entre discurso e ações foi a marca de Putin na estratégia para guerra”; “Ataque russo à Ucrânia representa uma nova etapa da ordem mundial”; “Rússia pode sofrer sanção bancária internacional”; “Saiba quais são os desafios dos países que prometeram mandar armamento para a Ucrânia”; “Entenda por que americanos não estão em alerta com a ameaça nuclear de Vladimir Putin”; “Saiba quem são os oligarcas russos”; “Conflito na Ucrânia provoca mudanças na globalização”; “Entenda como são reguladas as ações dos países envolvidos em guerra”; “Entenda como sanções podem influenciar em uma guerra”; “Guerra na Ucrânia reaproxima antigos inimigos”; “Conflito na Ucrânia está mexendo no preço de produtos essenciais no mundo todo”; “Entenda por que a Rússia exige que a Ucrânia nunca faça parte da OTAN”; “Guerra na Ucrânia tem impacto direto sobre mercado mundial de combustíveis”; “Guerra na Ucrânia tem impactos na integração energética do planeta e no meio ambiente”; “Rússia simula como responderia a um ataque nuclear por parte da Ucrânia”; “Entenda o papel da Noruega na crise energética da Europa”.

Este recorte se justifica, pois, nosso objetivo é buscar na cobertura de guerra divulgada pelo *JN*, as reportagens que apresentam maior diversidade de falas, e que também abordem os

relatos do que ocorreu “ao longo do dia” na duração da guerra. Pesquisar a cobertura jornalística do *JN* auxilia na identificação de apagamentos históricos e na compreensão da construção da narrativa apresentada pelo telejornal – certos aspectos do conflito nos permitem uma reflexão crítica sobre a responsabilidade da mídia em fornecer uma visão equilibrada e precisa dos eventos que ficaram para a história.

As Considerações Finais encerram a monografia. Vale ressaltar que este trabalho não pretende esgotar o assunto, mas sim contribuir para o conhecimento existente e fornecer subsídios para futuros estudos. Espera-se que esta pesquisa possa despertar o interesse de outros pesquisadores interessados no tema, estimulando assim a continuidade dessa linha de investigação.

CAPÍTULO I – A ocidentalização diante do cenário global de crise

A ocidentalização em um cenário global de crise no século XXI representa uma abordagem que busca impor os valores, ideias e práticas do mundo ocidental em outras culturas e regiões, frequentemente ignorando as necessidades e perspectivas locais (APARECIDO; AGUILAR, 2022). Segundo Aparecido e Aguilar (2022), embora alguns argumentem que tal ocidentalização possa trazer benefícios, há diversas razões pelas quais essa abordagem pode ser prejudicial.

Cada sociedade possui sua própria história, tradições e formas de organização social, as quais são únicas e valiosas. Ao impor de maneira enviesada uma cultura dominante, corre-se o risco de enfraquecer as demais ou até mesmo eliminar a diversidade de vozes, resultando em uma perda significativa de identidade. Além disso, a ocidentalização forçada pode acentuar ainda mais históricas desigualdades sociais e econômicas. O mundo ocidental frequentemente impõe seu modelo de desenvolvimento, fundamentado em princípios capitalistas e neoliberais, sobre outras partes do mundo (CÉSAIRE, 1978; DELLAGNEZZE, 2022), o que mina a harmonia das relações políticas e ao mesmo tempo interfere na construção cotidiana e midiática de imaginários sociais.

A imposição de padrões e valores ocidentais leva a um choque de crenças e tradições, à marginalização de grupos étnicos, religiosos e culturais que não se enquadram nesses padrões, resultando em tensões sociais, além da perpetuação de hostilidades e estereótipos generalizados. A diversidade de perspectivas e abordagens é crucial em um mundo globalizado, e a imposição de uma única visão pode intensificar ainda mais as tensões em vários âmbitos sociais, o que, historicamente, sempre ocorreu. Por isso, a necessidade de um diálogo intercultural e a adoção de uma abordagem mais inclusiva, que valorize e respeite as diferentes perspectivas e as contribuições de todas as culturas em um mundo globalizado, isto é um ato de inclusão de fato.

1.1. Entrelaços de uma guerra: contextualização Rússia e Ucrânia

A União Soviética teve a sua ascensão em 1922, período em que a união era subdividida em repúblicas, sendo uma delas a Ucrânia. Neste contexto histórico e social, fatores como crises políticas, fome e ditaduras, no decorrer dos anos 1930, fez com que a

república da Ucrânia atravessasse um período conturbado de várias guerras civis e chegando a perder em torno de 20% da sua população.



Figura 01. Mapa da divisão territorial de Ucrânia e Rússia.

Fonte: *Jornal Nacional*: 24 de fev. 2022.

Após esse período de redução da população e de carências, o líder da União Soviética (URSS), Nikita Khrushchev, em 1954, transferiu a península da então República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR) para a República Socialista Soviética da Ucrânia (RSSU). Na época desta transferência, esta medida teve efeito meramente administrativo, uma vez que ambas as repúblicas eram parte da URSS e a frota abrigada em Sevastopol continuou sendo a soviética (FORTES, 2017).

A Ucrânia é o segundo maior país da Europa e foi uma das 15 repúblicas que compunham a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até seu fim em 1991. Para a Rússia, a “queda da União Soviética foi o maior desastre geopolítico do século. [...] Dezenas de milhões de concidadãos e compatriotas passaram a se encontrar fora do território russo. Mais, a epidemia de desintegração infectou a Rússia”¹. E em agosto daquele ano, a Ucrânia tornou-se uma nação independente e estabeleceu laços mais próximos com as potências ocidentais, o que incomodou a Rússia. Desde então Kiev, capital ucraniana, tenta controlar seu destino, muitas vezes sem sucesso, sob a sombra de seu maior e mais poderoso vizinho (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 1).

Conforme Aparecido e Aguilar (2022), as duas nações estão divididas há séculos, o que resultou no surgimento de dois idiomas e uma série de outras questões: disputas em torno da identidade nacional, divisões políticas com contornos geográficos, fragilidade do poder estatal ucraniano, preferências e alinhamentos externos divergentes entre a população e entre

a própria elite ucraniana, bem como preocupações do governo russo com o possível alinhamento da Ucrânia com o Ocidente (FORTES, 2017).

Apesar das raízes em comum, como dois países que possuem uma história de séculos juntos podem seguir por caminhos tão opostos, diferenciados ao longo de muito tempo, e hoje, aparentemente, não existe mais uma margem para se entenderem? Após desdobramentos da União Soviética no final de 1991 e independência da nação ucraniana, a Rússia e a Ucrânia trilharam suas rotas separadas. Ambos os países desenvolveram identidades próprias, culturas e línguas diferentes.

É relevante dizer que a Rússia já conflitou com a Ucrânia outras vezes, para além as invasões que estão sendo ressaltadas aqui, específicas em relação à crise de 2022. E já fez outras ofensivas militares sobre o território ucraniano. Cidades ucranianas de renome, como Donetsk e Luhansk, fazem parte de uma região conhecida como bacia de Donbass que, por sua vez, faz fronteira com a Rússia; onde segundo a atual sede do governo Russo está acontecendo uma “operação militar especial”. Como apontam Julia Mori Aparecido e Sergio Luiz Cruz Aguilar:

A história da Ucrânia inclui o pior desastre nuclear do mundo, que ocorreu em Chernobyl em 1986, bem como tempos de glória que geraram marcos arquitetônicos em suas cidades. Kiev, sua capital, é conhecida por sua bela paisagem urbana, marcada pelos domos de suas igrejas históricas - o berço da nação está ligado à ascensão do cristianismo ortodoxo no Oriente. Com a anexação da Crimeia e o separatismo nas províncias do leste, na região de Donbas, a Ucrânia tem apresentado anseios de aderir à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a aliança militar ocidental. No final de 2021, a Rússia passou a desdobrar tropas na fronteira e invadiu o país em 24 de fevereiro de 2022. Percebe-se, portanto, que quando se trata da Ucrânia, a tensão é maior por envolver, principalmente, questões de defesa e energéticas. Nesse sentido, a invasão da Ucrânia permite algumas considerações sobre o contexto internacional que resultou na decisão russa pelo uso da força (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 1).

Nesse viés, nas reportagens produzidas e disseminadas pelo nosso objeto de estudo, o *JN*, o presidente Putin, em alguns dos seus vários pronunciamentos, incentivou os soldados ucranianos a deixarem a ofensiva e se renderem de modo a evitar um banho de sangue. Na mesma perspectiva, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky também, em alguns de seus vários pronunciamentos, encoraja os seus soldados a seguirem em frente e defenderem com honra a sua pátria dizendo-os que “vão derrotar qualquer um, porque nós somos a Ucrânia”.

Em decorrência de semelhanças históricas e sociais existentes entre a Federação Russa e a Ucrânia, é importante dizer que, em algumas ocasiões, marcos históricos da Ucrânia são abordados de maneira sucinta, porém há alguns acontecimentos necessários para entendermos

o conflito de hoje e as particularidades de cada país. Retomando a contextualização histórica do atual confronto entre Rússia e Ucrânia, em 23 de fevereiro de 2022, o presidente Vladimir Putin ordenou seus militares, que já estavam posicionados nas fronteiras do território ucraniano, que seguissem em frente e iniciassem a invasão, algo que já vinha sendo temido por alguns líderes mundiais, inclusive pelo presidente Zelensky.

Alguns eventos importantes desencadearam a atual guerra entre Rússia e Ucrânia. Um deles foi a anexação da península da Crimeia em março de 2014. A Crimeia é uma cidade localizada no extremo leste da Ucrânia, de onde fez parte até ser anexada pela Rússia em 04 de março de 2014. As forças russas aproveitaram o vácuo de poder em Kiev e anexaram a península, o que marcou o início de um conflito não declarado entre os dois países.

Além de acusar Moscou de apoiar os rebeldes do Donbas, as potências ocidentais denunciaram fortemente a anexação da Crimeia, afirmando que as ações do Kremlin violavam a soberania ucraniana e o Direito Internacional, impondo sanções econômicas contra a Rússia. As explicações que surgiram para analisar a conduta do governo russo concentraram-se em torno de duas narrativas principais. A narrativa mais comum apresentada pela mídia e por diversos analistas internacionais [...] foi a de que a Rússia agiu como uma potência autoritária e agressiva, atuando contra um país menor, o qual passa por uma revolução que busca se aproximar dos valores ocidentais de democracia e liberalismo. O presidente Putin, segundo esta visão, não agiu razoavelmente, mas seguiu uma ideologia nacionalista e expansionista, procurando reerguer uma Rússia imperial e resgatar seu status de grande potência, perdido com o fim da União Soviética (FORTES, 2017, p. 82).

Como no cenário apresentado por Fortes (2017), foi preciso dar início a uma série de negociações entre partes visando um acordo entre os presidentes: Petro Poroshenko e o presidente russo, Putin.

Após vários dias de muita instabilidade social, política, pressão e vários protestos e disputas, o governo russo assumiu e dominou a cidade de Crimeia, que passou a fazer parte do seu território geográfico. Até os dias de hoje, quando decidiu avançar com seu plano de invasão, o ato foi entendido como uma violação do acordo de amizade celebrado entre Rússia e Ucrânia em maio de 1997, no qual estes Estados reconheciam mutuamente a soberania do outro e a legalidade formal de suas fronteiras (FORTES, 2017).

No período em que este acontecimento se deu na península ucraniana, boa parte da população que residia na região falava a língua russa e tinha outras raízes com a cultura russa. A anexação da península da Crimeia pela Federação Russa não foi reconhecida por alguns líderes, o acontecimento foi lido não só como uma violação inaceitável, como também significava claramente uma declaração de guerra à Ucrânia. Na época, as “potências ocidentais” denunciaram fortemente a anexação da Crimeia, afirmando que as ações do

Kremlin violavam a soberania ucraniana e o Direito Internacional, impondo sanções econômicas contra a Rússia (FORTES, 2017).

Sendo este ainda, segundo o autor, o vetor de uma instabilidade, entrelaçamento de várias discussões e tensões políticas entre Rússia, Ucrânia e, conseqüentemente, países vizinhos, é necessário ainda apontar a importância da península para a Rússia, como explica Fortes (2017) a partir de Gill (2014):

Além de todas as questões já apresentadas envolvendo Ucrânia e Rússia, bem como as disputas entre este país e as potências ocidentais no espaço pós-soviético, a fim de compreender as ações do Kremlin também é relevante destacar o significado particular da Crimeia para o Estado russo. Esta península sempre teve um papel especial na estratégia militar da Rússia, já que a base naval localizada na cidade de Sevastopol foi historicamente importante a este país por abrigar sua frota do Mar Negro, a partir de onde é possível acessar o Mar Mediterrâneo (GILL, 2014 *apud* FORTES, 2017, p. 83).

Após a anexação da Crimeia, começaram uma série de ameaças à integridade territorial, às fronteiras e à independência da Ucrânia. Isto dentre outras escalas de tensão que originaram a ordenação da invasão ucraniana pelo então governo russo. É preciso lembrar também dos conflitos violentos que aconteciam nas fronteiras de Donbass com envolvimento de civis, entre forças da Rússia e da Ucrânia.

A região de Donbass, geograficamente, está situada no leste da Ucrânia, onde em 2014 vivenciou-se uma escalada de confrontos entre grupos separatistas. Segundo Aparecido e Aguilár (2022), os confrontos beneficiam o governo russo, que foi acusado de apoiar rebeldes em Donbass. Na época, Vladimir Putin já era chefe de estado da Rússia. Em Donbass, mais concretamente em Donetsk e Luhansk, Putin agiu da mesma forma que na Crimeia e enviou tropas para obter o controle territorial dessas regiões pertencentes à Ucrânia. De acordo com os autores, os separatistas pró-russos tiveram um papel importante na ocupação do território ucraniano, os autores explicam ainda que:

Mas, a noção de que divisão entre os ucranianos como pró-ocidentais e pró-russos pode não ser totalmente precisa. A fidelidade cultural dos chamados ucranianos “pró-russos” parece estar mais nos valores do passado soviético do que na Rússia de hoje, mas esta usa o discurso antiocidental para absorver esses valores e transferi-los para si mesma. Para o nacionalismo ucraniano, os grupos separatistas pró-Rússia no leste da Ucrânia, Donetsk e Luhansk, que fazem parte da Ucrânia há quase um século, antes disso, nunca foram totalmente russos. Sua colonização, como da Crimeia, foi realizada principalmente por ucranianos e outros poucos estrangeiros, como búlgaros e sérvios (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 3).

Este acontecimento de ocupação da Crimeia pelos separatistas pró-russos, até ser efetivado pelo Kremlin, não passou despercebido aos olhos do mundo, pois os países vizinhos e as comunidades internacionais ficaram alertas aos passos que o Putin viesse a dar a diante.

Ainda na contextualização da guerra, que teve início no dia 24 de fevereiro de 2022, como apontam os atores Aparecido e Aguilar (2022) a gênese do conflito entre Rússia e Ucrânia,

[...] é o nacionalismo dos dois países, cujos interesses divergentes há muito geram tensões. Por um lado, há o nacionalismo ucraniano, que foi pró-ocidental desde o início e cuja construção nasceu do desejo de que seu país fosse reconhecido como um Estado independente, não uma parte marginal de outro. Do outro lado está o nacionalismo russo, que moldado ao longo dos séculos por decorrentes de comparações, opõe-se ao Ocidente, entendendo-o como modelo a ser confrontado. De vocação imperial, ele vê a Ucrânia como parte de si mesmo e tem dificuldade em aceitar sua existência soberana. Ainda mais porque essa busca para estar mais próximo do Ocidente dificulta os planos da Rússia de maior influência regional. A manutenção dessa influência, por sua vez, prejudica a participação da Ucrânia nos assuntos europeus e globais. Essa postura às vezes é vista por parte dos ucranianos como uma tentativa da Rússia de criar um império regional informal (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 2).

Com este cenário apontado pelos autores, é possível entender as ações recentes do governo russo. Em 21 de fevereiro de 2022, antes abrir fogo à região da Ucrânia como retaliação, o presidente Putin oficialmente veio a público anunciar a independência dessas regiões, Donetsk e Luhansk, ambas territórios ucranianos. Esses e outros acontecimentos que ocorreram entre a Ucrânia e a Rússia, não são um fenômeno isolado.

Ao reconhecer esses territórios, a Rússia aproveitou a ocasião para mandar 100 mil soldados, de acordo com dados divulgados no portal de notícias CNN na segunda-feira 14 de fevereiro⁵, consta ainda que os militares russos já estavam posicionados na fronteira para seguir em frente com os ataques. De acordo ainda com outras fontes de notícias, o Kremlin negava e ironizava a possibilidade de haver uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia, e que o governo não estava planejando um conflito, não tinha certeza no momento da invasão em 24 de fevereiro de 2022, e do que o Kremlin estava buscando realmente.

De acordo com as notícias veiculadas por diversos meios de comunicação no ano de 2022, líderes mundiais e várias organizações encontravam-se em alerta e frisando que haveriam consequências e sanções caso a Federação Russa insistisse com o seu plano de invasão. O intuito inicialmente era tentar evitar o que no momento já se sabia que era

⁵ Ver: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/russia-cercou-ucrania-por-tres-lados-veja-como-invasao-pode-acontecer/>

inevitável. No ano em que a Ucrânia completaria 30 anos de independência, a Rússia declara guerra na intenção de obter o controle da cidade de Kiev.

Retomando ainda a data de 24 de fevereiro de 2022, ressalta-se que a ação do governo russo no território ucraniano não se deu de forma isolada, era um fenômeno que já vinha sendo apontado pela comunidade internacional desde meados de 2021. Líderes internacionais já haviam notado também a intenção de iniciar um confronto de acordo com os avanços e posicionamentos dos soldados russos ao longo de toda fronteira da Ucrânia e conseqüentemente já alertavam a possibilidade de uma guerra convencional deliberada pelo governo russo.

De acordo com Dellagnezze (2022), no contexto de explosão do conflito, independentemente do avanço da guerra e dos acontecimentos, por todos os lados, Rússia, Ucrânia, os EUA, a União Europeia e demais entidades internacionais, vinham trocando acusações e impondo uns aos outros tons exaltados. Segundo Aparecido e Aguilar (2022), as causas profundas da guerra entre Rússia e Ucrânia são:

Para Mearsheimer, o objetivo dos Estados Unidos e seus aliados europeus é tirar a Ucrânia da órbita de influência russa e incorporá-la ao Ocidente. Fazer da Ucrânia um baluarte na fronteira da Rússia. Assim, o Ocidente seria o principal responsável pelas tensões e não os russos. Nessa estratégia há três elementos-chave. A mais importante: expansão da OTAN. Desde que a Guerra Fria acabou, com a administração de Clinton, é possível perceber uma movimentação ocidental em direção à fronteira russa. A segunda é a expansão da União Europeia, uma instituição econômica, em conjunto com a OTAN, uma instituição militar, que trata de integrar a Ucrânia economicamente ao ocidente. Por fim, a promoção da democracia. A Revolução Laranja pautou-se na promoção da democracia na Ucrânia e em outros lugares. Realizou a derrubada do governo para implantação de um regime democraticamente eleito. Nesse sentido, a estratégica se trata do estabelecimento de regimes democráticos e na espera de que aquele que for eleito seja pró-Ocidente, ou seja, atingindo ao mesmo tempo dois objetivos promovendo a democracia e obtendo líderes pró-América (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 4).

Com todos esses aparatos, chama a atenção o fato que a guerra armada entre Rússia e Ucrânia levantou novamente o debate relacionado à ordem econômica global, as geopolíticas internacionais e trouxe à tona o debate sobre a hegemonia ocidental no mundo, ponto pertinente para o presente estudo.

Dando seguimento a contextualização em relação a troca de acusações e motivos que estaria por detrás da guerra e do surgimentos de narrativas pró-ocidentais vs russos, temos a OTAN, outra parte envolvida na guerra, acusando o presidente Vladimir Putin de querer retomar a Ucrânia para restabelecer a União Soviética. No entanto, Fortes (2017) pontua que:

Neste sentido, na esfera da política externa o governo Putin beneficia-se de altos índices de aprovação entre os cidadãos russos. Segundo pesquisas de opinião apresentadas por White (2006, p. 43), 64% dos entrevistados russos aprovam a política externa do governo Putin em geral e 65% deles acreditam que o presidente conseguiu restaurar a posição internacional da Rússia, pelo menos parcialmente. Tais índices são bastante significativos, especialmente se comparados à satisfação dos russos com a atuação governamental no âmbito doméstico: 40% opinam que o governo foi bem sucedido em restaurar a ordem pública e 33% afirmam que houve uma melhora nas condições de vida. White também destaca o significativo apoio dos russos às relações com as demais antigas repúblicas soviéticas, bem como à defesa dos russófonos nos países da região. Tal proximidade explica-se pela existência de vínculos concretos: mais de um terço dos entrevistados afirma possuir parentes em outros países que compunham a URSS e 46% deles já haviam visitado a Ucrânia (FORTES, 2017, p. 30).

Ainda em conformidade com o pesquisador, o índice da política externa do governo Putin estava estável antes da guerra com a Ucrânia; grande parte dessa estabilidade vinha dos russófonos que já haviam visitado a Ucrânia e afirmavam possuir parentes em outros países que compunham a URSS. Logo, há possibilidades de que as acusações feitas pela sociedade internacional sejam verdade, mas o fato é que o Kremlin nega.

A Ucrânia por sua vez acusa a Rússia de agredir os princípios e o Direito Internacional da Carta ONU e, como frisa o presidente Zelensky, a Rússia também viola a soberania do Estado ucraniano. Entendemos mais sobre a carta de ONU:

A carta da organização, aprovada em janeiro de 1993, também enfatizava a igualdade e a soberania de todos os membros ao mesmo tempo em que estipulava a cooperação em várias esferas, tais como política externa, comunicações, transporte, políticas sociais e direitos humanos. A carta, entretanto, foi assinada por apenas sete dos dez países membros que estavam presentes nesta ocasião, sendo que apenas dois destes o fizeram sem reservas (FORTES, 2017, p. 39).

No início do confronto ou até mesmo antes, quando as tropas russas apenas estavam posicionadas na fronteira com a Ucrânia, ONU e comunidades internacionais vinham pautando debates sobre violação das fronteiras de um Estado democrático como forma de chamar atenção do governo russo sobre seu o próximo passo. No entanto, até momento do fim desta pesquisa a guerra, já tem mais de um ano, e percebe-se que não foram eficazes os debates e as ameaças de sanções econômicas prometidas ao Kremlin caso invadissem o país vizinho. A outra hipótese a ser cogitada seria que o governo russo simplesmente ignorou todas as chamadas de atenção.

No próximo tópico trabalhamos as nuances e narrativas pró-ocidentais com relação à Rússia e as séries de discordâncias, choques e implicações que envolvem também toda uma questão ideológica internacional.

1.2. OTAN, discursos de supremacia e divergências antigas com a Rússia



Figura 02. Bandeiras enfileiradas na área em frente ao prédio das Nações Unidas.

Fonte: *Jornal Nacional*: 09 de mar. 2022

Para demonstrar que a crise diplomática e internacional está longe de entrar em consenso, o *JN* traz na edição do dia 9 de março de 2022, bandeiras enfileiradas na área em frente ao prédio das Nações Unidas, como visto na **Figura 02**, no intuito de reafirmar que autoridades internacionais estão, como diz o senso comum, *batendo cabeça*. As bandeiras significam ainda que os corpos diplomáticos envolvidos nas negociações de um possível cessar-fogo não estão encontrando acordo mútuo em meio as disputas de narrativa.

Os Estados Unidos e a Aliança Militar do Ocidente são aliados pelo menos desde o fim da Guerra Fria em 1991 e, por isso, no mapa do *JN* a primeira bandeira que aparece na montagem é dos EUA, e logo em seguida bandeiras dos países europeus. No histórico de divergências entre a Rússia e o Ocidente, entende-se que a aliança é antiga e antecede a guerra atual.

Atualmente com sede em Bruxelas, a OTAN reúne mais de 29 países desde a sua criação em 1949, da qual fazem parte os Estados Unidos e outros 29 países, e alguns destes países incorporavam a União Soviética antes do seu fim em 1991, como por exemplo Polônia

e República Checa, Romênia, Bulgária, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Lituânia e Letônia, Albânia e Croácia, Montenegro, e Macedônia do Norte, entre outros.

Após o fim da Guerra Fria em 1989, observou-se uma contração russa, manifestada na perda de sua influência no espaço geopolítico da antiga União Soviética, cuja fragmentação levou à formação de vários novos estados soberanos, que se tornaram fonte de atração e interesse para o Ocidente. Especificamente, três regiões instáveis exercem pressão geopolítica sobre a Rússia: 1) a região do Cáucaso, principalmente, as regiões separatistas do Azerbaijão e Armênia, Chechênia, Daguestão, Georgia, Ossétia do Norte e do Sul; 2) Ásia Central e o Sul da Ásia, a mencionar seus vizinhos próximos: a China e a Índia, Cazaquistão, Turcomenistão, Quirguistão, Tadjiquistão; e 3) a região ocidental, com as ex-repúblicas soviéticas no Mar Báltico e países próximos da Europa Ocidental, como Ucrânia e Bielorrússia, e os antigos Estados membros do Pacto de Varsóvia na leste europeu. A penetração nesses espaços geopolíticos é essencial para o Ocidente por vários motivos: a possibilidade de sufocamento russo, a criação de instabilidade política, a ocupação de vácuos de poder e o acesso a recursos eurásianos, principalmente gás natural e petróleo, mercadorias básicas do Oeste. Esse fator somado a apresentação das duas fases de expansão da OTAN em direção a Rússia, em 1999 e 2004, percebe-se que, na verdade, quem está expandindo em direção à Rússia é o Ocidente. A grande preocupação atávica da Rússia é a segurança (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 4)

De acordo com os autores, a OTAN aproveitou do colapso soviético para expandir suas influências a países do leste europeu e expandir sua supremacia geopolítica. É importante frisar que a Ucrânia não faz parte da OTAN, porém o presidente Volodymyr Zelensky, antes mesmo da explosão da guerra e depois do início do conflito com a Rússia, vem afirmando a intenção e o desejo do país em ser membro da organização.

Assim, sendo, a Rússia reforça a divisão que há na Ucrânia, em que “[...] apenas o oeste ucraniano, que no passado pertenceu à Polônia, se identificaria com a identidade ucraniana e conseqüentemente, com o discurso pró-Ocidente. O leste se manteria, em sua maior parte, leal à Rússia por afinidades históricas e etnoculturais” (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 2).

A disputa geopolítica na guerra entre Rússia e Ucrânia se agrava com o fato de o presidente ucraniano Zelensky dizer várias vezes, em seus discursos nas reuniões com a OTAN, que a Ucrânia “está lutando pela sobrevivência, mas também para entrar no bloco e que a União Europeia será mais forte com Ucrânia e sem vocês a Ucrânia ficará sozinha”, de acordo com informações veiculadas em 2022 no início da guerra. No entanto, o presidente russo Vladimir Putin exige, como garantia de um possível cessar-fogo, que a Ucrânia não seja aceita na OTAN. Assim,

[...] os interesses da Rússia nesta região acabaram se chocando com as posições ocidentais (as quais continuaram, em grande medida, a política de

isolamento geopolítico da Rússia levada à frente por Washington durante a Guerra Fria) e conduzindo ao desgaste nas relações entre as potências. É relevante aqui compreender os motivos que levaram à transição de uma cooperação inicial – com a aceitação russa do posicionamento de bases da OTAN em países da Ásia central para o combate ao terrorismo – a uma relação conflituosa, na medida em que a aliança atlântica continuou a ser expandida em direção às fronteiras russas no Cáucaso e no leste europeu (FORTES, 2017, p. 15).

Importante abordar o preâmbulo sobre a OTAN porque atualmente [até o fechamento desta pesquisa] o presidente ucraniano vem direcionando suas ações com foco em pertencer em algum momento à Aliança Militar do Ocidente.

É possível observar que, por detrás de cada país, o bloco envolvido na guerra está usando o confronto como um instrumento de desenvolvimento econômico, político, social e ideológico e no fortalecimento de relações diplomáticas, o que nos leva a entender que a guerra entre Ucrânia e Rússia não está fundamentada somente na soberania e na autonomia do povo ucraniano.

A nossa atenção está voltada para a forma como o nosso objeto de estudo, *JN*, vem pautando conteúdos sobre a guerra entre Rússia vs Ucrânia, construindo e contribuindo com um narrativa pró-ocidental em coberturas telejornalísticas sobre este confronto que envolve o bloco geopolítico ideológico que o jornal está alicerçando.

Até o fim da escrita deste estudo, ressaltamos que o jornal não assumiu abertamente uma posição de estar defendendo um bloco específico na guerra. Segundo Fernando Albino Leme (2020), o *JN* não costuma assumir uma posição clara quando está apoiando um lado em determinados acontecimentos:

Apesar de assumir uma postura mais crítica, o telejornal passou a investir em notícias regionais e pontuais, desvinculando-as do cenário nacional. O Jornal Nacional continuava, portanto, a investir em uma agenda positiva ao governo conforme mostra Rezende (1985, p.153). O autor afirma que “o telejornal privilegiava nitidamente as regiões ricas, tanto no noticiário nacional como internacional, refletindo toda ordem econômica a que se submetia o Brasil nos planos internos e externos” (LEME, 2020, p. 39).

O cenário de instabilidade global é propício para grandes veículos de comunicação difundirem suas construções ideológicas representativas do mundo e a difusão desses preceitos para telespectadores e para sociedade internacional, tendo em conta que detêm espaço para estabelecer e mudar as relações de poder. O nosso objeto de pesquisa, *JN*, como aponta Leme (2020), é um dos veículos que tem por hábito usufruir desses fenômenos para construir narrativas que dialogam com seu viés ideológico.

Nisso, apreender a relação histórica entre os dois vizinhos em guerra é de suma importância para tentarmos entender os movimentos e os discursos vindos de dois blocos extremos – Europa Ocidental e vs Oriente: este composto por duas superpotências, a Rússia e a aliada diplomática, China –, mas também o que significa um jornal brasileiro narrar o conflito.

Com tantas variações de narrativas construídas e tensionadas sobre a guerra, há outro fator que contribuiu para os discursos de supremacia ocidental com relação à outra parte envolvida a Rússia, como nos aponta Campato (2022):

O primeiro imperialismo traduzia os interesses dos Estados Unidos e dos países europeus da OTAN. O outro imperialismo era o dos russos, apoiado pela China. Em alguns casos, tais ações revestiam-se de conotações de ordem civilizatória mais ou menos positivas, de modo que não era raro ouvir que a luta colocava lado a lado ocidentais e orientais com todo o simbolismo e preconceito que semelhante oposição envolvia, como, por exemplo, o Ocidente representando a norma e o Oriente, o desvio da norma (CAMPATO, 2022. p. 83).

De acordo com o autor, tal postura é o que mais se aproxima dos discursos orientados por questões ideológicas sobre a guerra produzidos pelo *JN*. E a presente pesquisa busca entender a partir das coberturas telejornalísticas qual e como as diferentes visões estão sendo tratados na linha editorial do *JN*.

1.3. Tensão no campo global: Guerra Rússia e Ucrainiana

“O conselho de segurança da Rússia afirmou hoje que as áreas conquistadas na Ucrânia podem ser defendidas com armas nucleares” (Abertura do *JN*, 24. nov. 2022).

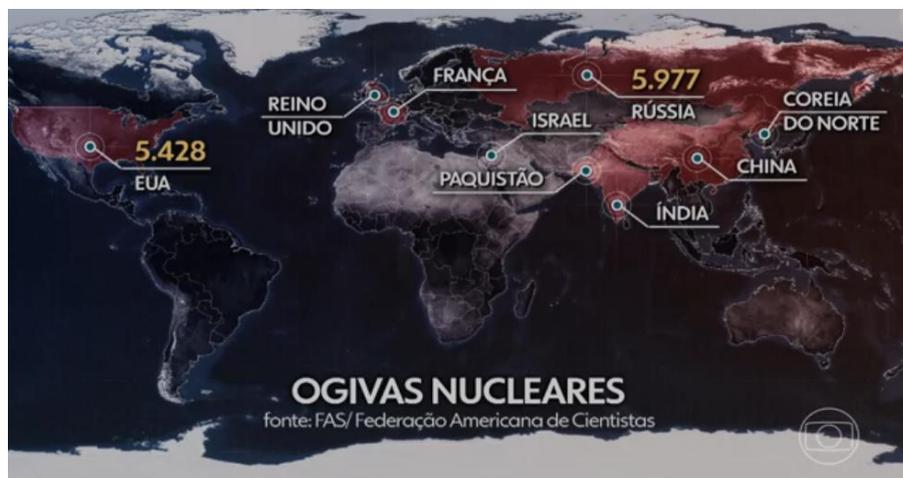


Figura 03. Mapa de ogivas nucleares.
Fonte: *Jornal Nacional*: 01 de mar. 2022.

Segundo o jornal, no momento a atenção de toda a sociedade internacional está voltada para a ameaça de uma guerra nuclear entre Rússia e Ucrânia. É pertinente destacar neste cenário bélico (**Figura 03**) que o Kremlin estaria preparado em relações de ogivas nucleares para usar contra o Ocidente, especialmente os EUA, que ainda é a segunda potência mundial em termos de ogivas, e em um eventual agravamento da guerra a Rússia estaria preparada para o *front*.

Mutual assured destruction. Hipótese que alega a improbabilidade de uma guerra nuclear em larga escala entre potências nucleares, tendo em vista que o resultado seria a aniquilação de todas as partes envolvidas no conflito. O desenvolvimento de defesas contra mísseis nucleares por algum país colocaria outros em risco, uma vez que o primeiro poderia, teoricamente, se atrever a lançar seus próprios mísseis sem correr perigo de sofrer retaliação (WALTZ, 1990 *apud* FORTES, 2017. p. 49).

Ogivas nucleares e artefatos bélicos sempre foram um dilema para a segurança mundial e hoje estão presentes no confronto atual e sob domínio dos países que estão declaradamente em guerra. Segundo Aparecido e Aguilar (2022), há diversas ocorrências nas raízes da guerra entre Rússia e Ucrânia, muitas delas antecedem os acontecimentos mais recentes como ato de 2014, no sul da península ucraniana, onde a cidade da Crimeia foi ocupada pelos separatistas russos e dali até então todos os olhares e comunidades internacionais já estavam se articulando para reagir em caso de um futuro conflito semelhante. E, por isso,

a aproximação da Ucrânia e de qualquer outro país exsoviético com o Ocidente é inaceitável e tão problemático quanto a participação dos antigos países do Pacto de Varsóvia e Estados Bálticos na OTAN e UE. Por um lado, elimina a capacidade da Rússia de manter uma esfera de influência ao seu redor. Por outro lado, mostra ao povo russo que outro modelo político, econômico e social é possível. A situação piorou com a ajuda dos EUA à Ucrânia e o envio de tropas e armas da OTAN à Polônia e aos países bálticos, incluindo defesas aéreas capazes de neutralizar os sistemas de mísseis russos. A Rússia não vê a OTAN como uma aliança benigna. No seu discurso nas primeiras horas do dia 24 de fevereiro, que autorizou uma operação militar especial que, conforme Putin, visava proteger a população no leste da Ucrânia, ele declarou: Sabe-se bem que por 30 anos tentamos, persistente e pacientemente, chegar a um acordo com os principais países da OTAN sobre os princípios de uma segurança igualitária e unida na Europa. Como resposta a nossas propostas, frequentemente nos debatemos ou com enganações cínicas e mentiras, ou com tentativas de pressão e chantagem, enquanto a Aliança do Atlântico Norte, no meio tempo, apesar de todos os nossos protestos e cuidados, se expande sem parar. A máquina de guerra se movimenta e, repito, se aproxima em cheio de nossas fronteiras (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 5-6).

Nesse contexto, é preciso observar como o *JN* delinea a figura do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, como um dos rostos do poder, e como alguém que está trabalhando em prol da democracia, para o bem vencer o mal na guerra atual. O presidente dos EUA, desde o início da invasão atual, do dia 24 de fevereiro de 2022, vem expressando sua preocupação, aplicando sanções e trocando acusações com o presidente Putin e o acusando de ser um ditador. No entanto os autores Aparecido e Aguilar (2022) dizem o seguinte:

A Rússia está convencida de que a OTAN é um instrumento de dominação ocidental, especialmente os interesses econômicos americanos. Os EUA usam a retórica sobre democracia e direitos humanos como desculpa para fazer valer seus interesses econômicos pela força, especialmente quando as reservas de petróleo estão em questão. Sobre isso, no pronunciamento de Putin, no dia 24, ele mencionou uma série de episódios que confirmam sua posição. Primeiro, sem qualquer autorização do Conselho de Segurança da ONU, realizou-se uma sanguinolenta operação militar contra Belgrado [...] Depois, foi a vez do Iraque, da Líbia e da Síria. O uso ilegítimo da força militar contra a Líbia e a deturpação de todas as decisões do Conselho de Segurança da ONU sobre a questão Líbia levaram à destruição completa desse Estado [...] Destino semelhante renderam também à Síria. A ação militar da coalizão ocidental no território do país sem o consentimento do governo sírio e sanção do Conselho de Segurança da ONU é nada menos do que uma agressão, uma intervenção. [...] nessa lista tem lugar especial a invasão do Iraque, claro, também sem qualquer base legal. [...] Os exemplos que dei aqui são os mais gritantes, mas estão longe de ser os únicos de negligência do Direito Internacional. Nessa lista incluem-se também as promessas ao nosso país de a OTAN não expandir nem uma polegada para o leste (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 6).

O contexto exibido pelos autores tensiona as narrativas que as coberturas telegenéticas de guerra do *JN* constroem em prol Ocidente⁶, da mesma forma que faz frente

⁶ “O ‘Ocidente’ é também, dessa forma, uma ideia, um conceito - e isso é o que mais nos interessa neste capítulo. Como a ideia, a linguagem do ‘Ocidente’, surgiu e quais têm sido seus efeitos? E o que queremos dizer quando o chamamos de conceito? O conceito ou ideia de ‘Ocidente’ pode ser compreendido das seguintes formas, segundo o seu funcionamento: Primeiramente, ele nos permite caracterizar e classificar sociedades em diferentes categorias, como ‘ocidentais’ e ‘não ocidentais’. É uma ferramenta que nos faz pensar. Ele nos permite impulsionar uma certa estrutura de pensamento e conhecimento. Em segundo lugar, é uma imagem, ou um conjunto de imagens. Ele condensa uma série de características diferentes em uma imagem. Aguça nossa visão mental, ou seja, representa em linguagem verbal e visual uma figura composta por diferentes sociedades, culturas, povos e lugares. Ele funciona como parte da linguagem, um ‘sistema de representação’. (Refiro-me a ‘sistema’ porque ele não se sustenta sozinho, mas em conjunto com outras imagens e ideias que compõem o conjunto: por exemplo, ‘ocidental’ = urbano = desenvolvido; ou ‘não ocidental’ = não industrial = rural = agricultor = subdesenvolvido.) Em terceiro lugar, ele fornece um padrão ou modelo de comparação, permitindo-nos comparar até que ponto sociedades diferentes se parecem ou se diferenciam uma em relação à outra. Sociedades não ocidentais podem ser denominadas como ‘próximas’ ou ‘muito distantes’ do Ocidente ou, até mesmo, “em vias de” se ocidentalizar. O conceito, então, nos auxilia a explicar a diferença. Em quarto lugar, ele nos possibilita elaborar critérios de avaliação contra os quais outras sociedades são classificadas e em torno de quais sentimentos positivos e negativos se acumulam. (Por exemplo, o ‘Ocidente’ = desenvolvido = bom = desejável; ou o ‘não Ocidente’ = subdesenvolvido = ruim = indesejável.) Ele produz um certo tipo de

aos discurso do Conselho de Segurança da ONU, que é integrado até o presente momento da escrita da pesquisa, por Estados Unidos da América, Federação Russa, França, Reino Unido e República Popular da China. Importante dizer que, no Conselho, ambos os países envolvidos na guerra possuem aliados poderosos.

Situações que dificultam de obterem uma resposta unânime sobre o que fazer para frear o conflito, apesar da maioria se posicionar contra os ataques e contra a ação do presidente russo. Segundo, Aparecido e Aguilár (2022), o Artigo 17 do Conceito de Segurança Nacional da Federação Russa afirma que:

A postura do Ocidente voltada para combater os processos de integração e criar lugares de tensão na região da Eurásia está exercendo uma influência negativa na realização dos interesses nacionais russos. O apoio dos Estados Unidos e da União Europeia ao golpe de Estado anticonstitucional na Ucrânia levou a uma profunda divisão na sociedade ucraniana e ao surgimento de um conflito armado. O fortalecimento da ideologia nacionalista de extrema direita, a formação deliberada na população ucraniana de uma imagem da Rússia como inimiga, a aposta indisfarçável na resolução forçada das contradições intraestatais e a profunda crise socioeconômica estão transformando a Ucrânia em uma sede crônica de instabilidade na Europa e nas imediações das fronteiras da Rússia.

Tendo em vista todas as preocupações do presidente russo expostos acima, segundo os autores, o governo russo decidiu deliberar uma eleição direta nas cidades ucranianas ocupadas durante a guerra, pedindo para os cidadãos votarem e decidirem se queriam ou não que o território fosse anexado pela Federação Russa. O ato foi visto pela sociedade internacional como plebiscito.

No caso, a Federação Russa promoveu um plebiscito, no qual a população da região ocupada expressou seu apoio à reunificação. O plebiscito desempenhou um papel crucial na facilitação do processo de anexação desses territórios, e o resultado fortaleceu a posição do Kremlin perante a comunidade internacional, demonstrando seu respeito pelo princípio de autodeterminação dos povos, mesmo sem a comunidade internacional reconhecer o resultado eleitoral.

Podemos observar com mais detalhes alguns aspectos relacionados à guerra, como o potencial militar de alta capacidade de dissuasão da Rússia, a atuação da ONU, dos EUA e da OTAN nesse contexto, além do apoio conjunto que têm oferecido ao presidente Zelensky em sua empreitada. O *JN* fez questão de destacar na edição do dia 24 de fevereiro de 2022 o

conhecimento sobre um assunto e certas atitudes em relação a ele. Resumidamente, ele funciona como uma ideologia” (HALL, 2016).

poderio armamentista de cada uma das partes envolvidas nesse cenário de guerra, como ilustrado na **Figura 04**.



Figura 04. Mapa da divisão armamentista, a esquerda o poder de fogo da OTAN, a direita o poder de fogo da Rússia.

Fonte: *Jornal Nacional*: 24 de fev. 2022.

A imagem indica quem são os aliados de quem e quais os blocos envolvidos nesse confronto Rússia e Ucrânia. A imagem mostra-nos como o *JN* posiciona os envolvidos na guerra expressa que a ONU e a OTAN, atualmente, se posicionam contra a Rússia, em defesa dos ucranianos e seguindo o desejo de Zelensky em ingressar na OTAN, que é um dos motivos que direcionou o conflito com a Rússia. Na cobertura de guerra produzida pelo *JN*, compara-se a quantidade do armamento de ataque de toda aliança Ocidental em relação à Rússia e não compara-se o poder de ataque que a Ucrânia tem frente à Rússia.

Nessa comparação feita pelo *JN*, fica indicado que o imperialismo europeu se equipara com o imperialismo Russo e sugere ainda que os aliados da Ucrânia estão bem confortáveis no caso de uma possível retaliação ao adversário.

Ainda que os ocupantes tenham tentado se valer do discurso de proteção à “independência” destas nações e instaurado governos fantoches para legitimar seu domínio, a brutalidade da ocupação e da espoliação levada a cabo nestas localidades legitimou o argumento bolchevique de que os dois lados do conflito eram compostos por facções imperialistas travando uma guerra de rapina (FORTES, 2017. p. 64).

A comparação ainda robustece as disputas bélicas tanto da OTAN, UE e EUA, quanto da Rússia, rivais históricas, e seguindo o raciocínio lógico (FORTES, 2017; APARECIDO; AGUILAR, 2022), os motivos pelos quais sempre houve uma instabilidade política entre

esses dois vizinhos perpassam a questão de ocupação de cidades estratégicas do território ucraniano e de que se trata de proteger a independência do país.

De acordo com as leituras feitas em reportagens que lançamos mão em sites de notícias e na pesquisa de Fortes (2017), pontuamos aqui uma ressalva: é importante fazer o exercício de olhar para trás, antes de 1991, onde a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), atualmente Rússia, detinha uma economia planificada e os meios de produção eram propriedade do Estado e que hoje dispõe de uma economia forte e liberal (DELLAGNEZZE, 2022), que transcende a própria Rússia e transborda no Ocidente.

Ao rever os fatos da guerra até o presente momento, diante da situação de uma crise global entre os líderes que têm o poder de entrar em possível consenso, se isso realmente fosse o objetivo dos governos envolvidos no confronto, já teriam o feito. E pelo desenrolar da guerra, o lado que ceder no momento e não tiver suas exigências reconhecidas após meses de guerra será visto internacionalmente como uma liderança fracassada.

Mas, se o ocidente demonstrou um apetite em se expandir para o leste no pós-guerra fria, com o tempo, demonstrou também certa fraqueza. a Otan, originalmente uma aliança de defesa coletiva, afirmou que seus interesses estariam em qualquer lugar do mundo e se expandiu em duas grandes parcelas, houve até a intenção de instalar um escudo antimísseis em países que fazem fronteira com a Rússia. Após isso, passou a assediar antigas repúblicas soviéticas como a Geórgia e a Ucrânia. Isso levou à percepção da OTAN como ameaça para os russos que passaram a se preparar para fazer frente a essa possível expansão. Desde meados de 1990 os russos deixaram claro que se opunham veementemente a expansão da OTAN mas: 1) eles estavam fracos para poder fazer algo a respeito; e 2) a expansão não envolvia antigas repúblicas soviética. O grande problema começou na cúpula de Bucareste, em abril de 2008. Nela, emitiu-se uma declaração em que a OTAN saudava as aspirações euro-atlânticas da Ucrânia e da Geórgia . Os russos deixaram perfeitamente claro que isso era inaceitável (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 6).

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que há uma construção de narrativas, ameaças e trocas de acusações da OTAN contra a Rússia. O Ocidente cogita um certa fraqueza dos russos após a dissolução da União Soviética, em 1991 respeito (APARECIDO e AGUILAR, 2022).

Nessa perspectiva, o *JN* noticia a quantidade de armas nucleares que os blocos envolvidos na guerra detêm, conforme **Figura 05**, exibida na edição de 28 de fevereiro de 2022.



Figura 05. Mapa da divisão de armas nucleares dos EUA e da Rússia.

Fonte: *Jornal Nacional*: 28 de fev. 2022.

É possível observar uma tendência do telejornal em dizer algo do tipo: “olha gente”, os aliados do presidente ucraniano, Zelensky, juntos têm mais força de destruição que a Rússia”. O *JN* faz um balanço de armamento de ataque que a OTAN e os EUA têm disponível para um eventual conflito direto com a Rússia.

Durante a Guerra Fria (1948-1991), existiam aproximadamente 70 mil armas nucleares no mundo. Atualmente, a estimativa é de 17 mil, sendo que a maior parte, 90%, pertencente à Rússia e aos Estados Unidos da América, e, em menor escala, entre outros países tais como, a França, Inglaterra, Grã-Bretanha, China, Paquistão, Coreia do Norte, Índia, Grã-Bretanha, e Israel, esse último que não afirma e nem desmente possuir. Assim, de acordo com estimativas de 2012, obtidas pela Federation of American Scientists Word Nuclear Forces ou Federação de Cientistas Norte Americanos, existe aproximadamente 17.000 ogivas nucleares no mundo, sendo que cerca de 4.300 delas são consideradas “operacionais”, ou seja, estão prontas para uso (DELLAGNEZZE, 2022, p. 37)

O jornal faz isso apesar de reconhecer que o presidente russo mesmo estando isolado pela comunidade internacional, como vem apresentando nas narrativas produzida em pró-Occidente, por ser um ditador e “vilão” desse teatro de guerra, é a maior potência do mundo em termos de armas (DELLAGNEZZE, 2022).

A imagem do telejornal, reproduzida na **Figura 06**, corresponde a reportagem: *Entenda por que americanos não estão em alerta com a ameaça nuclear de Vladimir Putin: Jornal Nacional ouviu estudiosos sobre as ameaças do presidente russo aos países que declararam apoio à Ucrânia e sobre a declaração de que colocou as forças nucleares russas em alerta máximo*, exibida no dia 1 de março de 2022, e nela o *Jornal Nacional* trabalha a

questão das disputas de narrativas entre superpotências no confronto convencional. Conforme a guerra foi se desenrolando, em algum momento o conflito passou a ter os rostos dos presidentes das grandes potências mundiais expostos (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

De acordo com Aparecido e Aguilar (2022), a preocupação da Rússia tem a ver com a expansão da OTAN desde a Guerra Fria. O país acredita que os Estados Unidos estejam buscando cercá-la militarmente para manter sua supremacia, dificultando a formação de uma ordem mundial multipolar. É importante trazer a contextualização da guerra que:

Desde o século IX, a Rússia sofreu inúmeras invasões do leste e oeste. Destarte, no imaginário psicossocial sempre há um olhar desconfiado para o Ocidente e ao perceber que esse vem demonstrando cada vez mais o seu interesse de expansão no seu entorno estratégico, ou seja, seu espaço de segurança, a preocupação aumenta. O aspecto simbólico da Ucrânia é muito significativo. Esse país fazendo parte da OTAN significa para os demais países próximos que eles também conseguiriam e teriam, portanto, a mesma alternativa, com efeito direto na Rússia (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 5).

Diversas são as rivalidades entre Ocidente e Rússia, e a guerra atual incrementa os enredos narrativos edificados em volta do conflito, como explicam Aparecido e Aguilar (2022). A Rússia já foi inúmeras vezes invadida no leste e oeste pelo Ocidente, por isso o olhar desconfiado para a expansão da OTAN.



Figura 06. À esquerda, o presidente dos EUA, Joe Biden, e à direita, o presidente da Rússia, Vladimir Putin.
Fonte: *Jornal Nacional*: 01 de mar. 2022.

Na busca por um entendimento sobre as rivalidades existentes na guerra, a crise de poder internacional imposta a toda uma comunidade ocorre em diversos campos geopolíticos, tais como: territorial, midiático, simbólico, e econômico. Do mesmo modo, é perceptível que

os envolvidos na guerra entre Rússia e Ucrânia, como a OTAN e os EUA, lutam para a preservação de seus “discursos hegemônicos exêtricos”.

Segundo notícias divulgadas no início do confronto, Vladimir Putin, atual presidente da Rússia, nasceu em 7 de outubro de 1952 em São Petersburgo. Antes de sua carreira política, atuou como agente do KGB no departamento exterior e ocupou os cargos de chefe dos serviços secretos soviéticos e russos. Além disso, Putin exerceu a presidência de 2000 a 2008 e também ocupou o cargo de primeiro-ministro em duas ocasiões: de 1999 a 2000 e de 2008 a 2012 (DELLAGNEZZE, 2022). Por conta da sua trajetória, o presidente é conhecido como um governante político forte, e com longo histórico de desavença com a política Ocidental, “o maior perigo externo são os Estados Unidos, a Otan, e em uma escala menor a União Europeia e o Ocidente em geral” (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

O presidente da Ucrânia, Presidente Zelensky, no início da guerra, em um dos seus pronunciamentos com data não identificada, veiculado pelo *JN*, diz: “Às sete da manhã, seguimos defendendo nosso Estado sozinhos”, pedindo, assim, ajuda à comunidade internacional com o intuito de neutralizar os ataques do presidente da Rússia, Vladimir Putin.

Como podemos observar na **Figura 06**, Joe Biden aparece em pronunciamento com data não identificada, veiculado pelo *JN*, na sede do governo dos EUA, diretamente da Casa Branca, se posicionando contra o Putin em defesa dos ucranianos e à disposição para ajudar o governo da Ucrânia a resistir e a não se render frente a invasão, que aparece do lado direito da imagem.

A postura do governo estadunidense em financiar armas para Ucrânia é vista como uma postura intencional que beneficia as narrativas em prol do Ocidente, com isso fortalece a ideologia nacionalista de extrema direita, e a criação dos estereótipos deliberados na população ucraniana, de uma imagem da Rússia como inimiga, um propósito forçado que de alguma forma exerce uma influência negativa na realização dos interesses nacionais russos (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

Em depoimento, o presidente estadunidense Joe Biden chama Putin de ditador e afirma que a Rússia sairá mais fraca da ofensiva e o mundo mais forte. Esse discurso resume em tese as comparações que o *JN* vem fazendo nas suas coberturas da guerra. Os EUA assume para si esse papel de se colocar em frente a contra ofensiva russa e o presidente Biden é líder número um da OTAN.

As coberturas telejornalísticas de guerra do *JN* utilizam os recursos de comparação para demonstrar o poder que os lados envolvidos em guerra detêm. Essa comparação às vezes

aparece na narração dos repórteres da bancada, no discurso dos enviados especiais e na construção das reportagens. É com essa comparação que o veículo faz que possamos perceber um pouco desse contexto histórico bipolar de tensão entre russos e ucranianos, assim como as divergências existentes.

As tensões entre a Rússia e a União Europeia (UE), que de forma geral é aliada dos Estados Unidos, se estendem desde o final da Guerra Fria em 1991, quando a União Soviética abarcava tanto a Rússia quanto a Ucrânia. Sobre isso, o âncora e editor-chefe do *JN*, William Bonner, declara que:

O mundo está prestes a completar as 24 horas mais tensas do século XXI entre as potências nucleares que no século passado protagonizaram a chamada Guerra Fria. A rigor, desde o fim da União Soviética, há mais de 30 anos, russos e americanos não impunham uns aos outros no clima bélico desta magnitude. Na madrugada de quinta-feira em Moscou, ao anunciar um ataque militar contra a Ucrânia, Vladimir Putin confirmou os alertas emitidos pelos Estados Unidos durante meses e desmentiu os desmentidos do próprio Putin (JORNAL NACIONAL, 24.02.2022).

E com essa chamada para reportagem: *Entenda o papel de cada um dos atores principais do teatro de guerra na Ucrânia: Saiba quem é quem na crise que monopolizou as atenções do mundo. O presidente da Ucrânia informou que 137 cidadãos ucranianos, entre eles militares e civis, morreram no primeiro dia de uma invasão maciça à Ucrânia*, divulgada no dia 24 de fevereiro de 2022, o *JN* relembra a história das tensões recentes dos líderes mundiais e as suas motivações em apoiar esse ou outro lado envolvido na guerra atual.

O presidente estadunidense, Joe Biden, para tentar conter os avanços do presidente russo, Vladimir Putin, dentro das regiões ucranianas, vem fornecendo recursos como armamentos, dinheiro, aplicação de sanções aos oligarcas russos e ao próprio presidente Putin, dentre outras atitudes que vem adotando para que os ucranianos resistam. No entanto, isso também pode aumentar a percepção da Rússia como uma ameaça, tendo em vista a aproximação do Ocidente com o Leste Europeu, levando mais tropas da aliança nos países membros, uma possível corrida armamentista, países buscando adesão à OTAN e uma maior coesão nas ações do Ocidente.

De acordo com notícias divulgadas por diversos portais de comunicação sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia, é perceptível que, no contexto da guerra, os EUA e a OTAN estão em diálogo, alinhados aos interesses do presidente ucraniano, construindo assim uma frente unificada contra a Rússia, porque entendem que Putin está violando a soberania do território do país vizinho.

A ação do presidente russo, ao estacionar tropas e equipamentos militares nas fronteiras com a Ucrânia, vem sobressaindo, em quase todas as reuniões que acontecem com líderes da comunidade internacional, como violação do território ucraniano. Por conta disso, chefes de Estado considerados mais ricos do mundo aplicam sanções econômicas e ameaçando uma retaliação militar. Porém, a atuação dos Estados Unidos e de seus aliados europeus na guerra entre Ucrânia e Rússia, também tem sido alvo de críticas (APARECIDO; AGUILAR, 2022; DELLAGNEZZE, 2022).

Com tais ações, o presidente dos EUA tornou-se um dos rostos importantes na guerra Rússia x Ucrânia. Apesar das suas tentativas não surtirem tanto efeito em mais de um ano de guerra, considerada a conclusão desta pesquisa, Joe Biden vem se apresentando como um forte aliado do presidente ucraniano (**Figura 07**).

Do lado esquerdo da imagem (**Figura 07**), temos o líder ucraniano, Volodymyr Zelensky, que em conformidade com notícias divulgadas nos primeiros dias de confronto armado, nasceu em 25 de janeiro de 1978, em Kryvyi Rih, Ucrânia. Com 45 anos, Zelensky possui uma trajetória diversificada e uma ampla experiência nas áreas de entretenimento e política. Além de ser reconhecido como ator, roteirista, comediante, produtor e diretor cinematográfico.

Em 20/05/2019, foi eleito o Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e já no seu discurso inaugural, afirmou que sua primeira tarefa seria acabar com o Conflito no Leste do país, e prometeu “proteger a soberania e a independência da Ucrânia”. O Presidente Volodymyr Zelensky, afirma a intenção da possível entrada da Ucrânia na OTAN. Acrescentou o Presidente Volodymyr Zelensky, que o diálogo com a Rússia, só poderá ocorrer após a devolução do território ucraniano ocupado e o retorno de prisioneiros de guerra, e prometeu pressionar o Presidente russo, Vladimir Putin, a acabar com a ocupação russa do território ucraniano, na região de Donbas. (DELLAGNEZZE, 2022, p. 33)

Na **Figura 07**, o presidente ucraniano Zelensky visita o líder dos EUA, Joe Biden, o primeiro encontro dos dois desde o início do conflito com a Rússia. O encontro entre os dois líderes ocorreu ainda em um período em que a guerra na Ucrânia estava prestes a completar 10 meses. A visita ocorreu em uma quarta-feira, 21 de dezembro. Este tipo de acontecimento só reforça a narrativa que a OTAN e os EUA estão no *front* junto à Ucrânia e contra seu inimigo histórico, a Rússia.



Figura 07. À esquerda, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, à direita, Joe Biden, dos EUA.
Fonte: Imagem de reprodução no *Instagram* oficial de Joe Biden: @joebiden.

De acordo com Dellagnezze (2022) e Fortes (2017), na guerra, a Rússia também tem seus aliados. A China, por exemplo, tenta parecer neutra no conflito, porém tudo indica que é aliada de Moscou. Durante a invasão russa, a China criticou o envio de armas à Ucrânia e as sanções econômicas impostas à Rússia. O presidente russo, Vladimir Putin, se reuniu com o diplomata chinês Wang Yi e o ministro das Relações Exteriores russo, Sergey Lavrov na primeira semana de guerra.

Em um eventual confronto com a OTAN e com a Ucrânia, Putin contará com Belarus e China como aliadas. Porém, este cenário é só uma hipótese e, até então, os esforços estão sendo redirecionados para evitar a escalada do caos e uma possível terceira guerra mundial com uso de armamento nuclear.

Ressalta-se ainda que o líder chinês, Xi Jin Ping, e o líder dos EUA, Joe Biden, no campo da diplomacia, vivem trocando acusações. Analogamente, a relação entre China e Estados Unidos da América é uma tensão constante.

Faz-se necessário dizer ainda que a China vem sendo criticada desde o início da guerra por se abster e não condenar a ação militar russa ou chamá-la de invasão, como vem fazendo

a comunidade internacional e veículos de imprensa pelo mundo, incluindo o nosso objeto de estudo, o *JN*.

Quando a guerra da Ucrânia completou um ano, na sexta-feira, 24 de fevereiro de 2023, a Assembleia Geral da ONU aprovou uma resolução exigindo a retirada imediata das tropas russas. Segundo notícia publicada na UOL, lê-se:

A Assembleia Geral da ONU aprovou, nesta quinta-feira (23), por ampla maioria uma resolução exigindo a "retirada imediata" das tropas russas da Ucrânia para encerrar a guerra iniciada há um ano por Moscou. Com 141 votos a favor, 7 contra (Rússia, Belarus, Coreia do Norte, Eritreia, Nicarágua, Mali e Síria) e 32 abstenções, a comunidade internacional aprovou a resolução "Princípios da Carta das Nações Unidas sobre os quais baseia-se uma paz abrangente, justa e duradoura na Ucrânia" (UOL, 23.2.2023).

De acordo com o portal de notícias, o representante da China presente no fórum, se absteve da votação, frisando que esta não é primeira vez que a Assembleia Geral das Nações Unidas se reúne e pede a retirada imediata das tropas russas da Ucrânia. A diferença é que esta assembleia específica se deu um dia posterior à visita do chanceler chinês ao Putin e um dia antes da guerra entre Rússia e Ucrânia completar um ano.

Assim, hoje, por um lado, os EUA, os Membros da União Europeia - EU e ou, Membros da OTAN, se alinham aos interesses da Ucrânia, por entender que a Rússia viola a soberania do território da Ucrânia e o Direito Internacional, ao estacionar tropas e equipamentos militares nas fronteiras Ucrânia, e sugere sanções econômicas, e possivelmente, retaliações militares. Por outro lado, Belarus e China, já manifestaram simpáticos à causa da Rússia. Assim, eventual conflito entre Rússia e os EUA, bem como, a Rússia e os Membros da UE ou da OTAN, parece ser pouco provável, e esta possibilidade somente com o armamento convencional, pois, ninguém se arriscaria a apertar o botão, para o lançamento do primeiro míssil nuclear e desencadear a Guerra Nuclear (DELLAGNEZZE, 2022, p. 44-45).

Segundo vários veículos de notícias, fala do presidente russo, Vladimir Putin, que diz: “quem ousar interferir na guerra vai sofrer consequências jamais vistas”, foram proferidas na quarta-feira, 23) de fevereiro de 2022, perante um pronunciamento a comunidade russa, e este discurso foi bastante reproduzido pelo *JN*, que fez questão de repercutir em diversas coberturas veiculadas da guerra.

A nossa hipótese é que ao veicular o discurso do presidente Putin, muitas vezes o *JN* estaria construindo uma Rússia má, em relação ao Ocidente bom, reforçando a ideia de uma possibilidade de guerra nuclear.

1.4. Conjuntura global e transformações paralelas

A guerra entre a Rússia e a Ucrânia é um conflito de larga escala e tem sido um dos eventos geopolíticos mais sintomáticos do século XXI, com implicações que vão além das fronteiras desses dois países, como apontam Aparecido e Aguilár (2022) e Dellagnezze (2022). Seguindo de acordo com os pesquisadores os impactos desse conflito em certa medida são perceptíveis no campo das relações de trabalho, tecnologia, economia, política e na internacionalização do mercado. A guerra desta época é um fenômeno sem fronteiras.

Em uma época em que as nações possuem uma interdependência econômica, automaticamente ter um conflito armado é algo ponderado. Rússia e Ucrânia são interligadas em termos de comércio, investimentos e fluxos financeiros, e a guerra afetou negativamente as economias de ambos os países.

No terceiro dia da invasão, enquanto as forças russas atacavam uma unidade militar no subúrbio de Kiev, novas sanções à Rússia foram anunciadas pelos EUA, Reino Unido e União Europeia (EU), incluindo a suspensão do acesso ao Swift - Sociedade de Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais - principal rede de pagamentos internacionais, dificultando a possibilidade das empresas russas de negociar globalmente, desconectando-as do sistema financeiro internacional e limitando os pagamentos por serviços como o fornecimento de gás russo (APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 12).

Essas instabilidades acabaram por reforçar ainda mais alguns laços econômicos entre parceiros e com uma intensidades ainda maiores que antes da guerra. A guerra entre Rússia e Ucrânia impôs desafios a governanças globais e mudanças nas alianças geopolíticas; deixou o mundo em estado de alerta, no que tange a segurança mundial por ter uma escalada maior do conflito e conduzir o mundo a um conflito nuclear.

A revolução tecnológica recente, especialmente nos campos da informática e das telecomunicações, impulsiona as transformações no sistema capitalista mundial. Isso resulta em impactos significativos na organização das empresas, nos métodos de produção, nas relações de trabalho e na política financeira governamental (GORENDER, 1997). Segundo Gorender (1997), a guerra Rússia-Ucrânia desencadeou mudanças nas alianças geopolíticas e nas dinâmicas de poder. A Rússia tem buscado consolidar sua influência na região e fortalecer sua posição como uma potência global, a Ucrânia, por sua vez, tem buscado apoio internacional antes mesmo do início da guerra para fortalecer seus laços com a União Europeia e a OTAN. Essas mudanças têm o potencial de remodelar a ordem geopolítica Oriental e além disso os reflexos da guerra abrangem diversos campos sociais.

Com sua base material na revolução informacional (também chamada de terceira revolução tecnológica), o processo de globalização trouxe profundas alterações no âmbito da produção, nas relações de trabalho, no comércio nacional e internacional, nas finanças, na esfera política e em inúmeros aspectos da vida social (Schaff; 1993; Lojkine, 1990, 1995). As novas tecnologias de computação e de telecomunicação permitem que os produtos sejam resultado de operações efetivadas em diferentes países e mesmo continentes, vinculadas em tempo real. Tal possibilidade incrementou a capacidade de expansão das empresas multinacionais (EMs), dando-lhes agilidade a fim de localizar suas operações nos pontos mais vantajosos sob os aspectos de custo e de mercado (GORENDER, 1997, p. 311).

Como explica o autor, a chegada das tecnologias impulsionou transformações profundas em vários aspectos da vida social, incluindo produção, relações de trabalho, comércio nacional e internacional, finanças e esfera política, interligando assim com a globalização.

A globalização insere todas as nações em um emaranhado de teias de relações que exige uma troca de ideologias e discurso como elemento central. Está caracterizada pela interconexão econômica, política e social em escala mundial e desempenha um papel crucial na forma como as nações interagem e se relacionam entre si. Desta forma, esta guerra, no século XXI, pelo seu desdobramento, acabou tendo um efeito retroativo nas trocas e fluxos da conjuntura geopolítica. Tanto o governo russo quanto o ucraniano contêm laços que vão de questões econômicas a sociocultural que podem ser prejudicadas conforme a guerra continua, e acabar impactando tanto de forma direta quanto indireta outros países ao redor do mundo, (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

De fato, o Estado russo voltou a assumir controle parcial sobre a indústria petrolífera (aproximadamente 45% dela) e tornou-se o acionista majoritário da Gazprom, empresa que passou a deter o monopólio legal da exportação de gás natural (além de ser a responsável por mais de 80% de sua produção). Também houve aumento da participação estatal em outros setores, tais como indústria bélica, nuclear e de metais, embora os hidrocarbonetos componham a parte mais significativa (HANSON, 2010, *apud* FORTES, 2017. p.34)

Um ponto essencial a ser abordado ainda na conjuntura da globalização por viés da guerra é a dependência que governos têm com a Rússia, de acordo com Fortes (2017, p. 53), A maior parte dos hidrocarbonetos vendidos pela Rússia no mercado externo, cerca de 70% do gás natural e mais de 65% do petróleo exportados por este país, destina-se aos países europeus. Por sua vez, a Europa também depende fortemente dos recursos energéticos russos para suprir sua demanda interna: cerca de um terço das importações europeias destes hidrocarbonetos vem da Rússia. Tal relação de interdependência é particularmente aguda em relação ao gás natural, tendo em vista que as vias de abastecimento do mercado regional dependem da rede de gasodutos atualmente existente, a qual está majoritariamente configurada para o escoamento da Rússia à Europa. Assim, do ponto de vista europeu, a maior

preocupação com a segurança energética não reside no petróleo, mas no abastecimento de gás.

Se a guerra se estender por mais de um ano, e apesar das sanções econômicas impostas à Rússia pela União Europeia e do isolamento político imposto como aponta a sociedade internacional, a Rússia continua, de alguma forma, tendo um papel em relação à economia e às tecnologias globais, apesar de todas as narrativas que a mídia vem produzindo também para combater a política russa.

1.4.1. Neutralidade na crise do leste europeu

A economia global está sendo afetada pelo confronto, assim como a dinâmica de produção industrial e distribuição de suprimentos. Se antes a relação entre governos era sólida, há hoje, em certo grau, uma mudança nessas cadeias das relações geopolíticas globais.

Paradoxalmente, hoje, entre os extremos pontos do Planeta, evidenciam-se no Ocidente, os EUA, capitaneado por uma ideologia capitalista, e um PIB de 20 trilhões de dólares norte-americanos, e no Oriente, que além da Rússia e Japão, a China, capitaneada por uma ideologia socialista de mercado, e um PIB de 18 trilhões de dólares norte-americanos, são protagonistas, respectivamente, como primeira e segunda, maiores economias do mundo. Questiona-se, de quem será o triunfo, do Ocidente ou do Oriente? (DELLAGNEZZE, 2022, p. 62).

No desenrolar da guerra Rússia e Ucrânia tudo aponta que a sede do governo russo, Kremlin, já sabia que os insumos que sai dos seu Estado para abastecer outras nações são moedas de trocas e gera dependência geopolítica do mercado. E uma hipótese a ser considerada é que os suplementos que saem da Rússia para abastecer o Ocidente são umas das causas que levam os governos ocidentais a pensar duas vezes antes de retalhar a Rússia.

No meio desses confronto direto, temos o mediador que também possui dependência com as demais nações envolvidas na guerra, pois prefere se manter neutro. Nessa altura do confronto surge uma incógnita no seio da comunidade internacional sobre quem será o mediador efetivo para alcançar um acordo de paz entre as duas partes beligerantes (LEITÃO, 2023).

No emaranhado de teias geopolíticas e de poder econômico temos a China. Desde a explosão da guerra e até a conclusão desta pesquisa, vem sendo criticada pela postura de neutralidade e por continuar mantendo negociações com a Rússia. A China, nas reuniões que participa no Conselho de Segurança da ONU, com grupos de potenciais economias globais, e

em seus pronunciamentos oficiais, vem pedindo calma aos lados envolvidos, assim como vem demonstrando preocupações com a forma com as outras nações vem intervindo no confronto, e recentemente, a China apresentou um plano de paz com 12 pontos, o ponto mais relevante no plano da pacificação solicita o fim das hostilidade (LEITÃO, 2023).

Pequim, assim como Moscou, possui conexão com governos ao redor do mundo, uma relação enlaçada às regras do mercado global, que contribui para estabilidade da economia chinesa. O governo Xi Jinping, adotou para si postura de mediador do confronto e preferiu não se envolver diretamente na crise monopolizando a atenção de todos. A China pretende mostrar ser capaz de promover a paz e a estabilidade global, substituindo países que são responsáveis por fazê-lo internacionalmente (LEITÃO, 2023). No entanto, a mídia como *JN* continua criticando a neutralidade do governo e, nas coberturas de guerras, divulgam a hipótese do presidente estar atuando conjuntamente com Vladimir Putin para alterar os parâmetros da atual ordem mundial (LEITÃO, 2023).

Como uma das consequências do confronto nas transformações no quadro geopolítico atual, evidencia-se uma movimentação da hegemonia Ocidental para se manter no topo da ordem econômica mundial.

Estando praticamente todos os canais de comunicação cortados entre Washington e Moscovo, a quase aversão de Washington a uma aproximação do seu competidor chinês configura-se como praticamente automática. Entre argumentos e contra-argumentos transversais às várias partes envolvidas, desde os Estados Unidos, OTAN, Rússia e China, *“our thinking is necessarily clouded by the suffering that Russian President Vladimir Putin’s aggression has inflicted on the people of Ukraine”* (Westad, 2022: 1). Sendo o posicionamento de Xi Jinping cada vez mais central na guerra da Ucrânia, tal como o seu fulgor no cenário internacional, é também cada vez mais evidente um cenário de competição, dinâmicas e interações não só entre os contendores, mas também entre aqueles que aparentemente querem fazer a paz. A guerra é, atualmente, marcada pela crescente competição e cada vez menos por apelos à redução na escala do risco (LEITÃO, 2023, p. 296).

Como afirma Leitão (2023), na base de uma cooperação estratégica alargada, Rússia e China “[...] pretendem alcançar um multilateralismo com dinâmicas e valores diferentes do multilateralismo vigente” (LEITÃO, 2023, p. 297). Nesse viés lógico direcionado pelo autor considera-se uma possibilidade, através desses fatores, de que o Ocidente não consegue aceitar a postura do líder chinês em ser neutro na guerra, e segue ameaçando de impor sanções econômicas à China caso o presidente Xi Jinping se alinhe com a Rússia na guerra atual....

O *JN*, durante transmissão do telejornal do dia 24 de fevereiro, tirou 26 segundos da transmissão ao vivo para dizer que: “China não classifica ataque russo à Ucrânia como

invasão, Ministério das Relações Exteriores da China afirmou que o governo não vai se precipitar”.

O século XXI está sendo marcado pela guerra entre Rússia e Ucrânia, as nações foram obrigadas a rever a forma como estão ligadas globalmente e da mesma maneira com a segurança interna; prevendo um futuro a curto e longo prazo diante de um conflito que já demonstrou ter a capacidade de mudar a ordem global economicamente, assim como a geopolítica.

A interdependência global contemporânea é um campo de medição de força frágil e instável, todavia essa é essa configuração das relações econômicas e sociopolíticas que, apesar de fragilizada e desgastada, reduz a possibilidade de uma guerra mundial nuclear entre as nações envolvidas; ou seja, a própria dependência que os Estados possuem uns com outros é na verdade a grande mediadora desse conflito armado.

No próximo capítulo vamos rever o panorama histórico do *JN* e buscar entender como o veículo constrói suas narrativas em diálogo com elites econômicas globais e na defesa dos valores pró-Occidental.

CAPÍTULO II – *JN* e a promoção sociopolítica do Ocidente

Neste capítulo iremos trabalhar questões que apresentam algumas inquietações que deram origem ao presente estudo. Embora todas as abordagens editoriais no âmbito jornalístico tenham suas singularidades, e cada emissora, no caso da televisão, possui um viés que vai ao encontro com seu posicionamento ideológico, existem preocupações legítimas sobre a forma como linhas editoriais são implementadas

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem à operações e opções (modos) lingüísticos e extralingüísticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. Assim, a comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de seqüências encadeadas. Pressupõe também uma retórica que realiza a finalidade desejada. Implica na competência e na utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário (MOTTA, 2005, p. 3-4).

Segundo Motta (2005), a narrativa é um instrumento importante, nos veículos de comunicação, para tentar impor valores e ideais a culturas e sociedades, sem levar em consideração suas próprias tradições, crenças e perspectivas. Isso pode resultar em uma perda de identidade cultural e levar ao ressentimento e à resistência das comunidades locais.

Aimé Césaire (1978) explica a desigualdade global, ao se concentrar principalmente no desenvolvimento social e político dos países ocidentais. A abordagem narrativa adotada por algumas emissoras pode negligenciar as desigualdades globais já existentes. A prática pode perpetuar um sistema onde os países ocidentais não levam em consideração as particularidades e nuances das demais sociedades globais.

A partir desse entendimento nos damos conta de que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação (MOTTA, 2005, p. 4).

Desta maneira, a abordagem de uma narrativa, dependendo da forma como é usada, pode privilegiar algo ou alguém em detrimento de outras regiões do mundo, levando a disparidades crescentes, sendo, por exemplo, o Ocidente um padrão sócio político em relação ao restante do mundo. A carência de um viés ideológico e a falta de diversidade de pensamento nos conteúdos apresentados por emissoras de comunicação dá exclusividade a ideologias, que mantêm culturas e valores que já são predominantes, o que causa uma supressão de vozes. No Brasil isso pode ser percebido na chamada mídia hegemônica.

2.1. Grande mídia: Coberturas seletivas de guerra

A obra de Susan Sontag, “Diante da dor dos outros”, analisa e questiona as histórias de guerra de maneira descritiva e crítica.

Para um judeu israelense, uma foto de uma criança esfaqueada no atentado contra a pizzaria Sbarro no centro de Jerusalém é, antes de tudo, uma foto de uma criança judia morta por um militante suicida palestino. Para um palestino, uma foto de uma criança esfaqueada pelo tiro de um tanque em Gaza é, antes de tudo, uma foto de uma criança palestina morta pela máquina de guerra israelense. Para o militante, a identidade é tudo. E todas as fotos esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas (SONTAG, 2003. p. 8).

Uma discussão pertinente que a autora provoca consiste em demonstrar que podemos estar diante da mesma situação e ter percepções diferentes; tudo é muito subjetivo e depende muito do contexto histórico e social em que cada sujeito se encontra imerso.

Isso diz muito desta pesquisa sobre cobertura de guerra. Nós aqui no Brasil, vendo imagens de destruição da cidade capital da Ucrânia, Kiev e arredores, acessando as estimativas de quantas pessoas já faleceram desde o início da guerra até os dias de hoje, não desenvolvemos os mesmos sentimentos que um cidadão ucraniano ao entrar em contato com o mesmo conteúdo.

Logo, por mais que possamos construir legendas, imagens e sons, é preciso que haja cuidado para não deturpar o fato.

A personalização de uma notícia pode provocar também uma extrema singularização, e nesse caso, a história perde em contextualização. Há um apagamento do caráter sócio-histórico dos fatos sociais, ou seja, eles são apresentados como permanentes e recorrentes e perdem a cadeia lógica que os relacionam (AMARAL, 2006. p.7).

Amaral (2006) nos diz com isso que, apesar de um acontecimento ser pertinente e deter audiência, dependendo da forma como é exposto, isso pode causar no público certo conformismo.

Apresentados ao público os heróis e os vilões, compete depois à Justiça legitimar ou não essa opinião. Em alguns casos, isso acontece tarde demais. Na interpretação de Phillipe Guillaume, esse tipo de procedimento acaba por diluir as fronteiras entre o que é jornalismo, propaganda ou simples ficção no imaginário do espectador (1991, p.18 *apud* MARQUES, 2016. p. 138).

Na guerra entre Ucrânia e Rússia, essa preocupação fica evidente, visto que nos momentos de início e até o minuto da explosão propriamente dita, tal acontecimento aparecia em todos os telejornais, em especial no *JN*, sempre ocupando um lugar de destaque nas manchetes, bem como retratado em reportagem com longa duração.

Segundo Lima (2012), a mídia é capaz de induzir o público aos seus valores quando produz conteúdo que direciona o imaginário do telespectador do que está certo ou errado. Apesar de, no contexto atual, a mídia tradicional (TV, rádio, jornais impressos, revistas impressas, etc.) não deter mais o monopólio da comunicação, é importante pensar sobre o papel que ela segue possuindo na sociedade.

Lima (2012) discorre que a perda do monopólio de informação por parte dos veículos tradicionais é um fenômeno que ocorre com a expansão e diversificação da internet no cotidiano dos telespectadores. Como explica Leme (2020),

Não se pode ignorar que com a chegada da internet, a televisão brasileira tem passado por grandes mudanças tecnológicas que interferem diretamente no comportamento e nos processos de produção nas quais mudam as formas narrativas das próprias informações jornalísticas televisivas (LEME, 2020. p. 24).

A discussão de Leme (2020) demonstra o campo divergente em que perpassam os produtos jornalísticos, podendo produzir conteúdo divergente e acabar gerando impacto imensurável em um certo público. Quem determina quem vai desempenhar cada papel?, pergunta (MORAES, 2013). Nas coberturas midiáticas, inclusive as edições do *JN* que analisamos, buscamos entender como a mídia constrói um vilão Oriental e um herói Ocidental em uma guerra, na visão de vários pesquisadores – e às vezes também no senso comum (FRANÇA, 2012) – toda guerra tem um sujeito dotado de atitudes criminosas visto como o grande vilão e por outro lado temos personagens heroicos vistos como defensores de “bons valores” e que não abandonam a luta, dando a sua própria vida por uma ideologia.

O *JN*, ao construir seus conteúdos, explora esses modelos e enfatiza, de maneira a apresentar ao público, um culpado e um inocente, isso tudo com base no alinhamento político e ideológico do veículo.

Ao refletirmos sobre as coberturas de guerra entre Rússia e Ucrânia, vê-se que o *JN* utiliza recursos sensacionalistas e uma linguagem de camaradagem para conseguir atingir outros públicos.

Para grandes meios de comunicação como a *Rede Globo*, provedora do *JN*, além de ter a missão de acompanhar as transformações sociais é crucial fazer mudanças e adaptação para garantir audiência dos telespectadores. Tais questões evidenciam-se nas coberturas telejornalísticas de guerra, além de abrir mão de toda esta questão de mau e bom gosto, para por sua vez utilizar recursos imagéticos mais parecido com o cotidiano do público e também fugir de um linguajar mais coloquial formal para algo mais rotineiro nas coberturas de grande acontecimento.

O programa e a emissora, acostumados em fazer coberturas de acontecimentos de bastante impacto, “do interesse do público”, e de muita visibilidade, estabelecem assim um laço de confiança com telespectadores e críticos diversificados.

Mídia, palavra latina, já abrigada, significa “meios” no plural. Meios de comunicação, meios através dos quais circulam informações, mensagens, imagens, instrumentos e dispositivos através dos quais estabelecemos relações uns com os outros, e com o mundo. Aí se encaixam, portanto, a voz, o rosto, o papel, a escrita, as diferentes formas de imagens visuais. No início do século XX, a explosão da imprensa de grande tiragem, a invenção do rádio, do cinema e posteriormente da televisão suscitaram a criação do termo “meios de comunicação de massa”. A grande novidade, a grande revolução naquele momento, foi a possibilidade de se alcançar, de uma só vez, grandes audiências territorialmente distantes. As novas invenções permitiram cruzar tempo e espaço, atingir um grande número de pessoas, dispersas em vários lugares, ao mesmo tempo (FRANÇA, 2012. p.11).

Trazendo essa discussão da autora para o campo da análise de cobertura jornalística de guerra, um acontecimento que ocorre no seio social vira vários acontecimentos em uma cobertura jornalística, independente do veículo. Tratamos de uma cobertura jornalística televisiva, o estudo olha para o comportamento e as transformações que as coberturas feitas sobre a guerra foram adquirindo, conforme o conflito mudava de uma fase para outra, bem como de transformações na cobertura ao longo do tempo.

Após ser recortado como produção, o objeto jornalístico continua a desdobrar-se em diferentes esferas de análise. As formas como as organizações jornalísticas administram e planejam internamente as atividades produtivas talvez sejam mais adequadamente captadas por meio

do acompanhamento das rotinas de trabalho, junto aos profissionais da redação (SILVA; MAIA, 2011. p. 40).

Como as coberturas jornalísticas são recortes que dependem de uma série de questões, como Silva e Maia (2011) nos dão a entender, explorar principalmente questões teóricas e históricas da cobertura de guerra e do *JN* interessa à pesquisa, para que juntos possamos entender o que demais podemos enxergar, compreender, investigar, identificar e tensionar os conteúdos veiculados e os espaços em branco dos recortes das coberturas, pois nem tudo fica explícito no produto acabado.

2.2. Produção de conteúdos televisivos ideológicos

Conforme nos lembra (MORAES, 2013) a *Rede Globo* é referência, tem importância no mercado da comunicação e obtém um domínio da mídia dentro do território brasileiro. O *Grupo Globo* possui potencial e força para dar vida às narrativas que dialogam com seus interesses políticos, econômicos e históricos. O autor assinala que o *Grupo Globo* surge em 1925, com o jornal impresso carioca, *O Globo*. Irineu Marinho foi o fundador do jornal impresso e faleceu no mesmo ano da fundação do jornal, pois teve um ataque cardíaco. Seu filho, Roberto Marinho, se tornou presidente da empresa em 1931, e conseguiu a concessão para TV aberta com Juscelino Kubitschek em 1957. Somente em 1965 a *TV Globo* entrou no ar.

Autores apontam que a *Rede Globo* conseguiu a primeira concessão no ano de 1957, de acordo com (LIMA, 2012; MORAES, 2013) e após este período a emissora passou a ser transmitida no ano de 1965 pelo canal 4 do Rio de Janeiro em TV aberta, a *Rede Globo* já passou por grandes conturbações de corrupção na gestão inclusive escândalos ligados diretamente à imagem dos donos da emissora carioca.



Figura 09. Retrato de Roberto Marinho (1904-2003).

Fonte: Reprodução da Internet

Existem inúmeras pesquisas sobre o posicionamento ideológico da *Rede Globo*, o *JN* e as coberturas dos acontecimentos, então um dos desafios desta pesquisa é identificar em que campo ideológico a emissora junto com o telejornal envolve seu conteúdo para convocar o telespectador. É significativo mencionar a agilidade na qual o *JN* na difunde notícias a partir do local de origem do acontecimento. Por exemplo, quando entram os enviados do telejornal para cobrir a guerra entre Rússia e Ucrânia, direto do solo ucraniano, com entradas ao vivo no horário nobre, evidencia o poderio do grupo, o que consequentemente contribui para uma valorização dos trabalhos.

Na cobertura da atual crise do Ocidente, por conta da guerra que teve seu início em fevereiro de 2022, chamar a nossa atenção os fatos que o *JN* cobre no âmbito geral. O veículo traz apontamentos ancorados no discurso e na reprodução de vozes do Ocidente, assim como de vozes de autoridades como ministros, embaixadores, especialistas, presidentes, e sociedade internacional.

A notoriedade da *Rede Globo* em desdizer um ou outro lado envolvido na guerra sobre o certo e o errado, sobre legalidade ou ilegalidade, sobre o que é crime ou não, da guerra dos acontecimentos, na guerra de palavras, e no teatro de guerra torna evidente em maior ou menor grau seu posicionamento ideológico, que está direcionado com o passado da emissora, *Rede Globo*, que é vassala de uma ideologia conservadora (MORAES, 2013)

Tanto a *Rede Globo* como o seu produto midiático *JN* imprimem seu posicionamento conservador nos conteúdos disseminados, a partir da própria voz e das vozes oficiais dos

envolvidos no acontecimento e ao mesmo tempo tentam expressar uma imagem de isenção do telejornal (LEME, 2020), com ideologias que remetem a uma suposta neutralidade e objetividade que os repórteres tanto da bancada quanto enviados tentam passar. Em alguns momentos, expõem nas expressões faciais, nas entrelinhas dos textos das reportagens, na linha editorial do telejornal, nas chamadas de reportagens durante a transmissão do telejornal e, desta maneira, emitem valores e princípios.

A Rede Globo e o *JN* construíram com o tempo credibilidade junto aos seus telespectadores, o imaginário de transparência através de coberturas em volta dos acontecimentos. Muitas vezes, inclusive, com a postura de solidariedade, repudiando fatos, bem como demandam uma punição séria a autoridades competentes, o que mais uma vez diz para os telespectadores, por meio de texto, oração ou até mesmo por locução, que o *JN* é um produto jornalístico crível e sério. Mas tudo isso carrega uma ideologia.

Na cobertura da guerra russa e ucraniana, o editorial exprime suas ideologias nas categorias de certo e errado, enaltecendo assim os valores que podemos dizer “universais”, tais como a democracia, a autodeterminação de um povo, a soberania; assim como fortalece muito a questão de um chefe de Estado que tem “atitudes nobres” perante seu povo e a comunidade internacional, os mesmos princípios que dialogam as narrativas e argumentações do Ocidente na guerra entre Rússia e Ucrânia.

2.3. A construção de narrativas televisivas

O telejornalismo da *Rede Globo* é pautado pela polarização e pelo sensacionalismo, num sentido amplo do termo (ENNE, 2009). As reportagens frequentemente enfatizam os conflitos políticos, criando uma atmosfera de confronto e exacerbando as diferenças ideológicas (LIMA, 2012).

Um exemplo claro desse enquadramento pode ser observado durante a cobertura de guerra entre Rússia e Ucrânia. A emissora tende a focar nas disputas entre os principais blocos envolvidos, privilegiando o embate pessoal entre o presidente Putin e Zelensky e ao focar as lentes nos escândalos políticos em detrimento das propostas e plataformas dos políticos, um enquadramento que pode ser lido como sensacionalista.

A utilização de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional: manchetes “garrafais”, muitas vezes seguidas por subtítulos jocosos ou impactantes; presença constante de ilustrações, como fotos com detalhes do crime ou tragédia, imagens lacrimosas, histórias em quadrinhos reconstruindo a história do acontecimento etc. (LUCIA, 2007. p.71).

O sensacionalismo está intrínseco na cobertura do *JN*, e esta estratégia vem sendo utilizada desde o início das primeiras coberturas, possível de ser captada quando nos conteúdos imagéticos audiovisuais que a emissora apresenta na cobertura da guerra entre Rússia e Ucrânia. O *JN* tem utilizado este recurso como forma de comover e chamar a atenção do público para o que, segundo a linha editorial do jornal, considera atrocidades cometidas pela Rússia, e usam o sensacionalismo para atrair mais atenção para as notícias que divulgam (LIMA, 2012).

Ao mesmo tempo, o tom dramático e sensacionalista contribui para uma cobertura política superficial, que não proporciona ao público uma compreensão aprofundada dos problemas reais do acontecimento. O telejornalismo político da *Rede Globo* tem o poder de moldar a opinião pública ao escolher quais vozes serão ouvidas e quais serão marginalizadas (MORAES, 2013). A seleção de fontes que corroboram com determinada visão de mundo no qual a emissora simpatiza e a ausência de vozes críticas levam a uma percepção única da realidade política.

Por exemplo, dentro das coberturas telejornalísticas da guerra atual, quando há debates sobre medidas futuras econômicas, e a nova ordem geopolítica que possa ser formada por causa dos impactos do confronto, é possível notar uma preferência por economistas que defendem uma abordagem liberal, deixando de lado outras perspectivas, cursando assim, uma limitação da compreensão dos telespectadores sobre as diversas nuances e alternativas existentes em todo contextos que a guerra apresenta.

O que estamos tentando dizer é que tanto enquadramento quanto aprofundamento são uma característica desejável no jornalismo, especialmente quando se trata de assuntos de relevância global. No entanto, no telejornalismo político da *Rede Globo*, o aprofundamento muitas vezes é relegado a segundo plano em favor de uma abordagem mais superficial ou pouco crítica.

Alguns veem na transmissão direta a possibilidade de uma transparência absoluta, da negação da mentira: nada de truques, de cortes, de montagens, de correções, nada de vida posta em conserva e servida fria e requeitada! Enfim, a verdade toda nua e quente (Thévenot, 1946). Os menos otimistas ou mais lúcidos, não obstante, temem que o ao vivo anule a reflexão em proveito da emoção e crie um corte fundo entre aqueles que aprenderam a olhar as imagens e os outros: aqueles que sabem observar e chegar a conclusões tirarão benefícios do que olham. Os outros se deixarão levar totalmente pelas imagens que verão na tela e ficarão confundidos pela diversidade daquilo que eles poderão ver (JOST, 2007. p.45).

O cenário apresentado acima nos põe diante do desafio de entrar em contato com o conteúdo televisivo e buscar observar para além do que está exposto.

Não podemos prosseguir sem fazer esta ressalva, que todo veículo de comunicação tem um enquadramento ideológico, que pode ser influenciado por diversos fatores, como interesses comerciais, visões políticas dos proprietários e posicionamentos históricos. No caso do telejornalismo político da Rede Globo, é possível discernir um viés que, em alguns momentos, reflete uma postura mais preservativa e alinhada a grupos políticos hegemônicos (LIMA, 2012; MORAES, 2013).

2.3.1. Linha Editorial do JN e o Valor Ocidental

As primeiras coberturas feitas sobre a guerra traziam sempre os mesmos tipos de conteúdo e muitas vezes eram reprisadas. A observação faz referência aos dias 25 e 26 de fevereiro de 2022. As imagens iniciais que o telejornal disseminou ressaltaram elementos com conteúdo bastante emblemático, tal como:

Uma janela com os vidros quebrados e em seguida o interior de uma casa completamente destruído. Resquícios de vidraça no chão em meio aos demais entulhos. Uma mulher logo entra em cena – não se sabe se na mesma casa, o que pode ficar subentendido – limpando cacos de vidro na base de uma janela ao mesmo tempo em que brada com a voz embargada: “Viva a Ucrânia” (JORNAL NACIONAL, 25.02.2022).

Nessas edições, o telejornal reforça com relatos humanizados, de alguma maneira, a forma como o Ocidente vem tratando e desenhando a guerra. Pesquisadores já vêm sinalizando que as coberturas jornalísticas que a *Rede Globo* produz são voltadas para privilegiar elites.

Desde a sua criação, a Rede Globo tem um compromisso com as elites econômicas, selado por interesses que atendam igualmente as duas partes, e por diversas vezes interferiu no andamento da política brasileira, seja por beneficiar um determinado político em sua cobertura jornalística, seja por privilegiar determinado viés ideológico na sua programação (LEME, 2020. p. 164).

Leme (2020) expõe que na linha editorial da *Rede Globo* há uma seleção proposital de quais vozes, de quais representações, de quais identidades estão sendo pautadas como uma narrativa importante, a partir do ponto que a mídia é um espaço de disputa de poder e de privilégios e privilegiados nesta sociedade de classes. Ou seja, é na linha editorial que se encontram as narrativas, as mesmas narrativas hegemônicas fixadas no seio social, e cabe aos

grandes veículos de comunicação promover a sua manutenção até alcançar o *status* de “lenda” (MORAES, 2013).

As narrativas pró-Occidente, historicamente, são construídas para dar manutenção a grupos hegemônicos na ordem global, de modo a vender ideologias, ao mesmo tempo que promovem um apagamento histórico de diversas lutas sociais (CÉSAIRE, 1978). Assim,

As batalhas travadas na sociedade são interpretadas e representadas nas telas, segundo Kellner (2001), e é quando as ideologias em relação a sexo, classe, raça, etnia, etc, se fazem presentes nos produtos midiáticos, por vezes, reafirmando opressões e mistificações sobre determinados grupos sociais. Existe uma ação de abstração que naturaliza certos modos de ver o mundo e estabelece divisões entre Nós — enquanto superiores — e Eles — enquanto os inferiores (KELLNER, 2001, p. 83). —a abstração está fundamentalmente relacionada com as características básicas da ideologia, tal como, legitimação, dominação e mistificação, e o traçado das fronteiras (entre sistemas, grupos, valores, etc. supostamente inferiores e superiores) também desempenha papel fundamental nesse processo (KELLNER, 2001, p. 84 *apud* CARVALHO, 2022, p. 50-51).

Como se vê, na análise que Carvalho (2022) nos fornece a partir das escritas de Kellner (2001) sobre o carácter ou o plano de fundo por detrás das lutas travadas no seio social, recortadas e disseminadas em rede sociais, ainda há de fato muita coisa em questão e muitas que perpassam a realidade produzida. As mídias, algumas vezes, somente reproduzem os estereótipos cravados no senso comum, e outras vezes é dela o poder de decidir quais grupos sociais, classe, raça, etnia, quais ideologias e quais movimentos sociais vão ao julgamento por ser um vilão ou um ídolo.

A linha editorial do *JN* sabe se fazer presente em tais aspectos, apesar de não assumirem uma posição aberta de que lado da guerra estão apoiando, se Rússia ou Ucrânia, até o momento de finalização desta monografia, conforme o material selecionado para análise sobre confronto, capta-se que o bloco hegemônico que o telejornal retrata bem nas coberturas é o bloco Ocidental.

2.3.2. Da ideologia ao processo de hierarquização de vozes

O *JN*, por ser um agente ativo de fomentação de opinião pública e proliferação de discurso dominante de grupos ou indivíduos, detém o poder de promover grande parte das vezes em suas reportagens uma comparação de mundos e realidades complexas dos diversos agentes sociais (LEME, 2020).

Voltemos para a guerra entre Rússia e Ucrânia para mencionar que a linha editorial do nosso objeto de estudo frente ao confronto se posiciona em prol de um grupo dominante conhecido como opressor que “minou civilizações, destruiu pátrias, arruinou nacionalidades, erradicou ‘a raiz da diversidade’” (CÉSAIRE, 1978, p. 75), trata-se da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América.

Partindo da reflexão do autor, podemos dizer que as coberturas internacionais do veículo que relatam os ocorridos da guerra dialogam diretamente com os interesses de um grupo burguês, que se encontra no poder por mais de dois séculos. Nessa abrangência, a mídia contribui para permanência hierárquica de vozes na sociedade e conseqüentemente o *JN* contribui com estereótipos de um povo superior com relação ao outro.

Com os apontes do Césaire (1978), direcionamos nosso olhar para as coberturas de guerra entre Rússia e Ucrânia, porque são nesses trechos de reportagem que se vê de fato como os diferentes mundos estão sendo construídos e os impactos dos mesmos nas histórias que ficaram na memória.

A qualidade da informação jornalística televisual no mundo global é questão complexa. Segundo Giddens “a globalização está por trás da expansão da democracia. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, ela expõe os limites das estruturas democráticas mais conhecidas” (2003:16). A mídia, em particular a televisão, tem uma dupla relação com a democracia. Por um lado, a emergência de uma sociedade global da informação impõe processos de democratização em diferentes países. Por outro lado, a televisão e os outros meios de comunicação tendem a destruir o próprio espaço público que abrem, servindo simultaneamente como testemunho e produto das negociações políticas (BECKER, 2005, p. 54).

Nesse viés, o nosso objeto de estudo, o *JN*, realoca seus poderes como um agente ativo para reforçar e proporcionar uma visão de mundo hierárquica a partir de uma estrutura social colonial que se apresenta para o “outro” como dominante e moderno.

Aqui nos interessa, sobretudo, essa paradoxalidade democrática da mídia que produz conteúdo reforçando a necessidade de haver independência e soberania de um certo grupo social ou de um país, no entanto ela é presa a necessidades financeiras, bem como a uma política organizacional e ao mercado (MORAES, 2013; LEME, 2020). Quando um veículo se atém prioritariamente a essas estruturas empresariais, paralelamente, acaba servindo à cultura dominante e inviabilizando toda uma diversidade de opiniões e interpretações, de vozes, de corpos, de grupos sociais, de gêneros, de etnias, etc.

O *JN*, ao apresentar a guerra entre Rússia e Ucrânia como fato social inédito e atribuindo às mesmas entidades a credibilidade e visibilidade, retomando diversas vezes os mesmos tipos de discursos para serem consumidos pelos telespectadores como um “exemplo”

simbólico, fazendo a ponte e mediação entre quem pode falar e quem deve ouvir, automaticamente está concedendo a fidedignidade e influência a um comunicador específico. Isso é evidenciado nesta pesquisa, quando entrelaçamos esses fatores nas coberturas internacionais feitas sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia. Nesse sentido, devemos questionar as ações das mídias hegemônicas, já que são agentes de uma longa corrente de comunicação, que de algum modo influenciam na construção de identidades sociais que representam e inspiram vidas.

O processo de hierarquização de vozes se concretiza quando há um padrão nos rostos que representam os direitos fundamentais da vida, quando os agentes que vendem a ideia de libertação para todo o mundo, independentemente da complexidade social, são os mesmos agentes que provêm de um sistema de mundo que acumula poder.

Vamos dizer que os processos ideológicos e de hierarquização de vozes se fazem presentes a partir das diferenças de discursos preconceituosos trazidas pelo colonialismo, junto a isso, a noção de poder no modelo liberal das sociedades capitalistas do Ocidente.

O mundo não está e nem foi completamente independente e descolonizado (CÉSAIRE, 1978), não quando as únicas narrativas que soam mais alto na mídia pertencem às classes dominantes. Se mensurar que a questão de independências de uma nação não se dá apenas no campo territorial e jurídico-político, toda relação de forças envolvida na situação atual entre Rússia e Ucrânia com os respectivos aliados fica mais evidente.

Outro aspecto é o padrão de atuação e produção de conteúdos em que salientam rostos, figuras e agentes reconhecidos como dominantes, por um lado e que, por outro, invisibiliza *lotus*, campos sociais. Não necessariamente essa analogia se aplica de forma direta nas coberturas de guerra entre Rússia e Ucrânia difundidas pelo *JN*, mas sim com o produto midiático, que detém uma linha editorial que segue a lógica estrutural da burguesia ocidental, contribuindo, destarte, para fomentar as representações excêntricas.

Ademais, enquanto for prerrogativa daqueles que detém poder na ordem socioeconômica do mundo contar as histórias, enquanto o discurso de salvar a pátria e ajudar países não desenvolvidos a conquistar a independência e se tornarem um estado democrático pertencer às classes burguesas, como resultado escutaremos apenas a história dos vencedores, conforme expõe Aimé Césaire (1978).

Ainda segundo os apontamentos dos autor, na prática, a história contada pelos responsáveis pelas violências praticadas contra os escravizados, como a violência simbólica que enterra, reformula, apaga a memória, culturas originárias e como consequência histórica,

temos vidas que permanecem à beira da marginalização, contextos que no mundo de representações sociais trata-se de uma tentativa constante e arquitetada de apagamento do passado e retomada do poder colonial.

Na guerra entre Ucrânia e Rússia, umas das nuances observadas nesse estudo é a questão da construção de narrativas, que enaltece a orientação dialógica pró-Occidental, questões que transcendem preocupações como: quais personagens da história serão provavelmente homenageados, quais acontecimentos seriam lembrados, reforçados, quais memórias coletivas haveriam de ser comemoradas na mídia e na cultura em geral.

2.4. O útil para as narrativas: hegemônias construídas

A **Figura 10** é emblemática e retrata uma visita feita pelo presidente ucraniano, Zelensky, na quinta-feira, 9 de fevereiro de 2022, a Bruxelas, para participar de uma reunião que podemos chamar de reunião de cúpula entre líderes da União Europeia (UE), ou seja, encontros entre aliados do *front* na guerra contra a Rússia.

Ao desembarcar em Bruxelas, Zelensky é recebido pelo presidente da Comissão Europeia e pelo presidente francês, Emmanuel Macron, de acordo com revisão de notícias que tivemos acessos.



Figura 10. À esquerda, a presidente da União Europeia (UE), Ursula von der Leyen, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, à direita, no centro, o presidente da França, Emmanuel Macron.

Fonte: Imagem de reprodução no Instagram oficial de Ursula von der Leyen: @ursulavonderleyen

Na cobertura telejornalística de guerra do *JN*, a visão do mundo que sobressai quando se trata de jornalismo internacional está ligada diretamente à visão social, política e econômica do mundo eurocentrista, à visão do mundo burguês do Ocidente e do Norte da América. Da mesma maneira, em que houve um período histórico da burguesia que contribuiu para a afirmação da *Rede Globo*, o mesmo acontece com a Europa Ocidental e seus aliados.

Aimé Césaire (1978) nos apresenta um paradoxo da falsa estabilidade Ocidental e seu discurso de supremacia percorre um período histórico voltado para regimes autoritários, tais como: o fascismo italiano, criado por Benito Mussolini em 1919; o regime nazista, instaurado na Alemanha em 1933, que tinha como figura máxima o Adolf Hitler, e esses são apenas alguns dos principais regimes totalitários que surgiram na Europa no século XX, e possuíam as seguintes características em comum: governo centralizado; nacionalismo extremado; militarismo; culto ao líder; partido único e expansionismo territorial; dentre outras formas de exaltação ao “povo supremo” (CÉSAIRE, 1978).

E então, eu pergunto: que outra coisa fez a Europa burguesa? Minou civilizações, destruiu pátrias, arruinou nacionalidades, erradicou "a raiz da diversidade". Não há mais diques. Não há mais avenidas. Chegou a hora do bárbaro. Do bárbaro moderno (CÉSAIRE, 1978. p. 75).

A reflexão de Aimé Césaire mostra-nos os vãos presentes nas raízes do discurso supremacista da Europa burguesa democrática na guerra entre Rússia e Ucrânia. No embasamento do autor, ainda há uma outra reflexão sobre a manutenção da burguesia Ocidental.

A burguesia, como classe, está condenada, queira ou não, a assumir toda a barbárie da história, as torturas da Idade Média como a Inquisição, a razão de Estado como o belicismo, o racismo como o escravagismo; enfim, tudo contra o qual ela protestou em termos inesquecíveis, quando, classe no ataque, encarnava o progresso humano. Os moralistas não podem evitar. Existe uma lei da desumanização progressiva em virtude da qual, doravante, na agenda da burguesia, só há, só pode haver, violência, corrupção e barbárie. Eu ia esquecendo o ódio, a mentira, a arrogância. Eu ia esquecendo o sr. Roger Caillois. Ora pois, o sr. Caillois, a quem foi dada para toda a eternidade a missão de ensinar a um século covarde e negligente o rigor do pensamento e do estilo, o sr. Caillois acabou de experimentar uma grande cólera. O motivo? A grande traição da etnografia ocidental, que, há algum tempo, com uma deplorável degradação de seu senso de responsabilidade, procura pôr em dúvida a superioridade omnilateral da civilização ocidental sobre civilizações exóticas (CÉSAIRE, 1978. p. 64-65).

A partir dessa reflexão, é possível dizer que o Ocidente nunca deixou de ser burguês e que o discurso hegemônico eurocentrista, ainda nos dias de hoje, atravessa nosso cotidiano,

porque as estruturas sociais se encontram organizadas em conformidade com o padrão Ocidental e, por conta dos bombardeios maciços vindos de diversos meios de comunicação social, contando com as grandes mídias na posição de pilares de manutenção desses discursos. Tenhamos, pois, como exemplo, nosso objeto de estudo, a *Rede Globo* e seu produto jornalístico mais bem sucedido, o *JN*.

De acordo com Leme (2020) e Moraes (2013), Roberto Marinho, o dono da emissora, chegou a apoiar abertamente regimes autoritários. O intrigante é que a linha editorial das coberturas internacionais feitas pelo *JN* se espelha em um discurso de supremacia cultural arcaico e indiferente, porque se faz conforme conveniência.

Apesar de todo o passado de opressão e segregação pelo Ocidente (CÉSAIRE, 1978), ainda assim o discurso proveniente do Ocidente é melhor aceito em relação aos outros blocos, mantendo o discurso “somos melhores que vocês”. Essas narrativas são sustentadas por grandes conglomerados empresariais, inclusive midiáticos, que compram e vendem tais narrativas. Segundo Lima (2012, p. 148), “o sistema de comunicações brasileiro foi construído tomando por base o tradicional modelo liberal das sociedades capitalistas do Ocidente, com os Estados Unidos de referência principal”.

A obra “Mídia: Teoria e Política”, de Lima (2012), ajuda no entendimento sobre a influência ocidental nas grandes mídias. Para continuarmos o nosso estudo aqui nos interessa o fato de que o sistema de comunicação brasileiro foi construído tomando por base o tradicional modelo liberal das sociedades capitalistas do Ocidente. A partir disso, buscamos entender o elo existente nas coberturas jornalísticas internacionais e a linha editorial do reverenciado *JN* – por que, por exemplo, a figura do presidente ucraniano como defensor da democracia é útil para as narrativas do Ocidente e da *Globo*.

Com essas narrativas fomentadas pela guerra, que está movimentando todo um sistema geopolítico do século XXI, o Ocidente segue presente na disseminação de valores sociais como parâmetro ideal de governos para as demais sociedades e, com isso, projetando a própria imagem, no intuito de apagar toda uma barbárie histórica (CÉSAIRE, 1978).

O confronto entre Ucrânia e Rússia auxilia na perpetuação para o resto do mundo da imagem do mito da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América, mais uma vez retratados como o herói salvador da pátria que “ajuda aos países desfavorecidos”, diz (TRUMAN *apud* CÉSAIRE, 1978. p. 75) “O tempo do antigo colonialismo já passou”, ainda nas palavras dos autores, portanto, manter e sustentar as idéias de democracia *vs* regimes

autoritários é útil para o Ocidente. Promover a figura do presidente ucraniano Zelensky é útil para a Otan.

Em determinado ponto, a guerra atual situou os olhares do mundo para os debates e discursos em volta dos regimes democráticos em contraposição ao autoritarismo, em que se destaca a importância do Zelensky para as narrativas da Europa Ocidental; visto que a Europa sai de regimes totalitários que ceifaram a vida de milhares de pessoas e de perseguição, para nos dias atuais apoiar o lado da guerra que defende a democracia e faz frente ao outro lado que está sendo acusado de autoritarismo.

Pesquisadores demonstram que os debates em prol da democracia e a aproximação do Ocidente à presidência da Ucrânia não é só porque Zelensky manifestou várias vezes a sua vontade de fazer parte do bloco ocidental, OTAN (APARECIDO E AGUILAR, 2022) ou porque a Ucrânia vê a entrada na OTAN como uma forma de se proteger da Rússia. A hipótese apontada pelos pesquisadores é que o Ocidente luta para se proteger do seu inimigo e porque tem interesse nos recessos presentes no território ucraniano.

Uma segunda hipótese ainda apontada sobre a aproximação do Ocidente com a Ucrânia é a conveniência que colabora para a “limpeza” da história, bem como uma construção de narrativa do Ocidente como uma sociedade melhor, visto que o presidente Zelensky em muitos dos seus discursos vem levando a questão sobre a democracia e soberania de povo, do bem vencer o mal, e qualquer semelhança relacionado aos valores Ocidentais não é mera coincidência.

Apoiar a Ucrânia contra a Rússia, para os líderes das maiores economias do mundo, é útil, pois reafirmam seus discursos quanto ao comprometimento com a democracia. Apoiar a “causa democrática” de Zelensky no *front* contra um governo que está sendo chamado pela sociedade internacional de autoritário nunca é demais para os líderes ocidentais, tendo em vista o passado das nações que hoje governam.

A propósito disso, para Vitória (2018, p.203) “a ‘colonialidade do poder’ não se confunde com o colonialismo”, visto que, de acordo com Maldonado-Torres (2007, p. 131, *apud* VITÓRIA, 2018), o “[...] colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, o que constitui a tal nação em um império”, ao passo que “o padrão colonial que o transcende supõe, naturaliza e justifica a ‘superioridade’ dos povos europeus e de suas formas de ver, sentir e interpretar o mundo, também desde o ponto de vista subjetivo-ontológico” (VITÓRIA, 2018. p. 203).

Logo, demonstrar para toda a comunidade internacional que aprenderam com os erros do passado, e assim conquistar o apoio da maioria dos cidadãos europeus, mantendo-se mais uma vez em uma posição de destaque e “poder” com relação aos outros povos, é crucial para o orgulho burguês Ocidental.

Orbitando em torno da suposta superioridade étnicoracial, cultural, religiosa e epistêmica da Europa com relação ao resto do mundo, ou seja o outro dominado, assim como também a superioridade da racionalidade capitalista, científica, patriarcal, heteronormativa, adultocêntrica, etc, tanto no centro como na periferia (VITÓRIA, 2018. p. 203), um contexto que se torna evidente quando a reflexão é aplicada na geopolítica atual. E dentro da pesquisa observamos a relação hierárquica de acordo com a forma como os blocos envolvidos na guerra são retratados.

A discussão de Vitória (2018) enriquece o pensamento crítico que viemos trabalhando até então e esmiúça conceitos necessários para o entendimento do que se encontra nas raízes do dito povo superior. Ao aproximarmos o contexto atual em que a Europa Ocidental se encontra com seu passado e narrativas que circulam na mídia e no nosso senso comum sobre o mesmo, percebemos a “utilidade” da figura de Zelensky, construída como um herói digno.

Para os valores da *Rede Globo* e do jornalismo internacional da emissora, o *JN* precisa se envolver em discursos em prol da democracia para manutenção de todo contexto histórico e crescimento da sua imagem junto ao seu telespectador.

Quando as coberturas sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia feitas pelo líder de audiência da TV brasileira, o *JN* traz para o centro do debate, líderes do Ocidente e dos EUA, e seus discursos defendendo os direitos humanos e o regime democrático, ambos os lados estão explorando a guerra e usando-a como um instrumento para uma projeção própria e visando audiência e credibilidade junto à sociedade internacional e ao público.

Conforme a versão de Sanchez, Roberto Irineu Marinho, filho de Roberto Marinho e um dos quatro homens fortes das Organizações Globo, havia assumido compromisso com o partido de sustentação do regime autoritário, cujo candidato era Welling Moreira Frango (LIMA, 2012. p. 151).

Então, se antes Roberto Marinho apoiou abertamente o regime autoritário brasileiro, é importante que a programação do *JN* hoje construa narrativas e apoie figuras políticas como a do presidente Zelensky que no decorrer da guerra tem seu mandato como chefe de governo da Ucrânia posto como porta-voz da democracia.

A presença do presidente ucraniano na cobertura internacional do jornalismo da Globo é útil porque ajuda a emissora a revisar sua imagem de apoiador de partidos e governos

autoritários, o que reflete notadamente em uma reforma na imagem da emissora Globo, como indica o autor:

Então, os conglomerados midiáticos são grandes atores do mercado e, ao mesmo tempo, sua missão é difundir ideologias disfarçadas de informação - "ideologia" talvez seja uma palavra politizada, digamos que promovem uma visão de mundo, uma maquete do mundo, um mundo ideal. De maneira geral, é isso o que os meios de comunicação fazem (MORAES, 2013, p. 63).

Antes de prosseguir para o terceiro capítulo, a análise dos nossos *corpus* de estudo, é necessário frisar que tanto a *Rede Globo* como o Ocidente tiveram suas particularidades com a evolução que diz respeito aos regimes autoritários. No decorrer da análise vamos pesquisar as narrativas construídas para enobrecer as vozes do Ocidente.

CAPÍTULO III – Análise da cobertura do *JN* na guerra entre Rússia e Ucrânia

Neste capítulo são analisadas 16 reportagens sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia feitas pelo *JN*, que compõem o nosso *corpus* final, conforme QUADRO III abaixo.

QUADRO III – *Corpus* final de análise

	Reportagens / Data - Mês - Ano	Fontes
1	<p>Distância entre discurso e ações foi a marca de Putin na estratégia para guerra</p> <p>Os Estados Unidos, por sua vez, faziam recorrentes alertas ao mundo sobre as reais intenções do presidente russo.</p> <p>Duração: 7 min</p> <hr/> <p>24 fev 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Ministro das Relações Exteriores russo, Sergey Lavrov;</p> <p>Presidente americano, Joe Biden;</p> <p>Presidente russo, Vladimir Putin;</p> <p>Porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov;</p> <p>Ex-general do exército americano Kevin Ryan</p>
2	<p>Ataque russo à Ucrânia representa uma nova etapa da ordem mundial</p> <p>Analistas políticos relatam que China e Rússia têm um papel importante nesse novo cenário, onde o mundo está muito mais conectado</p> <p>Duração: 4 min</p> <hr/> <p>25 fev 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Presidente russo, Vladimir Putin;</p> <p>Diretora do Centro de Assuntos Globais da New York University, Carolyn Kissane;</p> <p>Cientista político, especialista em risco político global, Ian Bremmer;</p> <p>Professor e diretor do Centro de Estudos sobre Rússia da Universidade de Illinois, John Randolph;</p>
3	<p>Rússia pode sofrer sanção bancária internacional</p> <p>Desde que o sistema Swift foi criado, nenhum país do peso da Rússia foi excluído do sistema bancário internacional.</p> <p>Duração: 4 min</p> <hr/> <p>26 fev 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Doutor em relações internacionais e professor da Faap, Carlos Gustavo Poggio.</p> <p>Analisa Felipe Loureiro, professor de relações internacionais da USP.</p> <p>Economista e empresário, Roberto Giannetti</p>
4	<p>Saiba quais são os desafios dos países que prometeram mandar armamento para a Ucrânia</p> <p>Pelo menos 16 países já se comprometeram a enviar auxílio militar para a Ucrânia enfrentar a invasão russa. O desafio é fazer as armas e equipamentos chegar aos soldados ucranianos.</p> <p>Duração: 5 min</p> <hr/> <p>1 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Presidente polonês, Andrzej Duda;</p> <p>ministro das Relações Exteriores húngaro; Governo de Viktor Orban;</p> <p>Ministra das Relações Exteriores canadense, Melanie Joly;</p> <p>Ex funcionário do Conselho de Segurança Nacional americano e especialista em estratégia militar e professor, Michael Petersen;</p> <p>A União Europeia</p>

5	<p>Entenda por que americanos não estão em alerta com a ameaça nuclear de Vladimir Putin</p> <p>Jornal Nacional ouviu estudiosos sobre as ameaças do presidente russo aos países que declararam apoio à Ucrânia e sobre a declaração de que colocou as forças nucleares russas em alerta máximo.</p> <p>Duração: 5 min</p> <hr/> <p>1 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Presidente russo Vladimir Putin; Secretário-geral da Otan, Jen Stoltenberg; Presidente dos Estados Unidos, Joe Biden; Historiador da Universidade de São Paulo (USP), especialista em Rússia, Angelo Segrillo; Professora da Escola de Comando e Estado-maior do Exército, Mariana Carpes</p>
6	<p>Saiba quem são os oligarcas russos</p> <p>Russos ligados ao governo fizeram fortuna no país depois da queda da União Soviética</p> <p>Duração: 5 min</p> <hr/> <p>5 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Correspondente Felipe Santana; Economista sueco ex conselheiros econômicos do então presidente Boris Yeltsin, Anders Aslund; EX administrativo de um dos maiores fundos de investimento na Rússia, Bill Browder; Ex-conselheiro de Boris Yeltsin</p>
7	<p>Conflito na Ucrânia provoca mudanças na globalização</p> <p>Inserção do Brasil no mercado global trouxe ganhos e perdas para o país - segundo especialistas em relações internacionais: diminuiu a pobreza, mas acirrou a desigualdade social.</p> <p>Duração: 4 min</p> <hr/> <p>9 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Professor de Relações Internacionais da FGV, Oliver Stuenkel Pesquisadora senior do Cebri/ Faap, a Fernanda Magnotta;</p>
8	<p>Entenda como são reguladas ações dos países envolvidos em guerra</p> <p>O parâmetro é o Direito Internacional, e uma das principais ferramentas são as convenções de Genebra. Além disso, mais de 100 países assinaram um acordo internacional que proíbe o uso de bombas de fragmentação.</p> <p>Duração: 4 min</p> <hr/> <p>14 mar 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>diretor do Centro de Direito da Universidade de Hong Kong, Gregory Gordon; Veterano de guerra dos Estados Unidos que atuou no Afeganistão em 2010 e 2011 como fuzileiro naval, Alexandre Danielli; Representante do Alto Comissariado dos Direitos Humanos da ONU; Secretário-geral da ONU, António Guterres</p>
9	<p>Entenda como sanções podem influenciar em uma guerra</p> <p>Nem sempre a medida pode levar à solução do conflito, mas tem influência nos rumos que ele toma</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Professor de Ciência Política das Universidades de Princeton e Columbia, David Baldwi</p>

	<p style="text-align: center;">Duração: 3 min</p> <hr/> <p style="text-align: center;">15 mar 2022</p>	
10	<p>Guerra na Ucrânia reaproxima antigos inimigos</p> <p style="text-align: center;">As commodities, mercadorias pouco industrializadas, como trigo e ouro, têm comércio intenso no planeta. E sofrem impactos como guerras e pandemia</p> <p style="text-align: center;">Duração: 3 min</p> <hr/> <p style="text-align: center;">15 mar 2022</p>	<p style="text-align: center;">Jornal Nacional</p> <p>Pesquisador da Universidade de Harvard e conselheiro do Centro Brasileiro de relações Internacionais, Hussein Kalout; Professor de Relações Internacionais da Faap, Carlos Gustavo Poggio; Professor de Relações Internacionais da FGV/SP, Pedro Brites;</p>
11	<p>Conflito na Ucrânia está mexendo no preço de produtos essenciais no mundo todo</p> <p style="text-align: center;">As commodities, mercadorias pouco industrializadas, como trigo e ouro, têm comércio intenso no planeta. E sofrem impactos como guerras e pandemia</p> <p style="text-align: center;">Duração: 3 min</p> <hr/> <p style="text-align: center;">15 mar 2022</p>	<p style="text-align: center;">Jornal Nacional</p> <p>Secretária-executiva, Juliana Machado; Professor de Economia do Ibmecc, Paulo Casaca; Economista-chefe da EQI Asset, Stephan Kautz;</p>
12	<p>Entenda por que a Rússia exige que a Ucrânia nunca faça parte da OTAN</p> <p>Exigência é uma das principais condições russas para acabar com a guerra</p> <p style="text-align: center;">Duração: 3 min</p> <hr/> <p style="text-align: center;">19 mar 2022</p>	<p style="text-align: center;">Jornal Nacional</p> <p>Diretor do Instituto para Estudos sobre a Rússia da Universidade de Columbia, Alexander Cooley;</p>
13	<p>Guerra na Ucrânia tem impacto direto sobre mercado mundial de combustíveis</p> <p>Falta de investimentos na extração do petróleo durante a pandemia também é apontada como causa do aumento do preço de combustíveis.</p> <p style="text-align: center;">Duração: 3 min</p> <hr/> <p style="text-align: center;">27 mai 2022</p>	<p style="text-align: center;">Jornal Nacional</p> <p>Analista de petróleo e gás Fernando Valle;</p>
14	<p>Guerra na Ucrânia tem impactos na integração energética do planeta e no meio ambiente</p> <p>Conflito produz também efeitos planetários na economia, com a inflação de combustíveis.</p> <p style="text-align: center;">Duração: 3 min</p> <hr/> <p style="text-align: center;">1 jul 2022</p>	<p style="text-align: center;">Jornal Nacional</p> <p>Coordenadora de Relações Internacionais da Faap, Fernanda Magnotto; Professor de Relações Internacionais da Faap, Carlos Gustavo Poggio;</p>

15	<p>Rússia simula como responderia a um ataque nuclear por parte da Ucrânia</p> <p>Países têm trocado acusações sobre possível uso de "bomba suja"</p> <p>Duração: 2 min</p> <hr/> <p>26 out 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Ministro da Defesa russo; Secretário-geral da OTAN, e Jens Stolberberg; vice primeira ministra ucraniana; A diretora de Cultura e Emergências da Unesco</p>
16	<p>Entenda o papel da Noruega na crise energética da Europa</p> <p>Por causa da guerra na Ucrânia, continente enfrenta problemas de abastecimento e governantes temem consequências com chegada do inverno rigoroso.</p> <p>Duração: 3 min</p> <hr/> <p>23 dez 2022</p>	<p>Jornal Nacional</p> <p>Correspondentes Candice Carvalho e Lucas Louis; Professor de economia da Universidade de Oslo, Diderik Lund</p>

Fonte: Elaboração própria

Para cumprimento dos objetivos estabelecidos na Introdução desta monografia, é essencial retomar o pressuposto que norteou o estudo: a hipótese de que a *Rede Globo*, por meio do *JN*, constrói uma narrativa pró-Occidente nas coberturas da guerra entre Rússia e Ucrânia.

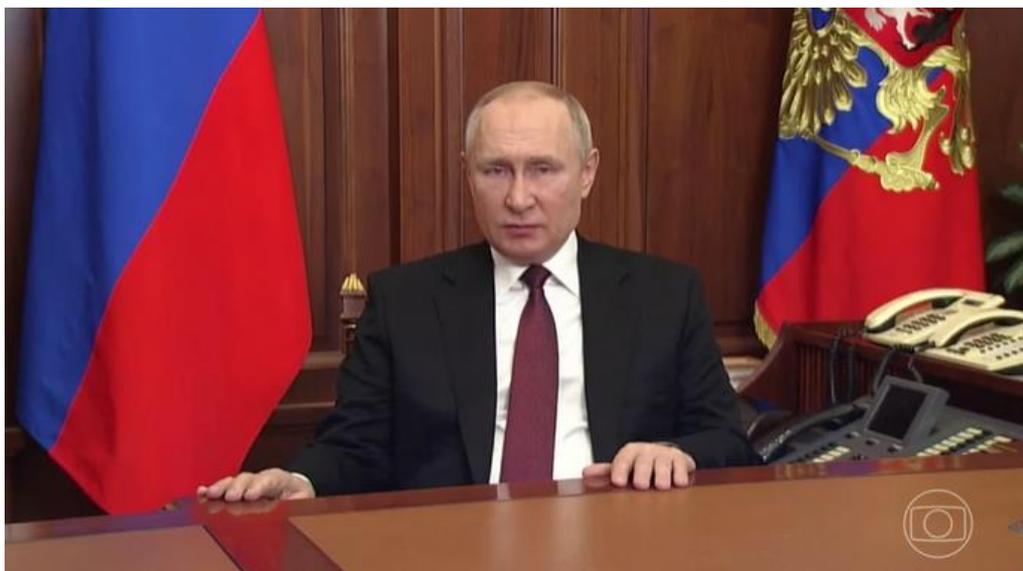


Figura 11. Imagem utilizada na escalada de manchete do *Jornal Nacional*. Na tela, presidente da Rússia, Vladimir Putin.

Fonte: *Jornal Nacional*: 24 de fev. 2022.

A **Figura 11** faz referência à cobertura do dia 24 de fevereiro de 2022 do *JN*, onde os apresentadores do telejornal, William Bonner e Renata Vasconcelos, apresentam contextualização da guerra e reforçam que “a distância entre o discurso e as ações foi a marca do presidente Putin na estratégia para a guerra. Desde o fim do ano passado, a Rússia vinha posicionando tropas na fronteira com a Ucrânia. No início deste ano, já eram cerca de 100 mil soldados”. Desta maneira, o telejornal evidencia em certa medida uma diferença significativa entre o discurso público do presidente Putin e suas ações práticas.



Figura 12. Militares supostamente russos atacando a Ucrânia.

Fonte: *Jornal Nacional*: 24 de fev. 2022.

A cobertura continua. Desta vez o jornal contesta a fala do Ministro das Relações Exteriores russo, Sergey Lavrov, que havia afirmado: “Não vai haver guerra se depender da Rússia. Nós não queremos uma guerra. Mas não vamos deixar que nossos interesses sejam rudemente pisoteados e ignorados”. A cobertura com isso sinaliza que há uma discrepância entre discurso e práticas do presidente Putin e de membros do seu governo, e apresenta uma imagem pública que não corresponde à realidade (**Figura 12**).

Para medir as ações e o discurso do governo russo o *JN* diz que “imagens de satélites reforçavam as declarações de Biden e mostram militares em posições de ataque. O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, ironizou: “É impossível retirar as tropas em um dia. Elas não podem simplesmente sair voando. Leva tempo. Como sempre, acusações infundadas” e traz para cena uma imagem muito veiculada no início da guerra, como uma forma de contextualizar ou reforçar ainda mais onde estariam as mentiras do presidente russo (**Figura 13**).



Figura 13. Armamentos militares supostamente posicionados na fronteira da Ucrânia.
Fonte: *Jornal Nacional*: 24 de fev. 2022.

Entre um *frame* e outro o jornal traz para cena o presidente dos EUA para fazer oposição e diz que “Joe Biden já não tinha dúvidas: “A esta altura, eu estou convencido de que Putin tomou a decisão” (**Figura 14**).



Figura 14. Na tela presidente dos EUA, Joe Biden.
Fonte: *Jornal Nacional*: 24 de fev. 2022.

E ainda na cobertura o jornal reprisa que “um dia depois, o presidente russo reconheceu a independência das duas províncias da Ucrânia parcialmente controladas por

rebeldes pró-Rússia. Biden previu o que estava por vir: “Este é o começo da invasão russa à Ucrânia”, é o *JN* dizendo: “o Biden avisou”.

A última fala do presidente russo nesta cobertura foi, conforme o *JN*: “nesta quarta-feira (23), horas antes de anunciar o ataque, Vladimir Putin voltou a falar em diplomacia: ‘nosso país está sempre aberto ao diálogo direto e honesto e pronto para buscar soluções diplomáticas para as questões mais complicadas. Mas quero repetir que os interesses da Rússia e a segurança de nosso povo são uma prioridade indiscutível’”, após esta fala, a cobertura traz para cena um ex-general do exército dos EUA, que serviu em Moscou e é especialista nas áreas de inteligência e políticas militares, Kevin Ryan, para fortalecer “que o discurso de Putin e de seus assessores mostrou que eles não são confiáveis”. Ao final, a reportagem dá a entender: Putin quer o controle da Ucrânia e a barreira do país é entre ele e a OTAN, o que ele considera uma ameaça.

A segunda cobertura intitulada “ataque russo à Ucrânia representa uma nova etapa da ordem mundial: analistas políticos relatam que China e Rússia têm um papel importante nesse novo cenário, onde o mundo está muito mais conectado” tem a duração de 4 minutos, divulgada no dia 25 de fevereiro de 2022 (**Figura 15**).



Figura 15. Na tela, à esquerda, jornalista, William Bonner, e à direita, jornalista, Renata Vasconcelos.
Fonte: *Jornal Nacional*: 25 de fev. 2022.

Antes dos *vts* iniciarem, o jornalista William Bonner começa dizendo: “essa ação militar russa inaugurou uma nova era nas relações internacionais. O *Jornal Nacional* foi ouvir especialistas que explicam o papel das principais potências nesse cenário”, e logo em seguida

aparece a imagem do presidente Putin em um pronunciamento sem data atestada, dizendo: “consequências como jamais viram na história”. A *Rede Globo* argumenta: “Essa ameaça, seguida da invasão, sela o começo de uma nova era segundo especialistas ouvidos pelo *Jornal Nacional*. Uma nova divisão do mundo, com dois blocos, que está sendo chamada de Segunda Guerr Fria”. Entre o discurso do presidente russo e a fala do repórter Felipe Santana, direto da cidade de Nova York, a cobertura exibiu imagem de explosão e tanques de bombardeios. É como se o jornal *JN* estivesse dizendo “olhem para conduta do governo russo” (**Figura 16**).



Figura 16. Armamentos militares supostamente posicionados na fronteira da Ucrânia.

Fonte: *Jornal Nacional*: 25 de fev. 2022.

Após passagem de *vts*, *off* e narração, a reportagem dá voz para três especialistas de diferentes áreas. A “[...] nova ordem tem, de um lado, os governos autoritários da China e da Rússia e, de outro, governos democráticos que, entre si, têm dificuldade de se entender”, afirma diretora do Centro de Assuntos Globais da *New York University*, Carolyn Kissane. “Essa é ainda mais perigosa porque é uma guerra em que há muitas possibilidades de criar incerteza e instabilidade na nova ordem mundial”, diz o cientista político e especialista em risco político global, Ian Bremmer. “Agora, a Rússia tem menos poder econômico do que tinha a União Soviética. Mas tanto a Rússia quanto a China estão muito mais conectadas à economia mundial do que no século passado”, frisa o professor John Randolph, diretor do Centro de Estudos sobre Rússia da *Universidade de Illinois*.

No geral, estamos entendendo que os argumentos dos especialistas fazem referências aos países China e Rússia, bem como suas conexões à economia mundial. Eles também mencionam questões relacionadas à governança, poder econômico e a possibilidade de criar

incerteza e instabilidade nessa nova configuração global, e por conta disso é quase impossível o Ocidente não ter como se desligar da Rússia ou China por completo.

A nova ordem mundial que o *JN* tanto fala é aquela em que o poder não está concentrado na mão do Ocidente, e com a guerra entre Rússia e Ucrânia um novo cenário geopolítico e econômico pode emergir envolvendo mudanças na dinâmica de poder entre países. Incerteza e instabilidade: a segunda frase ressalta a periculosidade dessa nova ordem, pois existem muitas possibilidades de criar incerteza e instabilidade no cenário global atual, em que a hegemonia econômica do mundo pertence ao Ocidente.

Os argumentos dos três especialistas são complementados pelo do *JN*, que frisa : “Putin também já mostrou que está preparado para mudar o desenho da segurança da Europa, que está em vigor desde o fim da Guerra Fria, com a expansão da influência dos países ocidentais sobre o antigo bloco comunista. O presidente russo acredita que o colapso da União Soviética foi a maior tragédia geopolítica do século XX e quer reconduzir a Rússia a um status de superpotência”. Ressalta-se a preocupação da hegemonia do mundo não pertencer mais ao Ocidente, mas sim à Rússia e à China no *ranking* da economia mundial.

Na cobertura de 26 de fevereiro de 2022, matéria intitulada “Rússia pode sofrer sanção bancária internacional”, o jornalista Hélder Duarte diz que “Desde que o sistema *Swift* foi criado, nenhum país do peso da Rússia foi excluído do sistema bancário internacional”, seguido de fala de Fabiana Boa Sorte, apontando que “é no campo econômico que existe uma arma capaz de isolar a Rússia do resto do mundo. Tão poderosa que os analistas chamam de “sanção nuclear”. Trata-se de desligar o país da rede Swift, o sistema digital que conecta bancos de todo o globo. Fora dele, é quase impossível transferir dinheiro de um país para o outro de um jeito seguro”, enquanto no pano de fundo o *JN* exibe imagem do centro de Moscou (**Figura 17**).

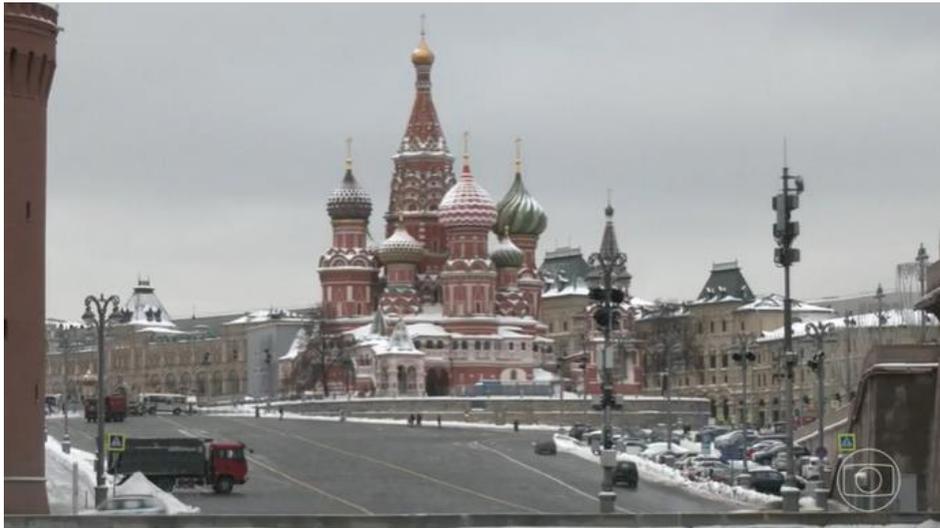


Figura 17. Moscou.

Fonte: *Jornal Nacional*: 26 de fev. 2022.

Os especialistas convidados para reforçar o que o *JN* está expondo afirmam que “ele é como aquele sistema de mensagens que nós usamos no celular, que todo mundo tem esse sistema de mensagem, e a gente consegue se conectar. Então, quando um país faz uma exportação, por exemplo, ele recebe o dinheiro com o auxílio desse sistema de mensagem”, afirma o Doutor em Relações Internacionais e professor da *Fundação Armando Alvares Penteado* (Faap), Carlos Gustavo Poggio. “Toda a exportação que a Rússia realiza e toda a importação que a Rússia faz, todas as transações financeiras que vão de dentro para fora da Rússia passam por esse sistema. Então, uma empresa russa só consegue receber um pagamento por uma exportação que ela faz por causa desse sistema. Então, toda a parte de comércio e de finanças da Rússia depende fundamentalmente desse sistema de comunicação interbancária”, diz o analista e professor de Relações Internacionais da *Universidade de São Paulo* (USP), Felipe Loureiro. “Isso nunca foi feito com um país das dimensões da Rússia. Seria algo absolutamente inédito. Até porque a Rússia tem ligações muito próximas com o Ocidente, notadamente a Europa. Os europeus consomem muito gás natural da Rússia e pagam por esse gás natural via *Swift*”, complementa Poggio.



Figura 18. Moeda estadunidense, Dólar.
Fonte: *Jornal Nacional*: 26 de fev. 2022.

A última fonte da reportagem de duração de 3 minutos é o economista e empresário, Roberto Giannetti, dizendo que “não há vencedores, ganhadores nessa guerra. São todos perdedores. Óbvio que uns mais, outros menos. Mas todos os países serão afetados, vão ter cadeias produtivas com disrupção, vai ter desemprego, indústrias que vão parar, paralisar as suas atividades, vão ter dificuldades de suprimentos e muito desemprego. Então, além das milhares de vítimas que vão ter dessa guerra lá na região do Leste Europeu, no mundo inteiro, nós vamos ter consequências na economia e no emprego entre as pessoas”. No entanto, antes do fim da cobertura, o *JN* acresce que “para a Rússia, também seria um golpe duro. O país é um grande exportador, não só de gás e petróleo, mas também de outras matérias-primas e produtos químicos e manufaturados. Fora do *Swift*, a Rússia teria muita dificuldade para receber pelo que vende para o exterior, mas também não conseguiria pagar pelo que compra de outros países. Por isso, a tal "sanção nuclear" é um jogo em que todos perdem. Resta saber quem tem mais a perder”.

Pós contextualização da reportagem, entendemos que a cobertura do *JN* via em afetar a economia russa como forma de retaliação a guerra, e é neste ponto que entra o à importância do *Swift* nas transações internacionais da Rússia e ao papel crucial que o país desempenha no mercado de gás natural europeu, qualquer ação de exclusão da Rússia do sistema *Swift* teria implicações significativas na economia e no comércio internacional (**Figuras 18 e 19**).



Figura 19. Moeda euro.

Fonte: *Jornal Nacional*: 26 de fev. 2022.

A reportagem que vamos analisar agora é a do dia 1 de março de 2022, tem duração de 5 minutos e inicia-se com a jornalista da bancada, Ana Luíza Guimarães afirmando que “Pelo menos 16 países já se comprometeram a enviar auxílio militar para a Ucrânia enfrentar a invasão russa. O desafio é fazer as armas e os equipamentos chegarem aos soldados ucranianos”. Um mapa o *Jornal Nacional* apresentou bandeiras dos países: Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, Itália, Canadá, Bélgica, Espanha, Portugal, França, Grécia, Holanda, Romênia, República Tcheca, Dinamarca e Noruega, membros da OTAN, comprometidos a enviar armas para os militares ucranianos usarem no *front* (**Figuras 20**).



Figura 20. Bandeira de países membros da Aliança Militar do Ocidente (OTAN).
Fonte: *Jornal Nacional*: 1 de mar. 2022.

Enquanto o repórter expressava que “antes da invasão, o aeroporto de Kiev recebia remessas de armamento americano, no sábado (26), os Estados Unidos se comprometeram com mais US\$350 milhões em material de defesa, na lista, mísseis portáteis Javelin, capazes de parar um tanque”. O tempo todo o jornal exhibe imagem de soldados Ocidentais e ucranianos tentando ou atirando, apontando para alvo não identificado. É como se o jornal estivesse demonstrando uma certa potência dos armamentos Europeus e dos EUA (**Figura 21**).



Figura 21. Soldado armado.
Fonte: *Jornal Nacional*: 1 de mar. 2022.

O *JN* afirma que a opção mais rápida para envio de tropas ucranianas seria pelo ar, mas, segundo o jornal, está implícita uma divergência existente dentro da OTAN. Como “a OTAN segue firme no compromisso de não entrar no espaço aéreo ucraniano. O que está sendo feito agora é transporte por terra. Entregando nas fronteiras armamentos diretamente para o Exército ucraniano para que eles distribuam entre suas tropas. Mas isso preocupa os vizinhos. A Hungria anunciou na segunda (28) que não permitirá que remessas de armas passem pelo seu território”. O repórter Felipe Santana, falando de Nova York, destaca: “A preocupação é que essas remessas virem alvo de ação militar hostil. A Hungria é membro da OTAN desde 1999, mas o atual governo de Viktor Orban é visto como o maior aliado do Kremlin na Europa e sofre pressão da OTAN para se posicionar contra a guerra”; e, ainda sobre o governo húngaro, o telejornal exibiu vídeo do ministro das Relações Exteriores em Parlamento não identificado anunciando que “não mandaremos tropas, não mandaremos armamentos porque não queremos nos envolver nessa guerra. E não deixaremos que remessas de armas letais transitem pelo território húngaro”.

O segundo desafio apontado pelo *JN*, sobre a inviabilização das remessas, é: “o presidente Vladimir Putin ameaça consequências jamais vistas para quem interferir em suas intenções militares”; e o terceiro desafio, de acordo com o jornal, ainda seria que Zelensky deixasse o país: “Não há registro na história recente de relacionamento da OTAN com governos em exílio reconhecidos internacionalmente. Por isso, quando os Estados Unidos ofereceram para tirar Zelensky da Ucrânia ele disse: “Não preciso de uma coroa, preciso de armas”.

Após a exibição de cenas mostrando soldados, bombardeios e destruição, entra para a reportagem a ministra das Relações Exteriores canadense, Melanie Joly, que afirma: “foi para Varsóvia coordenar a entrega do armamento fornecido pelo Canadá. Ela afirmou ter conseguido um acordo para que isso fosse feito usando a fronteira da Polônia”. Logo em seguida o ex-funcionário do Conselho de Segurança Nacional dos EUA e especialista em estratégia militar, Michael Petersen, acresce: “mas servir de passagem para armas nesse momento é arriscado. A Rússia pode tentar interceptar as remessas com ataques na fronteira, essas operações são delicadas porque há um alto risco de agressão também ao lado polonês, isso significaria um ataque a um país da OTAN. Quando as armas entram na Ucrânia, existe o risco delas serem interceptadas ou caírem nas mãos dos soldados russos e acabarem usadas contra o Exército ucraniano”.



Figura 22. Jato de guerra.
Fonte: *Jornal Nacional*: 1 de mar. 2022.

De maneira resumida, a reportagem expõe uma situação complexa e tensa, que envolve questões militares, geopolíticas e diplomáticas relacionadas à Ucrânia e à regiões aliadas à OTAN, destacando desafios e preocupações associadas à entrega de armamentos militares em meio a um contexto de conflito e tensão internacional. O *JN*, durante 5 minutos, nos diz que, o cenário geopolítico é de crise, mas a Ucrânia vai receber armamentos militares de alta tecnologia (**Figuras 21 e 22**) e a OTAN segue firme no seu posicionamento de financiar a guerra apoiando a Ucrânia contra a Rússia.

Ainda no telejornal do dia 1 de março de 2022, foi veiculada reportagem intitulada “Entenda por que americanos não estão em alerta com a ameaça nuclear de Vladimir Putin. O *Jornal Nacional* foi ouvir estudiosos sobre as ameaças de Vladimir Putin aos países que declararam apoio à Ucrânia e sobre a declaração de que colocou as forças nucleares russas em alerta máximo”. Após a apresentação, inicia-se a passagem de vídeos do presidente Putin, bombardeios, enquanto o repórter da *Rede Globo* argumenta por cima, afirmando que “a frase teve um tom de ameaça. No discurso em que anunciou a invasão à Ucrânia, o presidente russo mandou um recado para as potências ocidentais. Vladimir Putin disse: “para qualquer um de fora que considere interferir, se o fizer, enfrentará consequências maiores do que qualquer outra que já se enfrentou na história”. Logo de partida, o *JN* divulgou a imagem do secretário-geral da OTAN, Jen Stoltenberg (1), e do presidente dos EUA Joe Biden (2), ambos discursando em parlamento não identificado reagindo à afirmação do governo russo,

afirmando que: (1) “a OTAN, declarou que a aliança militar do ocidente não tem tropas na Ucrânia nem planos de enviar”; (2) “nenhuma tropa americana será enviada para o conflito”.

Logo em seguida, o jornal traz para tela um mapa ilustrativo com números que evidenciam o poder de fogo dos blocos em confronto e informa: “Segundo a Federação Americana de Cientistas, o mundo tem perto de 12.700 ogivas nucleares, 90% delas estão nos arsenais da Rússia e dos Estados Unidos. Os outros 10% pertencem à China, França, Reino Unido, Paquistão, Índia, Israel e Coreia do Norte”. A cobertura ressalta ainda que a Ucrânia chegou a ser a terceira maior potência nuclear, com as ogivas que herdou com a dissolução da União Soviética, da qual fazia parte. Mas o país abriu mão dessas armas com o Memorando de Budapeste, em 1994. O tratado também foi assinado pela Rússia, e garante o respeito à soberania e às fronteiras da Ucrânia. Enquanto a cobertura segue, sua exposição dos dados armamentista entre potências ocidentais e a Rússia, o jornal faz uma comparação entre uma ogiva nuclear moderna e uma bomba atômica igual a lançada sobre Hiroshima e Nagasaki durante a Segunda Guerra Mundial, evidenciando assim o poder das armas de destruição em massa (**Figura 22 e 23**).



Figura 23. Ogivas nucleares modernas.
Fonte: *Jornal Nacional*: 1 de mar. 2022.

Conseqüentemente, entre um *off* e outro de exibição de armamento de destruição em massa, é falado pelo *JN*: “agora, 60 anos depois, Vladimir Putin anunciou que colocou o arsenal nuclear russo em alerta especial”. Foi uma ameaça aos países da OTAN para tentar desencorajar o envio de armas ao Exército ucraniano e adoção de novas sanções econômicas à Rússia. O especialista que o *JN* trouxe para comentar, o historiador da *Universidade de São*

Paulo (USP), especialista em Rússia, Angelo Segrillo, afirma que “o anúncio de Putin como uma ameaça, que não tem o objetivo de ser cumprida, mas de manter as tropas da OTAN fora da guerra”; e que “se a Rússia não tivesse armas nucleares, talvez isso até entrasse no cálculo da OTAN. Uma ajuda militar direta localizada na Ucrânia. Agora, com a Rússia tendo armas nucleares, isso não entra na cogitação deles porque isso seria um risco para os próprios países da OTAN”.

A professora da *Escola de Comando e Estado-maior do Exército*, Mariana Montez Carpes concorda com o historiador da USP e frisa que “a intenção de Putin é aumentar a tensão na guerra contra a Ucrânia e não começar uma guerra mundial” e a professora alinha ainda que “eu quero crer que dentro do jogo político, por maior animosidade e agressividade que se veja no teatro de guerra, que o entendimento de que as armas nucleares são uma 'não arma'. Ou seja, são um armamento de não uso. Que ele prevaleça”.

Com a fala da professora Mariana, termina a reportagem de 5 minutos. Em síntese, a matéria ressaltou que a posse de armas nucleares por Rússia e EUA levou a uma corrida armamentista e aumentou a intimidação mútua, além dos EUA a OTAN também estarem preparados para enfrentar a Rússia. A matéria discute a escalada de tensões entre Rússia e Ocidente, especialmente com relação à questão nuclear, e como isso influencia o conflito com a Ucrânia; porém, os especialistas acreditam que a existência de armas nucleares em ambos os blocos envolvidos na guerra torna improvável um confronto direto entre ambos, pois representaria um risco para os países da OTAN.

Na edição de 5 de março, o *JN* divulgou a reportagem “saiba quem são os oligarcas russos: Russos ligados ao governo fizeram fortuna no país depois da queda da União Soviética”. Nessa cobertura, o foco do jornal são os empresários russos nas diásporas ocidentais. Logo no início, a jornalista Aline Midlej atesta que “A polícia italiana confiscou mansões e iates de quatro bilionários russos, que estão incluídos na lista de sanções impostas pela União Europeia. Os bens confiscados neste sábado (5) valem quase R\$ 800 milhões. Desde o início da invasão da Ucrânia, outros países – como Estados Unidos e França - também impuseram sanções com foco na elite russa”.

O correspondente Felipe Santana explica quem são os chamados "oligarcas" e como eles estão ligados a Vladimir Putin. Logo em seguida, na tela do *JN*, aparece imagem de porto não identificação com presença de um iate, *Amore Vero*, sendo preso pela polícia francesa. O iate em questão, segundo a cobertura, pertence ao Igor Sechin, presidente da Rosneft, uma das maiores petrolíferas do mundo; 75% da empresa é controlado pelo governo russo (**Figura 24**).



Figura 24. Iate.

Fonte: *Jornal Nacional*: 5 de mar. 2022.

Enquanto o repórter narrava a situação para confirmar que o dono do iate tem relações com o governo russo o, *JN* exibiu vários *frames*, *vts* e fotos em que Putin se encontra com o empresário Igor Sechin (**Figura 25**).



Figura 25. Em evidência presidente, Vladimir Putin. Ao fundo empresário, Igor Sechin.

Fonte: *Jornal Nacional*: 5 de mar. 2022.

O repórter Felipe Santana continua e expõe ainda a trajetória de relações diplomáticas que o governo russo possuiu com o dono do iate apreendido: “Igor Sechin era chefe de gabinete de Putin quando ele era vice-prefeito de São Petersburgo. E foi nomeado chefe de gabinete, quando Putin chegou à presidência. Em 2004 foi escolhido para chefiar a petrolífera”.

Em seguida, o *JN* narra que, “depois da invasão da Ucrânia o que Europa e Estados Unidos prometem é desatar exatamente esses laços entre dinheiro e poder que, segundo o Tesouro americano, sustentam a guerra. Esses bilionários próximos de Putin são conhecidos como oligarcas”. Por outras palavras, a intenção do Ocidente apontada pelo jornal é tirar poder monetário dos aliados do governo russo no intuito de enfraquecê-lo (**Figura 26**).

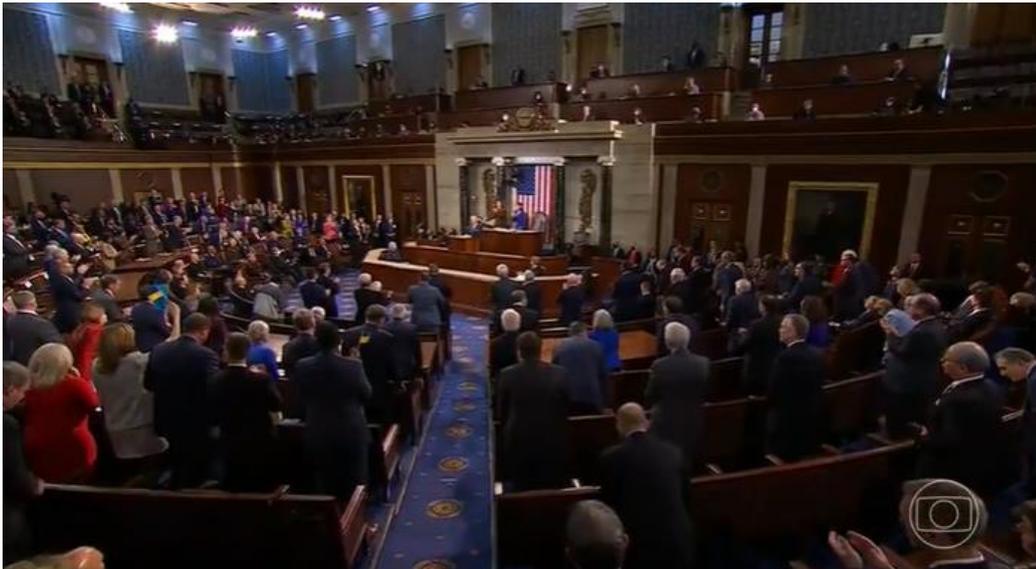


Figura 26. Congresso dos EUA.
Fonte: *Jornal Nacional*: 5 de mar. 2022.

O *JN* traz ainda o significado do termo “oligarquia”, que vem do grego antigo e significa governo de poucos. No caso russo, esse governo começou quando a União Soviética acabou, dá-se a entender. Quando o comunismo deu lugar ao “capitalismo”. O jornal consulta o economista sueco Anders Aslund, que “contou ao *Jornal Nacional* que acompanhou o nascimento dos oligarcas. Ele explica que eram jovens muito bem-educados que viraram grandes negociadores. Eles começaram a comprar petróleo muito barato do governo e revender para o resto do mundo a preço de mercado. Assim, enriqueceram e fundaram bancos. Depois, na época das privatizações, através de contatos no governo, conseguiram comprar as maiores empresas estatais russas. Quando Putin chegou ao poder, no ano 2000, prometeu uma caçada a esses oligarcas. E conseguiu afastar a maioria do poder. Mas acabou colocando no lugar deles uma nova leva de oligarcas – dessa vez submissos a ele”.

O *JN* foi atrás do ex-administrador de um dos maiores fundos de investimento na Rússia, que depois de ser expulso pelo governo russo, Bill Browder, passou “a colaborar com os Estados Unidos na caça aos oligarcas de Putin”. Bill Browder acredita que Putin recebe uma porcentagem nos negócios dos amigos que ajudou a enriquecer. Afirma que Putin não

pode ter essa riqueza em nome dele. Portanto, ela é ocultada em bens em nomes desses amigos ou de terceiros no exterior. Segundo estimativas do economista e da imprensa internacional, a fortuna de Putin estaria estimada em US\$ 200 bilhões após anotações do ex-funcionário do governo russo. O *JN* colabora dizendo que “são muitos artifícios usados para esconder esses bens, como colocar em nomes de terceiros ou de empresas. Por isso, é difícil estimar quantos imóveis eles têm em Nova York, muitos deles vazios”. A reportagem de 5 minutos termina quando o ex-conselheiro de Boris Yeltsin, ex-presidente russo, diz: “Putin não é um presidente, mas um homem que rouba o Estado para enriquecer, um gângster que vai fazer de tudo para não perder o poder e o dinheiro que veio com ele”.

Resumidamente, o *JN* foi ouvir ex-funcionários do governo russo que hoje estão alinhados com políticas Ocidental para argumentarem contra o presidente Putin. Chama atenção o jornal não trazer nenhuma fonte com visão diferente dos especialistas acima, alguém que esteja ligado ao governo russo até aquele momento.

Sétima reportagem, duração de 4 minutos e intitulada “Conflito na Ucrânia provoca mudanças na globalização: Inserção do Brasil no mercado global trouxe ganhos e perdas para o país - segundo especialistas em relações internacionais: diminuiu a pobreza, mas acirrou a desigualdade social”, divulgada no dia 9 de março de 2022, inicia-se com Renata Vasconcellos colocando que “para a maioria das pessoas, não é muito claro o porquê da guerra na Ucrânia interferir na economia de todo o planeta. Mas é um fato”. Logo em seguida, começa a veiculação de diversas imagem de soldados, veículos militares, bancos, bombardeios, enquanto a repórter narra que “as bombas do exército russo miraram a Ucrânia e acertaram também a ordem global. É que a guerra do século 21 se dá pelo céu, pela terra e pelas vias invisíveis do mercado financeiro mundial. Contra os soldados, tanques, veículos blindados e armas da potência militar, avançaram as sanções econômicas que congelaram o Banco Central da Rússia e vão fechando as fronteiras comerciais do país. Ainda que o Ocidente também sofra perdas com esse ataque” e o jornal menciona que “o horizonte que vai aparecer depois do conflito aponta para um novo equilíbrio entre a geopolítica e a globalização”.

Pós colocações do *JN*, a pesquisadora e especialista em política dos Estados Unidos, atualmente *senior fellow* do *Centro Brasileiro de Relações Internacionais* (CEBRI) no núcleo “Américas - EUA”, professora e coordenadora do curso de Relações Internacionais da *FAAP*, Fernanda Magnotta, afirma: “Essa guerra talvez esteja expondo uma nova fase da globalização. Uma fase em que convive a antiga geopolítica com disputa de territórios, com

pressões relacionadas à esfera militar, mas que, mais do que isso, também aparece o peso que a interdependência econômica possui. Os países têm dinheiro espalhado pelo mundo todo, têm clientes que consomem seus produtos no mundo todo, e aquilo que eles precisam, portanto, para sobreviver dentro desse sistema passa por uma rede bastante complexa”. Então, o *JN* comenta: “As últimas três décadas foram o período mais longo de paz da história das relações entre as potências. O clima começou a mudar na época em que Barack Obama era presidente dos Estados Unidos, e a rivalidade com a China só aumentou na era Donald Trump”. O professor de Relações Internacionais da *Fundação Getulio Vargas* (FGV), Oliver Stuenkel, sinaliza que “o primeiro presidente protecionista em décadas nos Estados Unidos, um reflexo de que o país que sempre defendia a globalização agora havia se tornado um país muito cético em relação ao aprofundamento das relações comerciais. Mas, certamente, agora essa reação inesperada do Ocidente, de impor sanções duríssimas para uma economia como a russa, sinaliza que os interesses econômicos já não determinam o comportamento dos países, tanto ocidentais quanto da Rússia, da China, de vários outros”.

A reportagem evidencia que o conflito entre Rússia e Ucrânia transcende aspectos militares e geopolíticos, alcançando a esfera da interdependência econômica característica da globalização. As ramificações desse cenário são perceptíveis no mercado financeiro mundial e nas relações comerciais entre os países envolvidos. Consequentemente, a economia global sofre as consequências dessa situação, destacando-se o impacto das sanções econômicas impostas à Rússia, que podem agravar ainda mais o comércio internacional e a ordem global.

Na edição do dia 14 de março de 2022, reportagem intitulada: “Entenda como são reguladas ações dos países envolvidos em guerra: O parâmetro é o Direito Internacional, e uma das principais ferramentas são as convenções de Genebra. Além disso, mais de 100 países assinaram um acordo internacional que proíbe o uso de bombas de fragmentação”. Inicia-se com o jornalista, William Bonner, falando que “a Rússia tem sido acusada de cometer crimes de guerra na Ucrânia, porque, sim, existem regras em uma guerra. Não é um vale tudo”.



Figura 27. Jornalista William Bonner.
Fonte: *Jornal Nacional*: 14 de mar. 2022.

Em seguida, o jornal contextualiza que “População civil como alvo de ataques; bombardeios a prédios residenciais, a hospitais. Qual o limite de uma guerra? O parâmetro é o Direito Internacional, e uma das principais ferramentas dele são as convenções de Genebra. A primeira delas foi adotada em 1864, por causa do aumento do poder de destruição das armas.”

O *JN* continua narrando, enquanto no plano de fundo são exibidas diversas imagens de bombeiros e destruição que ocorreram no passado e também atuais, por lugares não identificados; e relatando ainda que “Quatro tratados foram adotados, prevendo a proteção de instalações hospitalares, doentes, feridos e todos os civis. Além disso, mais de 100 países assinaram um acordo internacional que proíbe o uso de bombas de fragmentação - esse tipo de arma é proibido porque é montado com uma espécie de caixa que se abre no ar e espalha inúmeros explosivos e pequenas bombas em várias direções, atingindo uma grande área”.

O veterano de guerra dos Estados Unidos, Alexandre Danielli, atuou no Afeganistão em 2010 e 2011 como fuzileiro naval, e diz para o jornal que “os soldados são treinados para evitar os crimes de guerra. São aulas teóricas. Os soldados da maioria dos países tem essas aulas, né? O Exército russo, as Forças Armadas russas, por serem tão fortes, com certeza sabem as leis de uma guerra. E eles não estão cumprindo. O foco de um tratado de crime de guerra é para que a população não sofra”. O jornal acrescenta que “o Tribunal Penal Internacional já começou uma investigação sobre as denúncias de que as forças russas estariam cometendo violações. As convenções de Genebra de 1949 foram ratificadas por todos os países integrantes das Nações Unidas, mas outros protocolos e tratados do direito humanitário internacional, não. Por isso, o resultado de um eventual julgamento e as consequências das denúncias contra a Rússia, por exemplo, ainda são incertos. A própria

definição do que será considerado crime de guerra vai depender de investigações e interpretações da lei”; enquanto o professor Gregory Gordon reforça, “a investigação na Ucrânia vai ser complexa porque não envolve apenas crimes de guerra, mas também crimes contra a humanidade, como genocídio”.

Nesta reportagem de 4 min, entendemos que tanto os especialistas quanto o *JN* enfatizam a gravidade das acusações, realçando a necessidade imperativa de investigar e responsabilizar os envolvidos nos crimes de direitos humanos e humanitárias cometidos no conflito entre Rússia e Ucrânia, ou seja, a Rússia.

Após o cenário acima, passamos para análise da reportagem do dia 15 de março de 2022, intitulada “Entenda como sanções podem influenciar em uma guerra: Nem sempre a medida pode levar à solução do conflito, mas tem influência nos rumos que ele toma”. Com a duração de 3 minutos e explicação da apresentadora Renata Vasconcellos expondo que “na guerra, as sanções nem sempre levam à solução do conflito, mas elas podem ter influência nos rumos que ele toma”. Assim que termina a fala da apresentadora, entra off de Rússia do presidente Putin e tanques enquanto o repórter acrescenta fala da apresentadora afirmado que “as sanções que o Ocidente impôs à Rússia, ao próprio presidente Vladimir Putin e a figuras importantes ligadas a ele não foram suficientes para parar a guerra”.

Após a anotação do repórter Ismar Madeira, o professor de Ciência Política das Universidades de *Princeton e Columbia*, David Baldwin, fala para o *JN* que “essas medidas podem não ter feito Putin desistir, mas defendeu que estão, sim, surtindo efeito. O objetivo é fazê-lo pensar”. Segundo o professor Baldwin, ainda, “as sanções econômicas têm efeito imediato e, por isso, são muito poderosas. Elas tiveram papel importante para acabar com o Apartheid, na África do Sul, em 1994, e para convencer o Irã assinar um acordo nuclear, em 2015”. E para endossar a fala do professor, o repórter pontua algumas questões como: “Os cinco principais motivos para sanções nesse período foram: defender os direitos humanos, promover a democracia, mudar alguma política específica, encerrar uma guerra e prevenir uma guerra, enquanto frisa que “os melhores resultados foram na promoção da democracia. As sanções para terminar ou prevenir uma guerra tiveram muito menos sucesso”.

A reportagem expôs que “As restrições impostas à Rússia fizeram a moeda do país, o rublo (**Figura 28**), perder mais da metade do valor em relação ao dólar americano. A população tem dificuldade para encontrar alguns produtos e fazer transações bancárias. A lista de empresas e redes de lojas que deixam o país não para de aumentar. Segundo levantamento da Universidade de Yale, já foram pelo menos 380, de restaurantes a montadoras de veículos

e administradoras de cartão de crédito”. Enquanto narrava toda esta situação, são apresentados na tela alguns resultados das sanções impostas à Rússia.



Figura 28. Moeda russa, Rublo.
Fonte: *Jornal Nacional*: 15 de mar. 2022.

A reportagem termina com o professor Baldwin frisando que “as sanções funcionam assim, provocando dor e perturbação, para que o alvo pare ou repense ações, e também são um mecanismo para torná-lo menos capaz de agir. E, no caso da Rússia, fazer com que a mensagem do Ocidente seja levada mais a sério”.

Nesta reportagem, o *JN* está dizendo para seus telespectadores que, embora as consequências das sanções econômicas impostas ao governo russo não estejam surtindo efeito ou, pelo visível, em uma propensão menor até o presente momento, todavia é possível que ao longo tempo no final da guerra a economia russa sofra as consequências dessas sanções impostas pelo Ocidente. Isto fica evidente com fala do professor Baldwin, que aponta para direção que talvez as sanções não arrasem com a economia russa, mas que haja um empecilho nos planos do governo.

Ainda na edição do dia 15 de março de 2022, exibiu-se reportagem intitulada “Guerra na Ucrânia reaproxima antigos inimigos: As *commodities*, mercadorias pouco industrializadas, como trigo e ouro, têm comércio intenso no planeta. E sofrem impactos como guerras e pandemia”. Também com a duração de 3 minutos, inicia com a apresentadora Renata Vasconcellos dizendo que “a guerra na Ucrânia produziu movimentos surpreendentes nas relações entre países e entre governantes. Em alguns casos, ela reaproximou inimigos”. Logo em seguida, começam a exibição de explosões, destroços de prédios, imagem do governo dos EUA, Joe Biden, e o antigo presidente estadunidense, Donald Trump, enquanto a

repórter da *Rede Globo* narra que “Enquanto a guerra na Ucrânia se arrasta, o mundo muda depressa. Em um aceno ao governo Biden, a Venezuela libertou dois americanos que estavam presos no país, uma virada surpreendente na história de ruptura dos Estados Unidos com a Venezuela, dias depois do boicote de Joe Biden às importações de petróleo e gás da Rússia”.

O pesquisador da Universidade de Harvard e conselheiro do Centro Brasileiro de relações Internacionais, Hussein Kalout, diz: “eu acho que os Estados Unidos optaram por se antecipar no tabuleiro estratégico em dois sentidos. Primeiro sentido: a necessidade de suprir um mercado americano de petróleo, uma vez que eles deixarão de comprar da Rússia. O segundo e mais importante do que o primeiro motivo é o receio da ampliação de uma presença militar russa na Venezuela”. E o *Jornal Nacional* sustenta que “Quem estuda a geopolítica diz que as manobras de Putin levaram a um realinhamento econômico, e isso pede novas parcerias”.

Após as ponderações do *JN* e do pesquisador Hussein Kalout, o professor de Relações Internacionais da *Faap*, Carlos Gustavo Poggio, frisa que “Estados não têm amigos, Estados têm interesses. Eu acho que isso está ficando muito claro agora, na medida em que a gente está vendo os Estados Unidos reorientando a sua geopolítica, juntamente com países europeus. Outro processo que deve mudar também é que os europeus já vinham falando que estavam tentando se tornar menos dependentes do gás natural e do petróleo russos. Agora, isto é um processo que vai se acelerar. Então, essa guerra teve um impacto tanto em acelerar algumas questões que já estavam em andamento, como é o caso dos europeus tentando se tornar menos dependentes dos russos, como criar novas realidades”.

Após trazer o histórico de relações do governo Venezuelano e Estados Unidos, o jornal traz histórico desta vez do Irã e EUA, e afirma que: “a guerra impulsionou ainda mais o diálogo com o Irã, rompido com os Estados Unidos e em pé de guerra com a União Europeia. Teerã recebeu a visita dos diretores da Agência Internacional de Energia Atômica, o que pode acelerar uma retomada do acordo nuclear em troca do fim das sanções econômicas ao país dos aiatolás e, com isso, abrir espaço para levar a solo americano parte da produção de petróleo iraniana. Os especialistas em relações internacionais dizem que o mapa geopolítico que a gente conhece já começou a mudar”.

O *JN* sustenta ainda que, “a partir dos impactos econômicos da guerra e diante de um inimigo comum, o Ocidente fica mais coeso. Com os Estados Unidos se aproximando dos países da Europa e construindo pontes com a Venezuela, no continente americano, e com o

Irã, no Oriente Médio. Isolada por sanções comerciais está a Rússia, que conta com a China como aliada”(Figuras 29 e 30).



Figura 29. Mapa de relações geopolíticas dos EUA.

Fonte: *Jornal Nacional*: 15 de mar. 2022.

Para reforçar, o *JN* pontuou as afirmações do professor de Relações Internacionais da *FGV*, São Paulo, Pedro Brites, frisando que “tanto para a Rússia, mas especialmente para a China, esse é um momento de muita busca por pragmatismo, tenta ver qual é a melhor posição pensando na estratégia chinesa de longo prazo, de se colocar como uma grande potência. Então, não é simples a gente pensar que nada vai abalar essas relações. A China já tem demonstrado que ela também busca cooperar com o Ocidente, inclusive se colocou à disposição para mediar a própria situação na Ucrânia”, e desta maneira termina a reportagem.

O cenário da guerra entre Rússia e Ucrânia se mostra complexo e em constante evolução. No entanto, o fôlego desta reportagem é uma análise sobre como a guerra na Ucrânia está afetando as relações internacionais; o cenário geopolítico está ancorado no discurso do *JN*, a lista de relações dos EUA segue ampliando, e o Ocidente estaria mais “coeso” inclusive pela sua aproximação com os Estados Unidos. Do outro lado se encontra a Rússia que, como *JN* vem apresentando está isolada, no contexto geopolítico e contando apenas com ao aliado o governo Chinês.



Figura 30. Mapa de relações geopolíticas da Rússia.

Fonte: *Jornal Nacional*: 15 de mar. 2022.

Na mesma edição, o *JN* exibiu a reportagem “conflito na Ucrânia está mexendo no preço de produtos essenciais no mundo todo: As *commodities*, mercadorias pouco industrializadas, como trigo e ouro, têm comércio intenso no planeta. E sofrem impactos como guerras e pandemia”. Com 3 minutos de duração, a reportagem inicia-se com o apresentador, William Bonner, dizendo que “Para muitos brasileiros que vão comprar o pão e se assustam com um aumento de preço, pode ser difícil entender por que é que isso tem a ver com a guerra na Ucrânia; mas tem”.

Após a colocação do apresentador, o jornal inicia uma série de exibição de *VT* e *off* de padarias, campos agrícolas, sojas, café, posto de combustíveis e joalherias, enquanto a repórter apresenta um exemplo que demonstra o aumento dos preços de mercadorias “em uma padaria de Belo Horizonte, o quilo do pãozinho de sal está R\$ 1 mais caro que na semana passada. Custa R\$ 18,99” (**Figura 31**).



Figura 31. Pão francês/ padaria brasileira.
Fonte: *Jornal Nacional*: 15 de mar. 2022.

O jornal acrescenta que esses aumentos se dão pelas “matérias-primas pouco industrializadas, de grande importância na economia global, e que têm características semelhantes em todo o mundo, sem ligação com marcas. Por exemplo, produtos agrícolas como soja, milho, açúcar, e minerais como petróleo e ouro. Os países precisam de *commodities* para produzir bens de maior valor agregado, por isso, exportam e importam em grande escala, em bolsas de valores internacionais. O preço é cotado em dólar e varia de acordo com a oferta e a procura”.

A partir deste ponto, o professor de Economia do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), Paulo Casaca, afirma que “a vantagem da *commodity* é o fato dele ser um produto padronizado, eu diria. Então, você tem a tonelada da soja, a tonelada do minério de ferro, você não precisa ir lá inspecionar o contêiner para comercializar aquele produto. Ele é facilmente comercializável, homogêneo, ele é padrão. O barril de petróleo Brent que é vendido na Ásia é o mesmo barril de petróleo Brent que é vendido nos Estados Unidos, por exemplo. Isso facilita o comércio e faz com que o produto se interligue no mundo todo com mais facilidade”.

A partir do que o professor expôs, o *JN* diz: “o Brasil tem um papel de muita importância no mercado de *commodities*, principalmente no de petróleo, soja e minério de ferro. Como o valor de uma *commodity* é definido pelo mercado internacional, qualquer alteração no cenário externo pode levar ao aumento ou queda desses preços. Foi o caso da Covid, que fez a cotação do barril de petróleo cair num mundo que parou de repente, ou então agora na guerra na Ucrânia, com o embargo ou sanções a grandes empresas produtoras da

Rússia que fizeram a cotação disparar. E qualquer variação nesses preços pode ter reflexos no dia a dia da população”.

O economista-chefe da EQI Asset, Stephan Kautz, na sequência, ressalta que isso é uma característica de países cada vez mais integrados: “é assim que nesse mundo globalizado de correlação entre países das variáveis econômicas, na troca de produtos, você acaba tendo essa transmissão do que acontece lá fora para o que acontece aqui na economia brasileira”. Ainda segundo o economista, “para o consumidor vai ter um peso no bolso. Os preços lá fora oscilam bastante, para cima e para baixo. A gente vê o repasse já acontecendo, e deve continuar acontecendo ao longo dos próximos dias e semanas, até a gente ver algum tipo de solução para essa guerra”, a partir da fala do economista o *JN* justifica que “é por isso que os preços das *commodities* no Brasil ainda dependem das consequências da guerra”.

A notícia veiculada pelo *JN* destaca a influência dos conflitos entre Rússia e Ucrânia nos preços de produtos essenciais em todo o mundo. O aumento dos preços está relacionado ao mercado de *commodities*, cuja demanda e oferta são altas, especialmente para países que necessitam desses produtos na produção de bens de maior valor agregado.

A edição de 19 março de 2022, tem reportagem com duração de 3 minutos, intitulada “Entenda por que a Rússia exige que a Ucrânia nunca faça parte da OTAN: Exigência é uma das principais condições russas para acabar com a guerra”. A reportagem inicia-se com o apresentador André Trigueiro pontuando que “uma das principais exigências da Rússia para acabar com a guerra é que a Ucrânia nunca faça parte da OTAN. O correspondente Ismar Madeira explica por que esse é um ponto fundamental do conflito”.

E o repórter expõe que “a localização geográfica da Ucrânia é considerada estratégica pela Rússia, que está incomodada com a possibilidade de adesão do país à aliança militar do Ocidente desde 2008 e o avanço da OTAN no Leste Europeu é uma preocupação antiga dos russos. A aliança tem hoje 30 países membros, e quase metade está perto da Rússia, formando uma espécie de cinturão. A Ucrânia é vista pelo presidente Vladimir Putin como um escudo, Isso porque além da força militar de cada país integrante, a OTAN tem quatro bases multinacionais na região: Polônia, Lituânia, Letônia e Estônia, com soldados, tanques e aviões” o repórter expõe ainda que “desde que foi criada, em 1949, a aliança tem o compromisso de proteção mútua. Se um país for atacado, todos reagem em defesa” (**Figura 32**).



Figura 32. Mapa ilustrativo da base militar da OTAN.
Fonte: Jornal Nacional: 19 de mar. 2022.

O diretor do Instituto para Estudos sobre a Rússia da Universidade de Columbia, Alexander Cooley, explica para o *JN* que “este não é o único motivo do interesse de Putin. Esta não é só uma briga por bloqueios de segurança. É uma luta pela orientação econômica da Ucrânia, entre se unir ao Ocidente ou se aproximar da Rússia e suas indústrias. A Ucrânia tem acesso ao Mar Negro e é uma importante área produtora de alimentos”.

Após a pontuação do Alexander Cooley, o *JN* relembra o contexto histórico de conflito entre Rússia e Ucrânia e expõe que: “foi exatamente este o estopim que deu início ao conflito há quase uma década. A Ucrânia negociava um acordo econômico com a União Europeia que previa, entre outras coisas, a criação de uma área de livre comércio. A ideia desagradou a Rússia e a tensão entre os dois países só piorou daí para frente. Em 2013, o então presidente ucraniano Viktor Yanukovich, que era aliado de Putin, renunciou ao acordo. Começou uma onda de protestos que resultou na destituição dele. Grupos rebeldes apoiavam Moscou. A Rússia anexou a península da Crimeia a seu território, em 2014, depois de um referendo que foi contestado pelo comunidade internacional. Agora, Vladimir Putin reconheceu a independência de duas regiões controladas pelos separatistas, Donetsk e Luhansk. Uma das justificativas foram os laços históricos e culturais entre Rússia e Ucrânia”. Enquanto isso, no plano de fundo da tela são exibidas diversas imagens de protesto (**Figura 33**) em diferentes pontos não identificados, a imagem do presidente Puntin e do ex-presidente da Ucrânia.



Figura 33. Mapa ilustrativo da base militar da OTAN.

Fonte: *Jornal Nacional*: 19 de mar. 2022.

A reportagem termina com a afirmação do diretor Cooley falando pro *JN* que “Putin não está alcançando os objetivos que pretendia porque não conseguiu tomar a Ucrânia rapidamente e substituir o governo. A ironia são as razões pelas quais Putin pensou que as tropas russas seriam bem-vindas agora. Pesquisas mostravam que a aprovação do presidente ucraniano era muito baixa, em torno de 20%. Mas a invasão teve um efeito contrário: a popularidade de Volodymyr Zelensky subiu para mais de 90%. A verdade é que Putin realmente calculou mal”.

Em síntese, fica evidente que a Rússia está impondo uma condição crucial à Ucrânia para pôr fim ao conflito entre as duas nações: a proibição que a Ucrânia integre a OTAN. Para a Rússia, a localização geográfica da Ucrânia é estratégica, e há preocupações sobre a possibilidade do país se unir à Aliança Militar Ocidental.

Desde 2008, o avanço da OTAN no Leste Europeu tem sido motivo de apreensão por parte dos russos, que enxergam uma espécie de ameaça. Nesse momento, o *JN* busca alertar os telespectadores sobre o medo da Rússia ficar cercada por seu inimigo histórico, a OTAN.

Na edição do 25 de maio de 2022, veiculada pelo *JN*, há reportagem intitulada “Guerra na Ucrânia tem impacto direto sobre mercado mundial de combustíveis: Falta de investimentos na extração do petróleo durante a pandemia também é apontada como causa do aumento do preço de combustíveis”. A reportagem é iniciada quando o William Bonner diz que “a guerra na Ucrânia tem um impacto direto sobre o mercado mundial de combustíveis”. Logo após a fala dos apresentadores, são exibidos diversos *frames* de postos de extração de combustíveis sem lugar identificado, a imagem do presidente dos EUA Joe Biden, mapas

ilustrativos com fluxo de aumentos dos preços dos combustíveis e bases de extração de combustíveis fósseis (**Figura 34**).



Figura 34. Ponto de extração de combustíveis fósseis.
Fonte: *Jornal Nacional*: 25 de mai. 2022.

Enquanto o repórter acrescenta que “em um passado não muito distante, o petróleo estava barato. Tão barato que as petrolíferas não achavam que era jogo investir e perfurar mais poços. Além disso, em 2016, todo mundo imaginava que as energias renováveis iam passar a ganhar mais espaço, com o desenvolvimento de novas tecnologias de armazenamento, por exemplo. Só que um poço de petróleo não é renovável”; o analista de petróleo e gás da *Bloomberg Intelligence*, Fernando Valle, pontua que “a produção de petróleo cai na casa de 10% a 12% ao ano se você não investir em novos poços, em novas plantas para fazer tratamento do petróleo e do gás e dos produtos associados”, e acresce: “como não houve grandes investimentos, o mundo todo teve uma queda nas reservas de petróleo, e o preço aumentou. As petrolíferas se deram bem, porque não investiram e, mesmo assim, lucraram”.

O *JN* endossa: “aí veio a pandemia. Quando o mundo paralisou, o consumo de petróleo também foi para o chão. Não tinha mais ninguém dirigindo para lá e para cá ou voando tanto. Só que quando a pandemia melhorou, o consumo voltou. Mas os investimentos estavam parados há um tempão, e não teve mais jogo. O gráfico dos preços parece o Monte Everest. É basicamente uma crise de oferta. A guerra na Ucrânia piorou a situação. Com as sanções, a Rússia deixou de vender petróleo para a Europa. O escoamento para lá era feito

pelos oleodutos, e os russos passaram a vender mais para China, Índia e Paquistão, do outro lado. Mas para chegar a esses países o petróleo tem que sair da Sibéria, dar a volta toda para chegar de barco. Custa muito mais caro. E como a Rússia está sem dinheiro para investir em mais extração de petróleo, a produção do país também está diminuindo. O presidente americano, Joe Biden, implora para as petrolíferas: ‘Produzam mais petróleo. Mas não é assim fácil’; e o analista Fernando Valle, acrescenta: “Isso tudo demora alguns anos, para você contratar um navio plataforma você precisa de no mínimo de 3 a 4 anos. Para fazer todos os trâmites legais e jurídicos e colocar o campo novo em produção leva de 5 a 7 anos”.

O JN indaga: “ou seja, não há uma solução para agora. O que está acontecendo é que, como o preço da gasolina está absurdo na bomba, o pessoal está enchendo menos o tanque. Isso está diminuindo a procura por petróleo, o que pode ajudar a controlar o preço. Mas ao mesmo tempo que uma queda no consumo ajuda a controlar a inflação, pode acabar desacelerando a economia, o que pode levar o mundo a uma recessão”, terminando a reportagem.

Em síntese, nesta cobertura, do *JN* apresenta uma reportagem sobre a guerra na Ucrânia e seu impacto direto sobre o mercado mundial de combustíveis, especialmente no preço do petróleo e, conseqüentemente, dos combustíveis derivados. A falta de investimentos na extração de petróleo durante a pandemia também é apontada como uma das causas do aumento dos preços dos combustíveis. A reportagem menciona que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia tem causado instabilidade no fornecimento de petróleo para a Europa, devido às sanções impostas à Rússia, levando o país a vender mais para outros mercados. Porém, esse redirecionamento do petróleo demanda custos mais altos e acaba resultando na diminuição da produção russa, já que o país não tem recursos para investir em mais extração.

Na edição de 1 de julho de 2022, o *JN* divulgou a reportagem “guerra na Ucrânia tem impactos na integração energética do planeta e no meio ambiente: Conflito produz também efeitos planetários na economia, com a inflação de combustíveis” e começa com William Bonner afirmado que: “a guerra na Ucrânia é, na origem, um conflito de natureza geopolítica. Estão em jogo as fronteiras de países, a correlação de forças entre superpotências militares. Mas ela produziu, também, efeitos planetários na economia, com a inflação de combustíveis energéticos, e isso acabou provocando impacto negativo no meio ambiente”.

Após essa afirmação, expõe uma série de questões advindas da guerra entre Rússia e Ucrânia e frisa uma das conseqüências: “a gasolina cara nos postos brasileiros, o fantasma do desabastecimento de energia para aquecer as casas europeias e o preço recorde do gás de

cozinha na Índia têm a mesma origem: a invasão russa à Ucrânia. Desde o início da guerra, as grandes potências do Ocidente mantêm um embargo ao petróleo e ao gás da Rússia. O plano é sufocar a economia do país, dificultando o comércio dos seus principais produtos de exportação. Mas a moeda tem outro lado. O agressor a ser combatido é, também, um dos maiores fornecedores de energia do mundo, e o embargo desorganizou os canais de comercialização”.

A entrevistada, coordenadora de Relações Internacionais da *Faap*, Fernanda Magnotto, expõe que “a Rússia é responsável, por exemplo, por 40% do gás que vai para a Europa, e isso afeta o mundo todo. Então, aí estão as raízes do problema. Existem dificuldades de encontrar alternativas às fontes energéticas já existentes”. E o jornal justifica que “a resposta à crise no mercado globalizado da energia foi a adoção de fontes disponíveis em cada país, mesmo aquelas que vinham sendo reduzidas ou abandonadas em nome da preservação do planeta. Itália, Alemanha, Áustria e Holanda estão reativando termelétricas movidas a carvão. O Reino Unido anunciou a construção de oito usinas nucleares até 2030. A Índia estuda aumentar a importação de petróleo e carvão para substituir o gás líquido” (**Figura 35**).



Figura 35. Usina de carvão, local não identificado.

Fonte: *Jornal Nacional*: 1 de jul. 2022.

Um especialista entrevistado, professor de Relações Internacionais da *Faap*, Carlos Gustavo, salienta ainda que “antes da guerra da Ucrânia, a gente vivia um período de globalização em que havia uma certa percepção de que a economia e a política andavam

separados, e a percepção de que você poderia comprar de qualquer lugar, independentemente de onde fosse. Agora, nós estamos num novo período da história, em que questões de ordem geopolítica, de considerações políticas, passam a ser importantes. Isso não é algo que faz do dia para a noite. É algo que demanda tempo. Principalmente na Europa, a pauta ambiental é uma pauta que está se fortalecendo, que tem uma força política bastante relevante. Então, creio que a pressão doméstica que vai haver nos países europeus é para que haja a adoção de formas limpas de energia”.

O *JN* expõe ainda que “a guerra entre a Rússia e a Ucrânia obrigou o mundo a dar um passo na mudança para uma matriz energética mais limpa. Mas ninguém sabe se esse retrocesso é definitivo, se vai durar apenas até o fim desse conflito ou até o mercado de energia encontrar um novo equilíbrio mundial. Ou se o contrário pode acontecer, de a atual crise se transformar em combustível na busca por fontes de energia novas, limpas, renováveis e que reduzam a dependência internacional”, e a professora Fernanda Magnotta da *FAAP*, coloca que “a aposta dos ambientalistas é que, agora, a percepção seja de que, mais do que nunca, os países precisam encontrar alternativas, diversificar as suas fontes e, também, fazer isso considerando não apenas o seu próprio abastecimento, mas também a sobrevivência do planeta”. Desta forma, termina a reportagem com duração de 3 minutos.

Em resumo, entendemos que o *JN* trouxe à tona os significativos impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia na integração energética global e no meio ambiente. A reportagem evidencia que o conflito geopolítico provocou uma série de efeitos planetários, incluindo a inflação dos preços dos combustíveis energéticos e a desorganização dos canais de comercialização, resultado do embargo imposto pelas grandes potências do Ocidente ao petróleo e gás russo.

Com o embargo, o mundo enfrentou uma crise no mercado de energia, o que levou alguns países a recorrerem a fontes de energia que estavam sendo reduzidas ou abandonadas, em prol da preservação do meio ambiente, como a reativação de termelétricas movidas a carvão ou a construção de usinas nucleares. Essa mudança na matriz energética pode ser interpretada como um retrocesso na adoção de formas mais limpas e renováveis de energia. A reportagem destaca que, anteriormente à guerra, o período de globalização trazia a percepção de que economia e política andavam separadas, permitindo a compra de recursos de qualquer lugar, independentemente das questões geopolíticas. No entanto, a crise resultante da guerra expôs a importância crucial das considerações políticas e geopolíticas no cenário energético global.

Esta reportagem parece mais focada em apresentar os impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia no mercado energético global e no meio ambiente, bem como nas diversas respostas e desafios enfrentados pelos países Ocidentais e os EUA para lidar com essa crise. Não há uma defesa explícita do uso de combustíveis poluentes, mas sim uma descrição das medidas tomadas pelos países em resposta à crise energética decorrente do conflito.

Na cobertura de 26 de outubro de 2022, o *JN* exibiu a reportagem “Rússia simula como responderia a um ataque nuclear por parte da Ucrânia: Países têm trocado acusações sobre possível uso de ‘bomba suja’”. A reportagem inicia-se com o apresentador William Bonner, informando que “a Rússia simulou, como responderia a um ataque nuclear por parte da Ucrânia”.

Na matéria, a repórter da Globo Bianca Rothier narra que “o presidente russo observou tudo de Moscou. Os exercícios das forças nucleares estratégicas da Rússia envolveram até submarinos e mísseis balísticos intercontinentais”. Na tela são exibidos armamentos militares de alta precisão como: submarinos, mísseis e o presidente Putin em alguma reunião. A reportagem traz ainda informações vinda do centro de governo da Rússia, Kremlin, afirmando que “todos os mísseis atingiram seus alvos”; e o *JN* frisa que “o ministro da Defesa russo explicou a Vladimir Putin que os exercícios simularam um ataque nuclear maciço em resposta a um ataque nuclear inimigo”. Logo em seguida, para contrapor o governo russo, o *JN* traz oposição do Ocidente que diz: “as alegações da Rússia de que a Ucrânia pretende usar uma “bomba suja”, com material radioativo, em seu próprio território são falsas. A Rússia muitas vezes acusa outros pelo que pretende fazer”; afirma o secretário-geral da OTAN, Jens Stolterberg. E a reportagem frisa que “diante do clima tenso, o governo ucraniano aconselhou milhões de refugiados a não voltarem até a primavera, que no hemisfério norte começa em março”, e a vice-primeira-ministra indaga que “precisamos sobreviver ao inverno. Infelizmente, a rede elétrica não sobreviverá. Voltar é arriscado”.

A repórter entra em cena diretamente de Genebra, Suíça, para pontuar que “a guerra vai além dessa tragédia humana. Um desastre também para o patrimônio cultural da Ucrânia. Em Genebra, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, a Unesco, apresentou uma nova plataforma em parceria com o Centro de Satélites da ONU. A iniciativa é para monitorar os danos na área. 80% dos 207 ataques verificados pela Unesco agora têm imagens que podem ser comparadas, como as de antes e depois do Teatro de Mariupol, usado por centenas de pessoas como abrigo, mas destruído em março por um bombardeio russo” e o

JN ainda enfatiza por meio da fala da diretora de Cultura e Emergências da *UNESCO* que “Só teremos uma noção do impacto real depois que a guerra acabar”.

De forma resumida, mais especificamente em 2 minutos, esta é mais uma reportagem exibida pelo *JN*, que tratou da tensão entre Rússia, Ucrânia e o Ocidente. Desta vez, a reportagem destaca os exercícios militares recentes realizados pela Rússia com suas forças nucleares estratégicas. O Kremlin considerou os exercícios bem-sucedidos, exibindo a suposta capacidade russa de uma resposta eficaz em caso de ataque nuclear inimigo. Para contrapor as informações vindas do Kremlin, o jornal traz fontes da OTAN que contestam as alegações da Rússia de que a Ucrânia planeja usar uma "bomba suja" contendo material radioativo em seu próprio território, afirmando que essas acusações são falsas.

O *Jornal Nacional* diz para seus telespectadores que a crise geopolítica em questão não se limita apenas a questões militares, mas também tem implicações humanitárias e culturais significativas para a região. Além das questões militares e de segurança, aponta-se para consequências devastadoras da guerra para a cultura e o patrimônio da Ucrânia, e traz como exemplo, o Teatro de Mariupol foi utilizado como abrigo durante os conflitos e, infelizmente, acabou sendo destruído por um bombardeio russo. Diz ainda que a *UNESCO* está acompanhando os danos à área cultural da Ucrânia e criou uma plataforma para monitoramento, mas o impacto real só será conhecido após o término da guerra. O *Jornal Nacional* não acusa diretamente a Rússia pelo ocorrido na Ucrânia, mas sugere nas entrelinhas da cobertura.

Reportagem divulgada no dia 23 de dezembro de 2022 está intitulada: “Entenda o papel da Noruega na crise energética da Europa: Por causa da guerra na Ucrânia, continente enfrenta problemas de abastecimento e governantes temem consequências com chegada do inverno rigoroso”. A jornalista Ana Paula Araújo inicia a reportagem pontuando que “na visita que fez aos Estados Unidos, o presidente ucraniano lembrou que a Europa vai enfrentar problemas de abastecimento de energia neste inverno por causa da guerra. Os correspondentes Candice Carvalho e Lucas Louis mostram que quem está salvando o continente da crise é a Noruega”.

Logo, o *JN* começa uma exibição de *VT* e *off*, mapas e ilustrações que evidenciam a situação, enquanto a repórter narra que “plataformas de petróleo estão no centro das atenções no continente europeu. Elas ficam no Mar do Norte, a 140 km da costa da Noruega, país que, apesar de não estar em guerra, recebeu oferta de assistência militar do Reino Unido, Alemanha e França. É que, sem as instalações de energia norueguesas, parte da Europa

correria o risco de não ter aquecimento neste inverno”. O entrevistado, professor de economia da *Universidade de Oslo*, Diderik Lund, diz que “a Europa está desesperada por mais gás natural. Neste momento, os reservatórios estão preenchidos, mas todos esperam que seja um inverno difícil”.

Pós as anotações do professor, o telejornal levanta questões de antes da guerra entre Rússia e Ucrânia e pontua “antes da guerra na Ucrânia, 40% do gás usado para aquecer os europeus vinham da Rússia pelo gasoduto *Nord Stream 1*, que atravessa mais de 1.200 km por baixo do Mar Báltico até a Alemanha. Mas em setembro explosões danificaram a estrutura, que teve que ser interditada. Um relatório preliminar da investigação feita pela Suécia afirmou que houve sabotagem, mas não indicou possíveis suspeitos. Com isso, agora a Noruega responde por um quarto da energia fornecida para a Europa. O país é um novato nesse mercado”. Em seguida, o professor Diderik Lund, diz: “descobrimos petróleo no fim dos anos 1960, e foi um divisor de águas” o *JN* argumenta que “hoje, 98% da eletricidade consumida pelos noruegueses vêm de um recurso renovável: a água. São quase mil hidrelétricas espalhadas em um país privilegiado em natureza. Mas, apesar de internamente ter adotado uma política verde, com investimento em energia limpa, o país nórdico ficou rico mesmo com a exportação de combustíveis fósseis que são altamente poluentes”.

E reportagem de 2 minutos termina com o *JN* dizendo que “a Noruega tem sido criticada por países europeus, que dizem que Oslo tem lucrado às custas da guerra. Só em 2022, a indústria do petróleo norueguesa deve lucrar US\$ 82 bilhões a mais do que no ano passado. Críticos dizem que esse dinheiro, ou pelo menos parte dele, deveria ser repassado para os ucranianos. O governo norueguês nega que esteja se beneficiando com a guerra. O país espera aumentar a produção de petróleo líquido em 15% em 2023. Juntos, gás e petróleo devem render o valor recorde de US\$ 131 bilhões para a Noruega no ano que vem”.

Nesta reportagem o *JN* explica o papel crucial da Noruega, um país do Ocidente, na crise energética da Europa devido à guerra na Ucrânia e às preocupações com o inverno rigoroso. Enquanto o fornecimento de gás natural pela Rússia foi interrompido devido a explosões no gasoduto *Nord Stream 1*, a Noruega tem sido fundamental para suprir a demanda de energia do continente europeu, fornecendo assistência militar e mantendo sua posição como um importante exportador de combustíveis fósseis.

Apesar de ser considerada um exemplo de energia renovável, com quase mil hidrelétricas, a Noruega também tem sido alvo de críticas por outros países europeus. Que acusam o país de lucrar com a crise energética, o que levanta questões sobre a

responsabilidade da Noruega em auxiliar os ucranianos em meio à guerra e sobre o uso adequado dos recursos obtidos com a exportação de combustíveis fósseis. A indústria do petróleo norueguesa tem obtido lucros substanciais, o que aumenta as preocupações sobre a utilização apropriada desses recursos. Alguns questionam se parte desses lucros deveria ser repassada para ajudar a aliviar a situação dos ucranianos, que estão enfrentando consequências devastadoras da guerra e da crise energética.

Em suma, a Noruega desempenha um papel ambíguo na crise energética europeia, sendo tanto uma fornecedora essencial de energia quanto um exportador de combustíveis fósseis criticado por lucrar com a situação de crise na geopolítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinarmos a cobertura do conflito entre Rússia e Ucrânia pelo *Jornal Nacional*, surge claramente a influência significativa da *Rede Globo*, representante destacada da elite econômica ocidental com atuação no contexto dos meios de comunicação do Brasil. Ao longo de décadas, a emissora demonstra um viés conservador, promovendo uma agenda ideológica “de direita” (LEME, 2020).

O *Jornal Nacional*, programa telejornalístico principal da emissora, adota uma abordagem que destaca uma competição política entre o Ocidente e o Oriente, revelando uma orientação ideológica através de nuances linguísticas e elementos paralinguísticos (LEME, 2020). Esta perspectiva é corroborada pela análise de Kehl (2004) e Lima (2012), que sugerem uma aliança implícita com as forças políticas dominantes e a reafirmação de princípios conservadores existentes na mídia.

Esta interpretação se alinha com a análise de Kehl (2004), que sugere que o *Jornal Nacional*, de maneira implícita, insere sua opinião na narração dos fatos. As conclusões de Lima (2012) complementam essa visão ao indicar que a *Rede Globo* mantém estreitos vínculos com as forças políticas dominantes, engajando-se na comunicação política para reafirmar seus princípios e sua orientação conservadora (MORAES, 2013).

O viés conservador da *Rede Globo* se manifesta de forma clara na condução do *Jornal Nacional*, que, munido de seu considerável poder, desempenha um papel central na construção da narrativa predominante sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia. Ao longo de seus mais de 53 anos como líder midiática, a emissora utiliza sua influência para destacar dados e opiniões que reforçam sua orientação ideológica.

Ao abordar esse conflito, o *Jornal Nacional* assume uma postura inequivocamente contrária à Rússia. Uma análise das reportagens, como indica a análise aqui realizada, revela a persistência dessas representações, moldando a percepção pública desse evento social. Conforme aponta Leme (2020), coberturas como essas buscam destacar as falhas morais notáveis de personagens políticos, explorando suas inconsistências para construir narrativas persuasivas que cativam os telespectadores e atraem audiência para a *Rede Globo*.

O Ocidente é construído não apenas como uma questão geográfica, mas como estórias e ideologias construídas. A cobertura de telejornalística de guerra entre Rússia e Ucrânia pelo *Jornal Nacional* está impregnada pela comparação entre o Ocidente homogêneo e a isolada e

contraditória Rússia; desta maneira constrói-se uma narrativa que destaca as culturas diferentes unificadas pelo argumento de que são todas diferentes do resto.

Essa perspectiva do Ocidente vai além da geografia, alinhando-se com a ideia de Hall (2016) de que se trata de uma ideologia construída. A análise da cobertura do *Jornal Nacional* acerca do conflito nos conduz a algumas considerações finais esclarecedoras. Torna-se latente que o telejornal incorre em falhas ao negligenciar a inclusão de perspectivas e vozes diversas, em especial da Rússia e de outras partes do globo.

Isso acaba por reforçar a hegemonia do mundo ocidental, perpetuando a narrativa de que este é o guardião incontestável dos valores fundamentais, como a liberdade individual, a democracia e os direitos humanos (ÉSAIRE, 1978) chama a atenção para narrativa construída: “Ocidente inventou a ciência e que somente o Ocidente sabe pensar”. Em outras palavras, o autor critica a visão de mundo que está sendo reforçada pela mídia, a qual negligencia os danos causados pela expansão colonial das potências ocidentais. Isso leva a uma visão simplista do conflito que perpetua a narrativa de que o Ocidente é o único defensor dos valores democráticos e dos direitos humanos. Essa visão resulta em parte da cobertura da mídia que ocorre em paralelo ao contexto geopolítico internacional da guerra em várias frentes, como se vê nas falas das fontes acionadas pelo jornal e pela edição em relação a essas mesmas falas.

É digno de nota que, nas mais de 450 reportagens apuradas na pesquisa, percebe-se que o telejornal não buscou fontes ou perspectivas da Rússia, deixando de explorar os motivos do conflito e possíveis soluções que não estejam centradas nos EUA e na Europa. Além disso, o *JN* falhou em mostrar como a guerra afeta outras populações, culturas e países fora do mundo ocidental.

Durante nossa análise, observamos que o *Jornal Nacional* aborda principalmente questões relacionadas ao cenário geopolítico e militar envolvendo a Ucrânia, a OTAN e a Rússia. O jornal enfatiza repetidamente o fornecimento de armamentos à Ucrânia e a posição da OTAN em apoiar a Ucrânia contra a Rússia.

Há também coberturas secundárias que se concentram nos oligarcas russos e nas sanções econômicas impostas a eles pelos países ocidentais, bem como às sanções direcionadas à Rússia e ao presidente russo, Vladimir Putin. O *Jornal Nacional* argumenta que esses oligarcas têm ligações com o governo russo e destaca como suas fortunas estão sendo afetadas pelas sanções, muitas das quais são consideradas obtidas de forma fraudulenta.

Por exemplo, em 5 de março de 2022, o jornal entrevistou ex-funcionários do governo russo que agora estão alinhados com a política ocidental e os apresentou como fontes para acusar o presidente russo de corrupção. A fala de um ex-conselheiro do ex-presidente russo, Boris Yeltsin ganha destaque: “Putin não é um presidente, mas um homem que rouba o Estado para enriquecer, um gângster que fará qualquer coisa para manter o poder e o dinheiro que conquistou”.

O prolongado conflito entre Rússia e Ucrânia tem se destacado na mídia internacional, incluindo a cobertura do renomado telejornal brasileiro, o *Jornal Nacional*. No entanto, uma análise crítica dessa cobertura revela questões fundamentais relacionadas a ausência de diversidades de vozes na mídia, à falta de diversidade de perspectivas e à influência da narrativa ocidental. É notável que o *Jornal Nacional* não apresenta fontes com opiniões diferentes daquelas que criticam o governo russo - pelo menos até o momento de conclusão desse estudo.

Além disso, há reportagens que abordam as consequências do conflito entre Rússia e Ucrânia na economia global e nas relações comerciais internacionais, destacando a importância da interdependência econômica nesse contexto. O jornal também discute como as ações dos países envolvidos no conflito são regulamentadas pelo Direito Internacional, com foco nas convenções de Genebra e na proibição de armas como as bombas de fragmentação. Além disso, são abordadas as acusações de crimes de guerra e violações dos direitos humanos no conflito e como essas questões estão sendo investigadas pelo Tribunal Penal Internacional, ressaltando a complexidade dessas investigações.

Esse conjunto indica que a cobertura do *Jornal Nacional* parece favorecer de forma significativa a política do Ocidente e do governo da Ucrânia, com um número expressivo de reportagens favoráveis àquele país, em comparação com a falta de cobertura equilibrada que apresentaria a perspectiva do governo russo.

Após a análise, percebemos que o *JN* não incluiu fontes nem perspectivas da Rússia na cobertura da guerra. Não investigou os motivos do conflito ou como poderia ser resolvido, focando constantemente em destacar o passado da Rússia, incluindo sua forma de governo e a figura de Putin.

Por outro lado, o mesmo viés não foi tomado ao abordar o bloco Ocidental envolvido na guerra. O *JN* parece construir uma narrativa favorável ao Ocidente, destacando seus valores hegemônicos e eurocentristas. Isso se reflete nas reportagens, que retratam Vladimir Putin como um líder autoritário e isolado no cenário diplomático.

O *JN* alega apoiar a democracia e os direitos humanitários, mas suas reportagens sobre a guerra não incluem especialistas de fora do bloco Ocidental ou do Brasil para discutir as complexidades e os impactos do conflito em outras culturas e nações. Todos os especialistas convidados a comentar sobre a cobertura da guerra no telejornal focam nos impactos para europeus, estadunidenses e brasileiros. Embora os jornalistas reconheçam que o mundo está sofrendo com os efeitos da guerra, eles não dão voz a líderes africanos ou asiáticos para discutir como o conflito afeta suas políticas internas e externas, simplificando e reduzindo uma ideia de mundo.

Além disso, chama a atenção a forte presença do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, nas reportagens do *JN*. As narrativas que o jornal está construindo parecem ser guiadas pelas declarações, denúncias ou acusações feitas pelo líder norte-americano em relação ao presidente russo.

É notável que, mesmo após mais de um ano de guerra, o *JN* não altera a sua abordagem na cobertura do conflito geopolítico entre Rússia e Ucrânia. A cobertura do telejornal frequentemente retrata o presidente ucraniano como um líder democrático que defende os direitos humanos e está disposto a usar a força para proteger a soberania de seu povo. O presidente da Ucrânia é retratado como um líder forte e corajoso que se opôs à ocupação russa de maneira digna e honrosa, enquanto a Rússia é criticada por suas ações. Sua imagem é exaltada sem considerar a política do país em detalhes. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky é apresentado como um herói internacional em busca de democracia e aliança com o Ocidente, por outro lado, nas coberturas telejornalísticas de guerra do *Jornal Nacional* o presidente Vladimir Putin é retratado como um vilão que desrespeita a democracia.

A ausência de vozes e perspectivas russas na cobertura do *Jornal Nacional* é um ponto crítico. A carência de diversidade de opiniões contribui para a formação de uma visão unidimensional do conflito, onde a narrativa é moldada predominantemente a partir da ótica ocidental. Isso não apenas perpetua estereótipos e simplificações, mas também marginaliza a compreensão das motivações e preocupações do lado russo.

A ênfase em retratar o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, como um herói democrático, enquanto demoniza o presidente russo, Vladimir Putin, revela uma tendência a personalizar o conflito e simplificar as questões geopolíticas. Essa abordagem pode influenciar a percepção do público, direcionando as simpatias de maneira unilateral.

O *Jornal Nacional* tem um impacto significativo que vai além das fronteiras nacionais, desempenhando um papel central na formação das opiniões públicas, como apontado por alguns autores aqui trabalhados.

O estudo feito na nossa análise revela que as notícias são apresentadas de forma a influenciar e, em muitos casos, manipular o conteúdo, ignorando frequentemente pontos de vista alternativos em favor de uma perspectiva unidimensional, que não aborda as complexidades do conflito e assume o Ocidente como a voz global.

O autor Aimé Césaire, reconhecido por suas críticas ao colonialismo, argumenta que o Ocidente frequentemente se posiciona como a única fonte de pensamento e racionalidade, enquanto menospreza outras culturas como "primitivas" e "irracionais". Ele ressalta que essa visão eurocêntrica do mundo tem raízes profundas no pensamento colonial e contribui para a marginalização de vozes não ocidentais. Ao analisarmos a cobertura do *Jornal Nacional* sobre o conflito Rússia-Ucrânia, foi possível identificar elementos que corroboram essa perspectiva a qual o autor chama a atenção.

A ênfase constante na narrativa ocidental, representada principalmente pelos Estados Unidos e países europeus, reflete uma abordagem que reforça a visão hegemônica do Ocidente como detentor dos valores democráticos e defensor dos direitos humanos. Essa construção narrativa tende a simplificar a complexidade do conflito, apresentando uma dicotomia entre o bem (Ocidente) e o mal (Rússia), sem explorar adequadamente as causas profundas e as nuances envolvidas.

A análise crítica do *Jornal Nacional* aponta para a necessidade de uma cobertura mais equilibrada e inclusiva, que incorpore uma gama mais ampla de perspectivas e vozes. O papel da mídia na formação da opinião pública é significativo, e uma abordagem mais reflexiva e diversificada pode contribuir para uma compreensão mais profunda e contextualizada do conflito em questão.

Em suma, a cobertura midiática do conflito Rússia-Ucrânia pelo *Jornal Nacional* destaca desafios persistentes relacionados à imparcialidade, diversidade de perspectivas e representação equitativa. Essas considerações são cruciais para uma informação jornalística que verdadeiramente cumpra seu papel de informar, educar e promover a compreensão pública, especialmente em contextos geopolíticos sensíveis como o analisado.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Imprensa popular: sinônimo do jornalismo popular?**. Brasília, UnB, setembro de 2006. Texto disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0074-1.pdf>>.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. “Mídia: um halo, um aro, um elo”. In: FRANÇA, Vera. & GUIMARÃES, C. (org.). *Narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Texto disponível em: <<https://drive.google.com/drive/u/1/my-drive>>

APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. **A guerra entre a Rússia e a Ucrânia**. Série Conflitos Internacionais, Observatório de Conflitos Internacionais–OCI, v. 9, n. 1, 2022.

ARAÚJO, Ana Paula; et al. **"Entenda o papel da Noruega na crise energética da Europa."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11228748/?s=0s>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção**. Revista Galáxia, São Paulo, dez. 2005. Texto disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1428>>.

BONNER, William; et al. "Conflito na Ucrânia está mexendo no preço de produtos essenciais no mundo todo." Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10392523/>. Acesso em 15 de março de 2022.

BONNER, William; et al. **"Entenda como são reguladas ações dos países envolvidos em guerra."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10389015/>. Acesso em 14 de março de 2022.

BONNER, William; et al. **"Ataque russo à Ucrânia representa uma nova etapa da ordem mundial."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10338660/>. Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

BONNER, William; et al. **"Guerra na Ucrânia tem impactos na integração energética do planeta e no meio ambiente."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10721010/?s=0s>. Acesso em 1 de julho de 2022.

BONNER, William; et al. **"Rússia simula como responderia a um ataque nuclear por parte da Ucrânia."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11063846/?s=0s>. Acesso em 27 de outubro de 2023.

BONNER, William; et al. **"Guerra na Ucrânia tem impacto direto sobre mercado mundial de combustíveis."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10616512/?s=0s>. Acesso em 27 de maio de 2022.

BORGES, W.; ENNE, A. L. S. **Sensacionalismo e modernidade: como uma relação intrinsecamente ambígua se transformou em estratégia de distinção cultural?** RuMoRes,

[S. 1.], v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2007.51094. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51094/55164>> Acesso em: 27 maio. 2022.

BRAGA, José .L. **A prática da pesquisa em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.14, n. 1, p.1-33, abr./jun. 2011. Texto disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-9-n.-1fev.-2022.pdf>> 2022.

CAMPATO, Jr, J. A. **A Guerra Russo-Ucraniana e os discursos sobre o imperialismo da nova desordem mundial**. Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação, 22(1), 82-102. 2022 Texto disponível em: <https://doi.org/10.47369/eidea-22-1-3356>.,.

CARVALHO, Juliana Ferreira de. A Palestina na mídia ocidental: olhares sobre a violência no Jornal Nacional. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CHARAUDEAU, Patrick; **Discurso das mídias**. Tradução Angela M. S. (Corrêa. 2. ed., 2a reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. Texto disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5718774/mod_resource/content/1/Charadeau%20%20Maingueneau%20-%20Dicion%20de%20AD.pdf>.

CNN, **Relação entre Rússia e Ucrânia tem histórico de tensão; lembre os fatos**. Reportagem disponível em : <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/relacao-entre-russia-e-ucrania-tem-historico-de-tensao-relembre-os-fatos/#:~:text=Ap%C3%B3s%20meses%20de%20aumento%20da,como%20unidades%20m%C3%A9tricas%20e%20combust%C3%A9vel.>> acessado em 22 de agosto de 2022.

DELLAGNEZZE, R. **O Conflito Rússia E A Ucrânia**. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação, 12–79. 2022. Recuperado de <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/4960>.

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2003. DUARTE, J. BARROS, A. (orgs.) Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Hélder; et al. "Rússia pode sofrer sanção bancária internacional." Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10340967/>. Acesso em 26 de fevereiro de 2022.

ENNE, Ana. L. **O sensacionalismo como processo cultural**. Revista Eco-Pós, 10(2). 2009. Texto Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v10i2.1018>>. Acesso em 21 de jun de 2023.

ESFERA PÚBLICA. Editora PPGCOM UFMG, 2016. Texto disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1yJyVApBd5q8_fc5OUEn1E47laTN2Glkd/view?ts=62743cff>.

ESQUERDA ONLINE. **Não À Guerra! Fora Otan E Rússia Da Ucrânia.**2022. Disponível em<<https://esquerdaonline.com.br/2022/02/24/nao-a-guerra-fora-OTAN-e-russia-da-ucrania.>> Acesso em: 5 de março de 2022

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão.** São Paulo: Boitempo, 2004.

FOLHA DE S.PAULO, Crise na Ucrânia remete a 2014, mas lembra mais a guerra de 2008 na Geórgia. Reportagem disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/crise-na-ucrania-remete-a-2014-mas-lembramais-a-guerra-de-2008-na-georgia.shtml>>. Acesso em 13 de out de 2022

FORTES, Denis Matoszko. **A Federação Russa E A Crise Ucraniana De 2013-2014: Entre O Jogo Das Potências E As Disputas Históricas No “Exterior Próximo”.** Dissertação [Mestrado Em Relações Internacionais] Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151751> >. Acesso em 12 de jun de 2023.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia.** Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

GOMES, Itania. M. M. et. at **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro : UERJ, 2005.

GORENDER, Jacob. Dossiê Globalização, tecnologia e relações de trabalho. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 11, n. 29. Texto disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8986>>

GUIMARÃES, Ana Luíza; et al. **"Saiba quais são os desafios dos países que prometeram mandar armamento para a Ucrânia."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10348502/>. Acesso em 2 de março de 2022.

GLOBO. Jornal Nacional. **CORREÇÃO: Blindado atropela carro na Ucrânia:** No início da invasão da Ucrânia pela Rússia, no dia 25 de fevereiro, o Jornal Nacional publicou imagens que mostravam os horrores de uma guerra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10411122/>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

GLOBO. Jornal Nacional. **Entenda o papel de cada um dos atores principais do teatro de guerra na Ucrânia:** Saiba quem é quem na crise que monopolizou as atenções do mundo. O presidente da Ucrânia informou que 137 cidadãos ucranianos, entre eles militares e civis, morreram no primeiro dia de uma invasão maciça à Ucrânia. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10335225/>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022.

GRUPO GLOBO, **História Roberto Marinho (1904-2003)**. Reportagem disponível em: <https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/biografia/noticia/roberto-marinho-1904-2003.ghtml>

HALL, Stuart. O Ocidente e o Resto: discurso e poder. In: *Formations of Modernity*. Tradução: Carla D'Elia. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 314-361, Mai.-Ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/30023/20834>. Acesso em: 18 nov. 2023.

JORNAL DA RECORD: O Lado Oculto Do Império: **O envolvimento da Globo na corrupção do futebol**. Reportagem disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hQj_BCnUrOk

JORNAL NACIONAL; MAGNOTTA, Fernanda et al. "**Conflito na Ucrânia provoca mudanças na globalização**." Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10374132/>. Acesso em 9 de março de 2022.

JORNAL NACIONAL; SEGRILLO, Angelo; et al. "**Entenda por que americanos não estão em alerta com a ameaça nuclear de Vladimir Putin**." Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10348502/>. Acesso em 2 de março de 2022.

JOST, François. 2. O que é a televisão? In: ---. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007. Texto disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/search?q=JOST>. Acesso em 21 de jun de 2023.

LEITÃO, Daniel da Costa Lara. **Reflexões sobre o papel de Xi Jinping durante a guerra da Ucrânia: a legitimidade de um líder em ressurgimento na busca da paz e as consequências na ordem internacional**. Janus, v. 14, n. 1, 2023. Texto disponível em: <https://janusnet-ojs.autonoma.pt/index.php/janus/article/view/29>. Acesso em 20 de jun de 2023.

LEME, Fernando Albino. **O Jornal Nacional Como Ator Político: A Desconstrução Da Candidatura De Lula (Pt) Nas Eleições Presidenciais de 2018**. 300 f. Tese [Doutorado em Comunicação] –Universidade Paulista, São Paulo Biblioteca Depositária: Universidade Paulista – UNIP, 2020. Texto disponível em https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9340711. Acesso em 12/06/2023.

LEYEN, Ursula. **wonderful to see you again so soon, dear Volodymyr. Welcome to Brussels – the heart of the European family, in which Ukraine belongs. We will support Ukraine every step of the way towards our Union**. Bruxelas, 9 de fevereiro de 2023. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CocrF8TI040/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D> Acesso em 6 de maio de 2023.

LIMA, V. A. **Mídia: Teoria e política (2º ed.)**. Editora Fundação Perseu Abramo. Trabalho original publicado em 2001. 2012

MANHÃES, Eduardo. **Análise do discurso**. In DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. E MARTINO, Luís Mauro Sá; **Mídia, Ética e Esfera Pública**. Belo Horizonte: PPGCOM - UFMG, 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Ficha técnica**. Reportagem disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/noticia/ficha-tecnica.ghtml>>

MEMÓRIA GLOBO. **História**. Reportagem disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>> Acesso em 10 de out de 2022.

MIDDLEJ, Aline; et al. **"Saiba quem são os oligarcas russos."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10361914/>. Acesso em 5 de março de 2022.

MORAES, Denis . Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: MORAES, Denis; RAMONET, Ignacio.; SERRANO, P. **Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo/FAPERJ, 2013. p. 19-52.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2005. Texto disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>

SILVA, G. & MAIA, F. D. **Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico**. Revista Rumores. Edição 10, v.5, jul.-dez. 2011.

SILVA, G.; MAIA, F. D. **O método Análise de Cobertura Jornalística na compreensão do crack como acontecimento noticioso**. In: Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos / Bruno Souza Leal, Elton Antunes e Paulo Bernardo Vaz. Florianópolis: Insular, v.2, 2011

SONTAG, Susan. **Diante Da Dor Dos Outros**. Editora COMPANHIA DAS LETRAS 2003. Texto disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/susan-sontag-diante-da-dor-dos-outros.pdf>>

UOL: **Assembleia Geral da ONU pede retirada das tropas russas da Ucrânia**. Reportagem disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/02/23/assembleia-geral-da-onu-vota-para-exigir-retirada-russa-da-ucrania.htm>>

Jornal da Record: **O Lado Oculto Do Império: O envolvimento da Globo na corrupção do futebol**. Reportagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQj_BCnUrOk>

VITÓRIA, P. R. **A Colonização Das Utopias E Outras Consequências Da Assimilação Acrítica Dos Principais Discursos Ocidentais Sobre Democracia E Direitos Humanos**. Revista Direitos Fundamentais & Democracia, 23 (2), 198–236. 2018. Artigo disponível em: <<https://doi.org/10.25192/issn.1982-0496.rdfd.v23i21298>>.

TRIGUEIRO, André; et al. **"Entenda por que a Rússia exige que a Ucrânia nunca faça parte da Otan."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10406756/>. Acesso em 20 de março de 2022.

VASCONCELLOS, Renata; et al. **"Guerra na Ucrânia reaproxima antigos inimigos."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10392523/>. Acesso em 15 de março de 2022.

VASCONCELLOS, Renata; et al. **"Entenda como sanções podem influenciar em uma guerra."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10392523/>. Acesso em 15 de março de 2022.

VASCONCELLOS, Renata; et al. **"Entenda como sanções podem influenciar em uma guerra."** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10392523/>. Acesso em 15 de março de 2022.

WILSON, Corrêa da Fonseca Jr. **Análise do discurso escrito por Eduardo Manhães.** In: Duarte, J. & Barros, A. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. SP: Atlas, 2006.

ZARPELÃO, Sandro Heleno Morais. **As Visões da Imprensa Escrita Brasileira: O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo na Cobertura da Guerra do Golfo (1990-1991)** XXVII Simpósio Nacional De História, 2013. Texto disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anaisimposios/pdf/201901/1548875181_ee306f298122846fc61dbc63c6a368c3.pdf>. Acesso em 02/07/2023.